

Clarice Lispector.

Uma pomba na busca eterna pelo ninho

Editorial

Há 30 anos morria a escritora **Clarice Lispector**. Três décadas não foram capazes de calar sua voz e o impacto de seus escritos. A revista *IHU On-Line* desta semana propicia uma oportunidade para entender melhor a vida e a obra desta mulher que não sabia se definir. Clarice parecia estar eternamente em busca de sua casa, de seu ninho, de seu eixo. Mais do que seus relatos, sua biografia e sua visão de mundo podem ser encontrados na vida das personagens de seus livros.

Esta edição é mais um resultado da parceria do Instituto Humanitas Unisinos - IHU com o Centro de Teologia e Ciências Humanas (CTCH) da PUC-Rio. Sob a coordenação da Profa. Dra. **Eliana Yunes**, contribuem as seguintes professoras e pesquisadoras: **Gilda Carvalho**, da CTCH/PUC-Rio; **Eliane Hatherly Paz**, da Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio; **Teresa Montero** e **Gabriela Lírio**, ambas da UNESA; e **Lícia Manzo**, de *O Globo*.

As entrevistas com o escritor e jornalista **José Castello**, **Lucia Helena**, professora da UFF, **Yudith Rosenbaum**, professora da USP, e **Vilma Arêas**, professora da Unicamp, completam esta edição.

As crônicas de **Affonso Romano de Sant'Anna** e **Marina Colasanti**, intercalando as entrevistas, são inéditas e revelam, ao mesmo tempo, dados do início dessa amizade e traduzem as gratas surpresas do convívio com a escritora. E são aquilo que se propuseram ser na idéia original de seus autores - uma justa homenagem! Elas dão um toque especial a esta edição.

Analisando a conjuntura nacional, contribui o economista **Guilherme Delgado**, que complementa a sua reflexão sobre a economia nacional, feita em recente entrevista, publicada nas *Notícias do Dia* de 10-07-2007, disponíveis na página eletrônica do IHU.

Confira também a história de vida de duas mulheres que vieram, literalmente, de mundos diferentes, mas que têm em comum a garra feminina de lutar por um mundo melhor.

Em tempos de etanol, o Filme da Semana é *Baixio das bestas*, de Cláudio Assis. Polêmico, mas que merece ser visto e debatido.

Informamos que a revista *IHU On-Line*, como fazemos todos os anos durante o mês de julho, não circulará na próxima semana. A veiculação normal da revista será retomada no próximo dia 30 de julho.

Esta é a primeira edição que fazemos em parceria com o CTCH da PUC-Rio. Agradecemos às colegas da PUC-Rio, esperando que as outras edições projetadas para este ano sejam da qualidade desta. Agradecemos, também, ao nosso colega **André Dick**, doutor em Literatura Comparada pela UFRGS, que, além da atenta revisão dos textos, contribuiu na elaboração das entrevistas desta edição.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 10 | José Castello: “Ninguém lê Clarice sem ser devastado pelo que lê”

PÁGINA 16 | Lucia Helena: A marca de uma aura filosófica e da vocação para o abismo

PÁGINA 21 | Yudith Rosenbaum: “Clarice Lispector quer desmontar as máscaras e conhecer o que há por trás delas”

PÁGINA 27 | Eliana Yunes: Clarice Lispector: uma descoberta avassaladora

PÁGINA 31 | Lícia Manzo: A aproximação *vida e obra* em Clarice Lispector

PÁGINA 37 | Vilma Arêas: “Clarice sempre procurou, de forma radical, compreender os esquemas alienantes do homem”

PÁGINA 39 | Gabriela Lírio: Uma conversa com Clarice Lispector

PÁGINA 41 | Teresa Montero: Diálogos possíveis com Clarice Lispector

B. Destaques da semana

» Brasil em Foco

PÁGINA 44 | Guilherme Delgado: “Há dólar demais no sistema econômico brasileiro”

» Filme da Semana

PÁGINA 48 | *Baixio das bestas*, de Cláudio Assis

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 52 | Destaques On-Line

PÁGINA 54 | Frases da semana

C. IHU em Revista

» PERFIL POPULAR

PÁGINA 57 | Bernadeti Martins

» IHU REPÓRTER

PÁGINA 60 | Liu Chiu Chih

Clarice Lispector. Uma vida contada pela palavra escrita

ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS



Clarice Lispector nasceu em Chechelnyk, na Ucrânia, em 10 de dezembro de 1920. De família judaica, emigrou com a família para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade.

Começou a escrever

logo que aprendeu a ler, na cidade de Recife. Clarice falava vários idiomas, entre eles o francês e inglês. Mas ela cresceu ouvindo no âmbito domiciliar o idioma materno familiar, o iídiche.

Em 1944, publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. A literatura brasileira era, nesta altura, dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contando a difícil realidade social do país na época. Clarice Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto elíptico, e fragmentário. Em verdade, a obra de Clarice ultrapassou qualquer tentativa de classificação. A escritora e filósofa francesa Hélène Cixous vai ao ponto de dizer que há uma literatura brasileira A.C. (Antes de Clarice) e D.C. (Depois de Clarice).

Seu romance mais famoso, embora menos característico, tanto pela temática quanto pelo estilo, é *A hora da estrela*, o último publicado antes de sua morte. Este livro narra a vida de Macabéa, uma nordestina criada no estado de Alagoas que migra para o Rio de Janeiro, e vai morar em uma pensão, tendo sua

vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M.

Escolher seu melhor romance, contudo, é sempre polêmico. A crítica se divide entre *A paixão segundo G.H.* e *Água viva*.

Clarice traduziu para língua portuguesa falada no Brasil, em 1976, o livro *Entrevista com o vampiro*, da autora estadunidense Anne Rice. Em artigo publicado no jornal *The New York Times*, no dia 11-03-2005, a escritora foi descrita como o equivalente de Kafka¹ na literatura latino-americana. A afirmação foi feita por Gregory Rabassa, tradutor para o inglês de Jorge Amado², Gabriel García Márquez³, Mario Vargas Llosa⁴ e de Clarice.

¹ Franz Kafka (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. De suas obras, destacamos *A metamorfose* (1916), que narra o caso de um homem que acorda transformado num gigantesco inseto, e *O processo* (1925), cujo enredo conta a história de um certo Josef K., julgado e condenado por um crime que ele mesmo ignora. (Nota da *IHU On-Line*)

² Jorge Amado (1912-2001): escritor baiano, nascido em Itabuna. Escreveu dezenas de livros, entre romances, novelas, literatura infanto-juvenil, poesia, contos, relatos autobiográficos, peças de teatro, guias de viagem e documentos políticos e de oratória. De suas obras, destacamos *Capitães da areia* (1936), *Gabriela cravo e canela* (1958), *Tenda dos milagres* (1969) e *Tieta do Agreste* (1977), todas estas adaptadas para a televisão. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Gabriel García Márquez (1928): escritor colombiano, jornalista, editor e ativista político. Em 1982, recebeu o Nobel de literatura pelo livro *Cem anos de solidão*. Marquez é considerado o responsável pela criação do realismo mágico na literatura latino-americana. Sobre *Cem anos de Solidão*, a IHU On-Line realizou uma edição especial, intitulada *Cem anos de solidão. Realidade, fantasia e atualidade: os 40 anos da obra de Gabriel García Márquez*. A edição 221, que circulou no dia 28 de maio de 2007, pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ Mario Vargas Llosa (1936): escritor de língua espanhola, romancista, jornalista, ensaísta e político. (Nota da *IHU On-Line*)

Clarice Lispector faleceu de câncer (cancro) em 09 de dezembro de 1977, um dia antes de seu 57º aniversário. Foi inumada no Cemitério do Caju, também na capital fluminense.

Livros de sua autoria

- *Perto do coração selvagem* (1944); *O lustre* (1946); *A cidade sitiada* (1949); *Alguns contos* (1952); *Laços de família* (1960); *A maçã no escuro* (1961); *A legião estrangeira* (1964); *A paixão segundo G.H.* (1964); *O mistério do coelho pensante* (1967); *A mulher que matou os peixes* (1968); *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* (1969); *Felicidade clandestina* (1971); *A*

imitação da rosa (1973); *Água viva* (1973); *A vida íntima de Laura* (1974); *A via crucis do corpo* (1974); *Onde estivestes de noite* (1974); *Visão do esplendor* (1975); *A hora da estrela* (1975).

Livros póstumos

Para não esquecer (1978); *Quase de verdade* (1978); *Um sopro de vida (pulsações)* (1978); *A bela e a fera* (1979); *A descoberta do mundo* (1984); *Como nasceram as estrelas* (1987); *Cartas perto do coração* (2001) (cartas trocadas com Fernando Sabino); *Correspondências* (2002); *Correio Feminino* (2006); *Entrevistas* (2007).

Clarice Lispector: escritora, mestra, amiga

POR GILDA CARVALHO

A seguir, confira o texto de Gilda Carvalho, que apresenta as crônicas produzidas por Affonso Romano de Sant'Anna e Marina Colasanti.

Ao longo de alguns anos Affonso Romano de Sant'Anna⁵

⁵ **Affonso Romano de Sant'Anna (1937):** poeta, jornalista brasileiro. Nos anos 1960, participou dos movimentos que transformaram a poesia brasileira, interagindo com os grupos de vanguarda e construindo sua própria linguagem e trajetória. Também data desta época sua participação nos movimentos políticos e sociais. Como poeta e cronista, foi considerado pela revista *Imprensa*, em 1990, um dos dez jornalistas que mais influenciam a opinião de seu país. Dirigiu o Departamento de Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) na década de 1970, organizou a “**Expoesia**”, evento que reuniu 600 poetas num balanço da poesia brasileira e trouxe ao Brasil conferencistas estrangeiros como Michel Foucault. Como jornalista, trabalhou nos principais jornais e revistas do país: **Jornal do Brasil**, **Senhor, Veja, Isto É** e **O Estado de São Paulo**. Foi cronista da **Manchete** e do **Jornal do Brasil**. Está no jornal **O Globo** desde 1988. Foi considerado pelo crítico **Wilson Martins** como o sucessor de **Carlos Drummond de Andrade**, no sentido de desenvolver uma

e Marina Colasanti⁶ conviveram com Clarice Lispector e

“linhagem poética” que vem de Gonçalves Dias, Bilac, Bandeira e Drummond. De sua obra, composta por cerca de 30 livros de ensaios, poesia e crônicas, destacamos **Que fazer de Ezra Pound?** (São Paulo: Imago, 2003), **Desconstruir Duchamp** (Rio de Janeiro: Vieira & Leme, 2003) e **A cegueira e o saber** (Rio de Janeiro: Rocco, 2006). Sant'Anna foi diretor da Biblioteca Nacional, e esteve presente na Unisinos, participando do **Simpósio Internacional O Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos?** Nesta ocasião, o jornalista foi entrevistado pela *IHU On-Line*, com o título “Pensar que o artista é mais livre que um engenheiro é uma temeridade”. A entrevista pode ser conferida na edição 220, de 21 de maio de 2007. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶ **Marina Colasanti (1937):** escritora, jornalista ítalo-brasileira, nasceu na colônia italiana da Eritreia. Migrou, com a família, para o Brasil com o escalão da Segunda Guerra Mundial. Estudou Belas-Artes, e como escritora publicou 33 livros, entre contos, poesias, literatura infantil e infanto-juvenil. (Nota da *IHU On-Line*)

escreveram sobre ela. Depois, se dispuseram a reunir o material que produziram sobre a escritora para de alguma forma homenageá-la em algum momento especial. Parte desse acervo foi disponibilizado para a *IHU On-Line*, que, com esta edição, participa da série de celebrações que acontecem Brasil afora neste ano em que se comemoram os trinta anos da morte da escritora.

Clarice Lispector entrou em suas vidas com a distância dos mestres e delas saiu com a proximidade dos amigos queridos. Affonso Romano de Sant'Anna é poeta, ensaísta, cronista, professor e jornalista. Mariana Colasanti é também jornalista e cronista; como escritora publicou diversos livros para o público adulto e infantil.

Affonso e Marina tiveram a oportunidade de trabalhar e conviver com Clarice durante muito tempo, ainda que por caminhos diferenciados. Tornaram-se amigos, compartilharam experiências comuns. Os textos que publicamos no decorrer da matéria de capa desta edição, intercalando as entrevistas sobre Lispector, são originais e revelam, ao mesmo tempo, dados do início dessa amizade e traduzem as gratas surpresas do convívio com a escritora. E são aquilo que se propuseram ser na idéia original de seus autores - uma justa homenagem!

Clarice Lispector - Nossa escritora maior

POR MARINA COLASANTI

“Eu não mereço este prêmio. Este é um prêmio para profissionais e eu não sou uma profissional. Profissional escreve todos os dias, porque precisa. Eu escrevo quando quero, porque me dá prazer.”

Brasília, Palácio do Buriti, abril, 1976. Palavras de Clarice Lispector ao receber o Prêmio da Fundação Cultural de Brasília por Conjunto da Obra, no valor de 70.000 cruzeiros.

Em março de 1959, a revista *Sr.* era caríssima, sofisticadíssima, inteligentíssima. Meu irmão Arduíno e eu ganhamos o primeiro número e descobrimos Clarice Lispector.

Seu conto “A menor mulher do mundo” passaria a nos exigir, por obra de sedução, mirabolantes artimanhas de economia mensal para ter direito ao encontro com um búfalo atrás das grades do zoológico, com o terror escondido nas folhas do Jardim Botânico ou com a solidão da loucura trazida por um buquê de rosas. Clarice nos

fascinava. Levados por ela, descobríamos uma literatura de angústia, profunda solidão de diálogos mudos.

A escritora vivia assim em nossa casa, ao pé da nossa cama, transitando em nossas conversas. A mulher, não sabíamos.

No retrato pintado pelo artista italiano De Chirico⁷, entre tantos outros nas paredes de sua casa, a mulher Clarice tem rosto de mistério nas maçãs altas, nos olhos de talhe oblíquo e expressão não revelada. Mas tem também rosto de sensualidade nas cores quentes, na boca vermelha, brilhante.

A primeira Clarice que conheci já não era igual a esta. Era - ou será que me pareceu? - alta. Os cabelos vermelhos, cobre-escuro, cortados quase curtos e apenas escovados para trás em mechas leoninas, marcavam com

⁷ Giorgio de Chirico (1888 - 1978): pintor italiano. Chirico fez parte do movimento chamado *Pintura metafísica*, considerado um precursor do Surrealismo. (Nota da *IHU On-Line*)

muita força os contornos do rosto. Rosto pouco carnudo, de boa carpintaria e leve emboço, apenas arrematando, suavizando o desenho anguloso das maçãs altas, altíssimas, o corte, decididamente corte, dos olhos claros.

Eu a olhava em silêncio de devoção, levada à sua casa por um amigo comum. Não creio que Clarice me visse naquela tarde, ou melhor: feita pequena por minha humildade frente a ela, eu me senti invisível. E como invisível fiquei reparando nas mãos grandes, nas pulseiras de cobre, na máquina de escrever portátil posta numa mesinha da sala, nos livros em prateleiras suspensas ao longo das paredes.

Guardei aquela Clarice na memória e fui adiante, andar a minha vida. Quando nos reencontramos, anos mais tarde, eu já não era a mesma, levada pelo amigo, nem ela era mais aquela.

Tive assim uma segunda Clarice. E, com o tempo e com a amizade, fui acrescentando outras e tantas Clarices às imagens que dela guardava, construindo em mim, aos poucos, a totalidade de uma pessoa tão rica e tão vária.

“Marina? Eu precisava de uma informação sua.”

“Pois não, Clarice, diga.”

“Onde é o lugar que se comprem mocassins?”

Eu, surpresa do meu lado do fio, na redação do *Jornal do Brasil*, procurando nomes de sapatarias onde houvesse mocassins dignos da Clarice. Ela, delicada e imprevisível, eu querendo atendê-la.

Assim a gente se sente ao lado dela. Querendo de qualquer maneira atendê-la. Somos, nós amigas dela (e hoje me ponho sim, com segurança, no rol das suas amigas próximas, por amor e empatia), convocadas por nosso mais profundo sentimento maternal. Desejo de aconchegá-la. Evitar-lhe males. Clarice de vidro, sensibilidade exposta, tem que ser resguardada.

De vidro. E, no entanto, de extrema segurança. Numa estadia em Brasília, Clarice, que foi casada com o diplomata Mauri Gurgel Valente e mantém, até hoje,

muitas relações de carinho no mundo do Itamaraty, acabou indo a uma sofisticadíssima recepção diplomática numa mansão do lago, contrariamente a seus hábitos muito frugais. Chegou Clarice e a dona da casa logo se movimentou querendo atendê-la. Desejaria Clarice um uísque, um coquetel, uma taça de champanhe ou até mesmo um refrigerante? Não, Clarice queria mesmo, e só, um copo de leite. Aterrorizada, a dona da casa deu-se conta de que não havia nas geladeiras da sua mansão uma única gota de leite. O chofer foi imediatamente enviado em busca do leite, produto difícil àquela hora tardia numa cidade como Brasília. De fato, o chofer e o leite demoraram.

Após uma espera regulamentar, Clarice serenamente levantou-se e, informando que seu leite estava demorando demais a chegar e que ela se sentia cansada, retirou-se com toda a tranqüilidade.

Clarice nasceu em 1926, na Ucrânia, em Tchetelnik, pouco antes de seus pais, Pedro e Marian Lispector, decidirem mudar-se para o Brasil. Aqui se estabeleciam no Recife. E a escolha da cidade violentamente tropical, em se contrapondo às origens, marcou para sempre, naquela que viria a ser um dos nomes mais importantes da literatura brasileira, o dualismo entre a força incontrolável de vida e a profundidade interna do pensamento.

Letra e literatura juntaram-se para ela, desde o início, numa unidade indissolúvel, pois aprender a ler foi também aprender a escrever. Aos 7 anos de idade, quando a maioria das crianças é apenas alfabetizada, Clarice já era autora de uma peça e alguns contos.

Em 1934, a família mudou-se para o Rio. E em 1943, cursando a Faculdade de Direito, Clarice escreveu seu primeiro romance: *Perto do coração selvagem*. Tinha 17 anos. Mas o romance foi recusado pelo editor José Olympio. E só um ano mais tarde, quando Clarice trabalhava na Editora A Noite, veria sua publicação. No mesmo ano, o livro que a José Olympio havia recusado

ganhava o Prêmio Graça Aranha.

“Escrevo quando quero, porque me dá prazer.” Não houve, ao que parece, momento em que Clarice não quisesse escrever. Dois anos depois de lançar *Perto do coração selvagem*, ela edita *O lustre*. Três anos depois outro romance, *A cidade sitiada*. Em 1959, o Serviço de Documentação do MEC publica *Alguns Contos*. No mesmo ano é editado *Laços de família*. Em 61, *A maçã no escuro* sacode os ambientes literários, recebendo, no ano seguinte, o Prêmio Carmem Dolores Barbosa, de São Paulo. Em 64, aparecem o livro de contos e crônica *A legião estrangeira* e o romance *A paixão segundo GH*. Em 69, é a vez de *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, que lhe vale o Golfinho de Ouro da Literatura. Segue-se *Felicidade clandestina*, livro de contos. O ano de 73 nos traz *Água viva*. E já em 74 sai *Onde estiveste de noite*, contos, seguido em 75 por *Visão do esplendor*, impressões leves.

É o conjunto riquíssimo dessa obra que lhe valeu o prêmio de Brasília por unanimidade do júri.

“Profissional escreve todos os dias.” Quando escreve Clarice? Organizadamente, ela costuma escrever de manhã. Acorda muito cedo, às vezes escuro ainda, no silêncio da madrugada. Mas não se senta diante da máquina. Perambula pela casa, fuma, toma café, olha pela janela o despertar de Copacabana, o sol invadindo aos poucos o Leme, seu bairro de muitos anos. Não escreve. Espia o avanço do dia. Esquenta-se por dentro, como um atleta. Só no momento em que a vida toda foi posta a funcionar com seu alarido, ela começa a trabalhar.

Mas escreve também desordenadamente, a todas as horas e em qualquer lugar, tirando um pedacinho de papel e uma caneta da bolsa, anotando aquilo que, como um fluxo, sobe. Esses pedacinhos férteis serão pescados na bolsa no fim do dia, guardados. Quem os conhecesse os veria depois aparecer nas impressões leves ou mesmo

nos romances, soltos da mesma maneira como surgiram ou então aplicados, como um retalho, à colcha maior.

Talvez seja justamente a convivência com esses pequenos escritos de Clarice a chave para que se possa conhecê-la melhor, descobri-la. Eu os encontrei primeiro no “Children’s Córner”, seção por ela assinada na revista *Sr.* E os revivi depois, já editados em livro, em *A legião estrangeira*. Mas os tive mais próximos no longo período em que, como subeditora de texto do *Caderno B*, do *Jornal do Brasil*, era diretamente responsável pelas crônicas de Clarice.

Eu digo crônicas por cacoete porque, na verdade, fugindo à estrutura da crônica tradicional, eram simplesmente textos, reflexões curtas, talvez rabiscadas em origem nas costas de uma nota de compras. Vinham num envelope pardo, grande, trazendo sempre a recomendação: “Atenção, não perder, não tenho cópia!”. Isto durante anos (já não sei quanto ao certo, mas arrisco dizer que foram oito), sempre a mesma recomendação. E às vezes, em breves contatos telefônicos, ela ainda reforçava: “Marina, tome cuidado, não perca minha crônica, porque não tenho cópia” - e em seguida acrescentava - “Eu não uso carbono, o carbono franze”.

É claro que nunca perdemos um único texto de Clarice mas, mesmo assim, ela só se tranqüilizou quando viu pessoalmente que, logo ao chegar, as crônicas eram xerocadas e as numerosas cópias entregues à *Agência JB* para distribuição a jornais do Estados.

Assim mesmo, passados já alguns anos, quando vejo a letra da Clarice, que hoje me chega nos autógrafos de seus livros, não posso deixar de associá-la às recomendações e também ao carbono, resumo em mim da sua delicadeza.

Percebo, escrevendo, que uma característica importante de Clarice dificilmente poderei transmitir com precisão. É seu modo de falar. Clarice fala de um modo absolutamente peculiar, que lhe acrescenta

encanto e aumenta seu mistério: fala com sotaque. Ou, pelo menos, é isso que parece e isso que, na verdade, gostamos de acreditar.

À luz da medicina, ela me explicou um dia, trata-se de um problema de língua presa ou de formação palatal, não sei ao certo. O fato é que resulta num erre afiado, quase rolado, mas com arestas, um erre que se constitui em diapasão de toda sua conversa, modificando a letra que o segue. Atribuindo ao “a” uma música de “e”, anasalando as palavras e permitindo aos imaginosos - como eu - defini-lo sem hesitação com um puro sotaque tártaro. A este som ela acrescenta uma distribuição de pausas pessoal e imprevisível, de quem pensa densamente por trás e se ocupa mais em seguir o pensamento do que em verbalizá-lo. Fico às vezes esperando o resto da frase que não vem, presa por aqueles olhos mágicos, ou então interrompo uma frase que vinha e eu não sabia. E muitas vezes, na dúvida, alimento longos silêncios animados de sorrisos.

Clarice sorri amplo quando se sabe entre amigos. Mas quando não sabe bem quem a rodeia, mantém-se quieta, nem bem na defensiva, apenas encolhida.

Foi assim que Affonso a viu na tarde em que ela foi fazer uma conferência na PUC. Affonso Romano de Sant’Anna, meu marido, diretor do Departamento de Letras daquela Universidade, onde ela havia sido convidada a falar. Ele chegou quando ela já havia feito a palestra e começava o debate. Pelo visor da porta, a viu sentadinha atrás da mesa, rodeada de alunos ansiosos, alunos que haviam lido e estudado sua obra, cheios de perguntas, querendo respostas. E ela ali, ela própria feita só de perguntas sem resposta, debaixo do bombardeio. “Por que havia posto o nome de Ulisses em uma de suas personagens masculinas? Qual a relação profunda entre a personagem e o herói da Odisséia? Havia-se inspirado em Homero?” Pausa. Silêncio de Clarice. Depois, falando quase baixo: “Botei o nome Ulisses porque era o de um rapaz que conheci na Suíça,

um jovem professor”. Estavam frustradas as expectativas dos estudantes, desejosos de correlações mirabolantes. E então Affonso, para quebrar um pouco o ritmo e amenizar o clima, perguntou, lembrando a frase: “Clarice, você acha que dois e dois são cinco?”. Ela mesma conta o fato em *Visão do esplendor*: “...Por um segundo fiquei atônita. Mas me ocorreu logo uma anedota de humor negro. É assim: o psicótico diz que dois e dois são cinco. O neurótico diz: dois e dois são quatro mas eu simplesmente não agüento. Houve então sorrisos e relaxamento.”

Quando menos se espera, ela quebra o momento e impõe seu ritmo. Foi o que fez também durante o I Encontro Nacional de Professores de Literatura realizado na PUC, de cujas sessões ela participava acompanhada da escritora Nélida Piñon⁸, sua fiel amiga. Uma tarde, no meio do confronto que os ensaístas Luiz Costa Lima⁹ e Zé Guilherme Merquior travavam em altas teorizações literárias, Clarice virou-se para Nélida dizendo com boa entonação: “Não estou entendendo nada. E isso tudo me deu fome. Vou-me embora para casa comer um frango assado inteiro com farofa”. E levantou-se.

Algo deste gênero deve ter acontecido também em Bogotá, onde foi ela foi participar de um congresso de bruxaria.

⁸ Nélida Piñon (1937): escritora brasileira, Imortal da Academia Brasileira. Formou-se em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e foi editora e membro do conselho editorial de várias revistas no Brasil e exterior. Também ocupou cargos no conselho consultivo de diversas entidades culturais em sua cidade natal. Estreou na literatura com o romance *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo*, publicado em 1961, que tem como temas o pecado, o perdão e a relação dos mortais com Deus. (Nota da *IHU On-Line*)

⁹ Luiz Costa Lima (1937): crítico literário, nasceu em São Luiz do Maranhão. Iniciou a carreira universitária em 1962, na Universidade de Pernambuco. Estudou na Espanha e nos Estados Unidos e doutorou-se em 1972 pela USP em Teoria da Literatura e Literatura Comparada. Foi professor visitante na Ruhr-Universität, Alemanha. (Nota da *IHU On-Line*)

O que estaria Clarice fazendo no meio de bruxos e parapsicólogos internacionais? Todos nós perguntamos. Mas ela me explicou com a maior simplicidade que lia um texto seu, o do ovo, em que analisa e discorre sobre a essência do ovo, sua força misteriosa. Ela apenas lia o texto e dizia, em seguida, que o achava absolutamente mágico e que não tinha para ele nem resposta nem entendimento. Se alguém pudesse lhe esclarecer alguma coisa, ficaria muito grata. Assim, com sua magia toda interior, Clarice sentou-se entre feiticeiros.

Num mundo cujos limites ela mesma traça, onde o diálogo interno é uma constante através da escrita - “Mas eu paro três dias cada vez que leio uma crítica a um trabalho meu ou que vou a uma noite de autógrafos cheias de escritores” -, ela se move rodeada de estranhezas. Como naquele dia, que era o primeiro do ano, e ela, na casa de uma amiga, mas sentindo-se tão só, saiu, sentou-se nos degraus da porta e conversando com Deus perguntou-lhe se era necessário tanto sofrimento. Que ele lhe desse uma mensagem. E uma pomba branca desceu e pousou diante dela. No dia seguinte, Clarice saiu e, passando diante de uma vitrina, viu uma peça de cerâmica com três pombas brancas. Entrou e comprou. Depois seguiu, ia ao médico, mas estava uma tarde tão quente, e ela parou à sombra de uma árvore e levou o braço à cabeça e algo caiu no seu braço e ela olhou e era uma pluma branca de pomba. Então entrou num táxi, que de repente deu um freada e ela perguntou ao chofer o que era e ele disse “quase atropelou uma pomba branca”. E finalmente Clarice chegou ao médico e ele a examinou e sentaram e antes de escrever a receita o médico disse “você quer um presente?”, e, então, abrindo a gaveta, lhe entregou uma branca pena de pomba.

A história das pombas foi ela que me contou e certamente, em sua mão, um dia ainda virará conto ou então entrará em algum romance. Mas eu a ouvi dela

assim, dita sem literatura alguma, e a guardei. Foi uma pena branca que Clarice me entregou um dia.

Estávamos, naquele dia, ela e eu indo a uma cartomante. Não sei o que a vidente disse a Clarice. Sei que saímos as duas muito impressionadas, cada uma com sua breve visão de futuro, depois de tomarmos café na pequena sala de casa de subúrbio. Acreditávamos, ambas, que o destino se escreve em palmas e plumas e nos espera.

Teria visto a vidente as chamas que um dia invadiram a vida de Clarice? Falar dela sem falar no acidente seria negar um vigoroso momento de sofrimento, escamotear um momento limite de sua vida. Eu soube primeiro pelos jornais: Clarice havia sofrido um incêndio. Tocada, eu, que naquela época era apenas a moça tímida que havia ido à sua casa um dia, lhe mandei flores, soubesse que lhe queria bem e estava próxima. Depois me disseram. Ela havia adormecido fumando e, acordando, já no meio das chamas e fumaça, tentara apagar o fogo, salvar seus papéis na escrivaninha. Queimou-se gravemente, sofreu durante longo tempo física e moralmente.

Dizem alguns que ela mudou muito com o acidente. Eu que procuro entendê-la com amor penso que o acidente permitiu-lhe assumir fisicamente a enorme fragilidade interior que a sólida mulher leonina e ruiva não se concedia. Rompeu-se, no fogo, uma dura crisálida.

Antes de tentar traçar o perfil de Clarice, pensei que deveria telefonar-lhe e, como jornalista, entrevistá-la. Pensei que iria à sua casa e que o cachorro Ulisses - o nome do moço suíço - me faria festa, me faria tanta festa até Clarice resolver trancá-lo na cozinha, de onde certamente sairia quando eu fosse buscar a bandeja com as xícaras e a garrafa térmica de café. Pensei que sentaríamos no sofá rodeadas de seus belos quadros, na tranquilidade cheia de livros do seu apartamento e que ela, pela primeira vez, me daria uma entrevista bem profissional, dizendo coisas objetivas e falando de literatura. E cheguei à conclusão de que não era nada

disso. Eu teria talvez mais dados, falaria melhor dos filhos Pedro e Paulo, dos livros infantis que ela já escreveu, das traduções de suas obras no exterior, daquilo que já está escrevendo agora, de suas crises de criação quando pensa que já não sabe, que já não quer, que já não tem o que escrever e se nauseia até voltar à máquina.

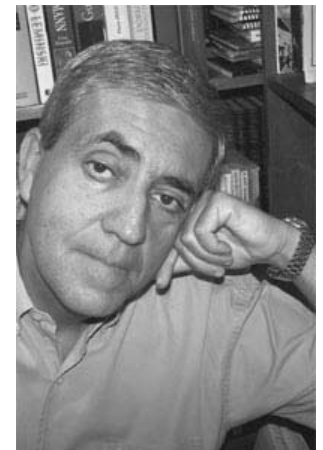
Mas não é atrás dos dados sólidos que se esconde o perfil de Clarice. É no erre rolado, nas pausas, no não falado, que ele se desenha. Como nos momentos em que me diz alto do outro lado de uma sala: “Marina, pára de namorar! Você não sabe que namorar é proibido?”. E eu sei que é exatamente o contrário, que ela está bem contente de me ver abraçada com Affonso, feliz, sorrindo, sorrindo para ela.

“Ninguém lê Clarice sem ser devastado pelo que lê”

ENTREVISTA COM JOSE CASTELLO

José Castello, nascido em 1951, no Rio de Janeiro, é um dos mais prolíficos críticos literários do Brasil hoje. Colabora regularmente com O Globo, Valor Econômico e Rascunho, entre outras publicações. Depois de 20 anos trabalhando com jornalismo literário, Castello escreveu o livro Inventário das sombras (Rio de Janeiro: Record, 1997), no qual conta os detalhes dos encontros que teve com escritores como Clarice Lispector, Ana Cristina Cesar, Nelson Rodrigues, Manoel de Barros e José Saramago, com o jornalista João Rath e com o artista plástico Arthur Bispo do Rosário. É também autor de perfis e biografias, como Vinicius de Moraes: o poeta da paixão (São Paulo: Companhia das Letras, 1993); Pelé - Os dez corações do rei (Rio de Janeiro: Ediouro, 2004); e João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma & Diário de tudo (2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006). Castello acredita, como Clarice Lispector, que não escolhemos os livros que vamos escrever - eles é que nos escolhem. Foi desse jeito que surgiu o seu romance Fantasma (Rio de Janeiro: Record, 2001), originalmente concebido como um volume sobre Curitiba, cidade onde Castello está atualmente radicado.

Confira, a seguir, a entrevista que ele concedeu por e-mail para a IHU On-Line. Nela, Castello fala sobre a obra e a vida de Clarice Lispector. E afirma: “Para Clarice, a literatura era, de fato, uma questão de vida ou morte - e não um luxo, ou uma afetação. Não era uma carreira, ou um projeto intelectual, ou um instrumento de afirmação existencial. Era um destino - com tudo o que essa palavra carrega de mais difícil”.



IHU On-Line - No texto “A senhora do vazio” (de *Inventário das sombras*), o senhor fala da sua admiração e dos seus contatos com Clarice. E conta que ela lhe disse, depois de mostrar um conto, que era “medroso” para ser escritor - e isso sempre o marcou, quando ia escrever. Ela exerce um poder de influência ainda em seus escritos?

José Castello - Certamente que sim - e não há nisso, entenda bem, nenhum mérito. Ao contrário: ao dizer isso, exponho uma fraqueza. Ninguém lê Clarice, ou um grande escritor como Clarice, sem ser devastado pelo que lê. O problema maior, nesses casos, é como digerir e transformar essa influência. A voz de Clarice é muito forte: se você bobear, ela contamina tudo o que você vier a escrever. É uma voz inconfundível e atordoante, de modo que toda influência se torna lamentável, é só um macaquear, uma imitação medíocre. Estamos sempre expostos a influências, fortes ou fracas, desejemos isso ou não. O primeiro problema para qualquer escritor, é como livrar-se das influências. No caso, é como “matar” Clarice dentro de si.

IHU On-Line - Nesse texto, ainda, há um comentário de que Clarice usava palavras “para tentar chegar além das palavras, para ultrapassá-las. Escreve para destruir as palavras”. Por isso, ela não se interessava por sua imagem de escritora. Como o senhor compreende isso na obra dela? Ela gostaria de ter sido inacessível?

José Castello - Não era o desejo de ser, ou parecer, inacessível que a guiava. Clarice desconfiava, mesmo, das palavras. Desconfiava da própria literatura, que ela via como algo de que não podia se livrar. Não via como uma escolha, mas como uma espécie de condenação. Ela conhecia muito bem o universo pedante, retórico, vazio do mundo literário, pelo qual sempre sentiu grande repulsa. Para Clarice, a literatura era, de fato, uma questão de vida ou morte - e não um luxo, ou uma

afetação. Não era uma carreira, ou um projeto intelectual, ou um instrumento de afirmação existencial. Era um destino - com tudo o que essa palavra carrega de mais difícil. A idéia de destruir as palavras surgiu de sua desconfiança em relação às próprias palavras. Ela conhecia a precariedade (humana) da palavra, suas limitações, seus engodos. Clarice desejava ir além das palavras para tocar, enfim, o real. Nesse sentido, a literatura, em vez de instrumento, era um obstáculo, que ela devia ultrapassar e vencer. Essa era uma posição solitária e radical, que ainda hoje desperta muitas incompreensões.

IHU On-Line - Ainda em seu relato, o senhor afirma ter encontrado Clarice, um dia, na rua, em frente a uma vitrina onde só havia manequins. Então, houve a constatação de que a escritora tinha “paixão pelo vazio”. De que forma esse vazio pode ser entendido em sua obra?

José Castello - O vazio era justamente o “além da palavra”. De certo modo muito especial, Clarice foi uma mística. Mística que, em vez da religião, ou do esoterismo, adotou a literatura como instrumento. Esvaziar-se, para Clarice, era livrar-se da repetição, dos mecanismos defensivos, das desculpas, das muletas existenciais. A paixão pelo vazio era a paixão por aquele ponto do humano em que as certezas se evaporam e restam apenas as perguntas. Era a paixão pela dúvida que hoje, numa era de dogmas e de ortodoxias, está em descrédito, está satanizada. Mas sem as perguntas, sem o apego às perguntas, ninguém se torna um grande escritor, e Clarice sabia disso.

IHU On-Line - Depois de já ser conhecida e respeitada como autora de romances e contos, Clarice passou a escrever crônicas, que abrangem um gênero que mais se aproxima do leitor comum. Há nessas crônicas o estranhamento da obra de Clarice, tendo

algumas delas servido de base para textos futuros de *Água viva* e *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, sobretudo?

José Castello - Sim, Clarice usou muito material de suas crônicas para compor algumas narrativas longas. Não era uma mulher dada a formalidades. Tampouco foi uma fanática pelo novo - como foram tantos escritores do século XX. Para Clarice, escrever era escutar o mundo. “Não sou eu quem escrevo, são meus livros que me escrevem”. Ou seja: escrever era, um pouco, ler a si mesma e ao mundo que a cercava. Escrever era ler. Mas vá dizer isso aos escritores que só pensam em listas de mais vendidos!

IHU On-Line - Clarice Lispector afirmou, certa vez: “Os meus livros não se preocupam com os fatos em si, porque para mim o importante é a repercussão dos fatos no indivíduo”. Poderia comentar essa posição e afirmar se ela é coerente com a obra de Clarice?

José Castello - Sim, ela pensava isso, mas isso não nos autoriza a ver Clarice como uma autora do Eu. Não foi uma ególatra, fascinada pelo pessoal e pelo confessional. De fato, existem muitos aspectos confessionais na obra de Clarice - mas eles dizem respeito à experiência de estar vivo, ao pânico diante do mundo, ao sentimento de solidão e de exílio. Portanto, a experiências universais, e não só desse ou daquele indivíduo e de suas vidinhas pessoais. Quanto a ser coerente, Clarice nunca se preocupou com isso. Até porque conhecia e, sobretudo, preferia a incoerência que rege o humano. Preferia os paradoxos, os impasses, os abismos. Preferia, à coerência, o erro. Foi uma mulher muito sábia.

IHU On-Line - No seu texto “A senhora do vazio”, já referido, o senhor fala de um contato que teve com Hélène Cixous, que é apontada como a mais importante especialista na Europa de Clarice. Ela teria afirmado que Clarice é a maior escritora do Ocidente

no século XX e que sua obra só pode ser comparada à de Kafka. O senhor concorda com essa afirmação? Como situaria a presença e a importância de Clarice na literatura mundial?

José Castello - Literatura não é olimpíada. Essas medições, portanto, são muito perigosas, senão absurdas. Não dou importância a cânones: cada leitor constrói o seu próprio cânone e, mesmo assim, ele está sempre em movimento, pode mudar a qualquer momento, e de fato muda. Posso dizer que, sem dúvida, Clarice, assim como Kafka, estão entre meus escritores preferidos, daí as afinidades que encontrei com Hélène Cixous. Soube por uma amiga, que frequentou suas oficinas em Paris, que Hélène pede a seus alunos que escolham um texto de Clarice para ler em voz alta - e devem fazer isso até que comecem a chorar! Isto é, até chegar ao limite, até o texto explodir, até (como queria Clarice) o leitor “se tornar” o escritor. Hélène sempre aponta em Clarice o gosto pelas experiências extremas (que a levaram a ser conhecida até como “bruxa”). E adota esse gosto, essa opção para si mesma.

IHU On-Line - A admiração por *A paixão segundo G.H.*, que o marcou quando começava a escrever, ainda existe? Quais os elementos que tanto o atraíram para a leitura desse livro e o marcaram? E por que o senhor acha que *A hora da estrela*, por outro lado, é o livro mais surpreendente que ela escreveu?

José Castello - Sinto-me até hoje marcado pela leitura de *A paixão segundo G.H.*, romance que estou sempre a reler. Ao lado de *Água viva*, me parece ser o romance mais radical que Clarice escreveu. Os dois, mais *A hora da estrela*, eu penso, formam a base da literatura de Clarice. Muitos acreditam que *A hora da estrela* foi uma concessão tardia que Clarice fez ao realismo. A idéia é absurda. Ao contrário, acredito que se trata, mais, de uma espécie de testamento literário de Clarice. Ela o escreveu, como se sabe, pouco antes de morrer. O

narrador, Rodrigo S. M., ele sim, tem a pretensão de escrever uma narrativa realista sobre a vida de Macabéa. Tem essa pretensão e fracassa. Mas isso não aparece, por exemplo, na versão filmada do romance, dirigida por Suzana Amaral¹⁰. É um filme muito bonito, mas que talha o livro de Clarice ao meio. Suzana filma apenas o romance que Rodrigo S. M. tenta escrever - mas exclui de seu filme o personagem principal do livro, o próprio Rodrigo. *A hora da estrela* é um livro irônico, uma espécie de resposta que Clarice dá aos que sempre lhe cobraram uma atitude realista. Rodrigo, seu duplo, aventura-se no realismo, e fracassa. Completamente. Desse modo, Clarice expõe todas as ilusões, os mal-entendidos e as falsificações que definem a literatura realista. É como se dissesse: “Vocês querem realismo? Então lhes dou, aqui está”. O próprio sobrenome de Rodrigo, S. M., evoca a noção de Sua Majestade - quer dizer, o autor todo poderoso e onipotente, que controla suas narrativas e que acredita que, com elas, chega a controlar o mundo.

IHU On-Line - Como foi sua experiência de contato com Clarice Lispector? O que sentiu quando ela lhe respondeu que escrevia para permanecer viva?

José Castello - Senti que dizia a verdade, a mais pura verdade. Não falava só de si, mas da atitude que os escritores, os grandes escritores, têm diante da literatura. Acredito muito na potência da literatura. Em nosso mundo dogmático, fechado, superficial e fanatizado, a literatura se torna o discurso da liberdade

¹⁰ **Suzana Amaral (1932)**: é cineasta e roteirista brasileira. Também atuou como atriz. Começou a carreira aos 37 anos no final da década de sessenta. É formada em Cinema pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Fazendo em Nova York o mestrado em direção de cinema na Graduate Film School - School Of The Arts, na Universidade de Nova York, e em Acting and Directing for Film no Actor's Studio. Exerceu vários cargos profissionais tendo sido professora de roteiro e fotografia na Escola de Comunicações e Artes da USP de 1972 a 1975. (Nota da *IHU On-Line*)

interior. Grande escritor é aquele que encontra sua própria voz, e não aquele que se submete a regras, a cânones, ou a verdades consagradas. A literatura, Clarice dizia isso, exige muita coragem. Com medo ninguém se torna escritor. E Clarice foi uma mulher muito corajosa.

O lápis e a folha em branco

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

- O que é necessário para uma pessoa vir a ser escritor? Pergunta simples. Resposta complexa.

Clarice Lispector, no fabuloso *A maçã no escuro*, nos diz algo a respeito. Algo não, muito, a respeito disto. É ter a coragem e a competência para ler, mastigar, ruminar esse manual da escrita e da vida que é esse livro, é já um teste para quem se pensa escritor. Verdade é que o bom leitor, o que não quer necessariamente ser escritor, mas se escreve e se inscreve nos livros alheios, esse terá também aí a prova de suas habilidades.

- O que nos diz Clarice?

Mais ou menos no meio do romance, o personagem Martim teve um impulso de escrever. Esse impulso, esclareça-se, surge numa progressão de descobertas de sua relação com o mundo: “Como um homem que fecha a porta e sai, e é domingo. Domingo era o descampado de um homem”. Ele já havia iniciado um aprendizado de observar e interpretar o seu entorno. Principiou pelo mais simples, pelo mundo mineral e vegetal. Reaprendeu a ver a natureza dentro e fora de si mesmo: as pedras, os pássaros, as vacas na fazenda. Já reaprendera a ver as roseiras, as abelhas, as samambaias e a surpreender a singularidade pungente e alarmante que cada objeto ou criatura tem. Já se aproximara de seu semelhante, estava descobrindo a mulher e o amor. Portanto, fora um longo trajeto de reelaboração interior articulado com a redescoberta do mundo.

Numa noite, dando seqüência a esse percurso de pequenas epifanias, ele teve estranha necessidade de escrever: “Nessa noite, pois, ele acendeu a lamparina, pôs os óculos, pegou uma folha de papel, um lápis; e como um escolar sentou-se na cama. Tivera a sensata idéia de por ordem nos pensamentos e resumir os resultados a que chegara nessa tarde - uma vez que

nessa tarde ele finalmente entendera o que queria. E agora, assim como aprendera a calcular com números, dispôs-se a calcular com palavras”.

Martim, no entanto, começa a ter algumas surpresas e dificuldade: “Ele não sabia que para escrever, era preciso começar por se abster da força e apresentar-se à tarefa como quem nada quer”. Surge, então, uma série de pequenos desconfortos até físicos que os criadores sentem nessa circunstância. Alguns, na hora de escrever, começam a se distrair involuntariamente. Resolvem dar um telefonema. Levantam-se para ir pegar água na geladeira. E querendo e precisando escrever, mas disfarçando a necessidade, começam a arrumar objetos que os cercam.

Como todo ato de criar, escrever (às vezes, até mesmo uma simples carta, relatório ou trabalho escolar) é colocar-se na borda do abismo. Martim “hesitava e mordida a ponta do lápis (...) de novo revirou o lápis, duvidava e de novo duvidada, com um respeito inesperado pela palavra escrita. Parecia-lhe que aquilo que lançasse no papel ficaria definitivo, ele não teve deslante de rabiscar a primeira palavra. Tinha a impressão defensiva de que mal escrevesse a primeira palavra e seria tarde demais”.

Ler Clarice, minhas amigas e amigos, é uma das angustiantes e deliciosas responsabilidades da vida intelectual. Lamento não poder reencenar aqui a densidade verbal do que ela segue narrando naquele livro. Seu personagem segue sofrendo para encontrar seu canal de expressão: “tudo o que lhe parecera pronto a ser dito evapora-se, agora que ele queria dizê-lo”. E “de repente se sentiu singelamente acanhado diante do papel branco como se sua tarefa não fosse apenas a de anotar o que já existia mas a de criar algo a existir”.

Em meio às dificuldade em realizar algo que anteriormente lhe parecera tão simples, indaga-se o personagem se “teria havido um erro no modo como ele se sentara na cama ou talvez no modo de segurar o lápis, um erro que o depusera diante de uma dificuldade maior do que ele merecera ou aspirava? Ele mais parecia estar esperando que alguma coisa lhe fosse dada do que ele próprio fosse sair alguma coisa, e então penosamente esperava”. Enfim, ajeitando e reajutando-se física e animicamente, “como um dócil analfabeto estava na situação de pedir a alguém: escreva uma carta para minha mãe dizendo o que penso. ‘Final que é que está acontecendo?’ Inquietou-se de repente. Pegara no lápis com a modesta intenção de anotar seus pensamentos para que se tornassem mais claros, fora apenas isso que pretendia! Reivindicou irritado, e não merecia tanta dificuldade”.

E a autora vai enfatizando aqui e ali - “desolado, ele provocara a grande solidão. E como um velho que não aprendeu a ler ele mediu a distância que o separava da palavra”. Surge, então, dentro do texto de Clarice, a observação mais simples e aterradora em relação ao gosto da escritora: “- Que esperava com a mão pronta?

Pois tinha uma experiência, tinha um lápis e um papel, tinha a intenção e o desejo - ninguém nunca teve mais que isso”.

Um lápis e um papel. E a tremenda solidão e responsabilidade. O abismo. Abismo onde se perder e se reencontrar. Onde outros se perdem e se reencontram através da escrita alheia.

O romance de Clarice é uma alegoria não só sobre o processo de criação e recriação do indivíduo, mas uma alusão à trajetória de qualquer criatura que queira assumir o embate e a alteridade entre o eu e o outro, entre o eu e o mundo. O leitor visceralmente leitor, que não escritor explícito, aprenderá aí a fazer uma releitura de seu espanto e perplexidade diante da vida. E quem é escritor, quem carece não apenas de embarcar e viajar nas palavras alheias, mas construir, elaborar o seu próprio discurso, esse encontrará aí pistas e trilhas, mas sobretudo o consolo de descobrir essa realidade que funciona como desafio: um lápis e uma folha em branco - nunca ninguém teve mais do que isto.

A marca de uma aura filosófica e da vocação para o abismo

ENTREVISTA COM LUCIA HELENA

Graduada em Português-Literaturas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Lucia Helena concluiu o doutorado em Letras (Ciência da Literatura), também por esta instituição, em 1983. Atualmente, é professora titular da Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui 15 livros publicados, entre os quais Nem musa, nem medusa: itinerários da escrita em Clarice Lispector (2. ed. Niterói: EdUFF, 2006). Atua na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária. Na entrevista que segue, concedida por e-mail para a IHU On-Line, Lucia Helena afirma que “o texto de Clarice Lispector costuma apresentar ilusória facilidade. Mas não se engane o leitor. Em poucas linhas, será posto em contato com um mundo em que o insólito acontece e invade o cotidiano, minando e corroendo a repetição monótona do universo de homens e mulheres, quase sempre de classe média, ou mesmo o de seres considerados marginais”.

IHU On-Line - O que Clarice Lispector acrescentou de novo ao romance brasileiro, já que na época em que começou a lançar seus livros predominava mais um romance regionalista de tradição nordestina (como o de José Lins do Rego, Jorge Amado etc.). Ela se associa dentro de alguma tradição nova?

Lucia Helena - Clarice Lispector oferece ao romance brasileiro uma estratégia narrativa na qual sua ficção, como se fosse o Francis Ponge¹¹ de João Cabral de Melo Neto¹², no poema “O sim contra o sim”, de *Serial*, apresenta, por seus torneios de linguagem e modo específico de narrar, alguns temas e personagens que parecem por vezes saltar “por descuidada fresta”. Ela

¹¹ Francis Ponge (1899-1988): poeta francês. (Nota da *IHU On-Line*)

¹² João Cabral de Melo Neto (1920-1999): poeta e diplomata brasileiro. Pertencia a uma das mais tradicionais famílias do Pernambuco, sendo irmão do historiador Evaldo Cabral de Mello e primo do poeta Manuel Bandeira e do sociólogo Gilberto Freyre. (Nota da *IHU On-Line*)

urde uma ficção singular, que trabalha aludindo a problemas complexos como a angústia, o nada, o fracasso, a linguagem, alguns deles ignorados ou deixados em segundo plano pela filosofia tradicional, como já observou, e muito bem, um de seus melhores críticos, Benedito Nunes¹³. Creio que Clarice se associa a uma tradição nova, no sentido de que retrabalha veios realistas e românticos, sem ser uma vanguardista, criando uma ficção em que, segundo ela mesma, a realidade é adivinhada. A arquitetura da obra de Lispector se faz na confluência de dois paradigmas estilísticos, que a narradora entretetece e põe em tensão: a cena do Realismo/Naturalismo e a do Romantismo/Symbolismo. Isso significa que em sua narrativa encontram-se veios recessivos que, transformados por sua perspectiva estilística pessoal,

¹³ Benedito José Viana da Costa Nunes (1929): filósofo e escritor brasileiro. Nunes foi professor titular de Filosofia na Universidade Federal do Pará. (Nota da *IHU On-Line*)

criam um entrelaçamento significativo entre a realidade empírica e a realidade adivinhada. Aproximando-se de uma tendência freqüente em autoras como Virginia Woolf¹⁴ e Katherine Mansfield¹⁵, Lispector utiliza-se do fluxo-da-consciência para manifestar os estados pré-lógicos de suas personagens, temperando essa característica com um sabor machadiano pelo detalhe, ironicamente bem posto, e com laivos naturalistas de captação de personagens e temas a gosto de um Nelson Rodrigues¹⁶ ou Dalton Trevisan¹⁷, como se pode ver em *A via crucis do corpo*. Mas, como em Machado, esse realismo e esse naturalismo são habilmente corroidos. Nem Machado nem Lispector inscrevem seus narradores em escolas, tendo em vista que escapam aos rígidos cânones de classificação.

Alegorizações e núcleos cintilantes

Abandonando a idéia de tese presente nos textos naturalistas, bem como o exame de uma consciência individual a ser realisticamente desvendada, Lispector opera com alegorizações, com núcleos cintilantes (as cenas fulgor a que se refere Maria Gabriela Llansol¹⁸, em *Um falcão no punho*), estabelecendo errâncias e correspondências, por vezes alucinando a cena narrativa ou, por outras, simulando um compromisso ora com o Naturalismo (*A via crucis do corpo*), ora com o melodramático (*A hora da estrela*). Assim, sua poética como que desenha uma organização textual *sui generis*, na qual três obras se destacam, por permitirem perceber

¹⁴ Virginia Woolf (1882-1941): foi uma escritora inglesa. Estreou na literatura em 1915 com o romance *The voyage out* e posteriormente teria realizado uma série de obras. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁵ Katherine Mansfield (1888-1923): escritora neozelandesa. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁶ Nelson Falcão Rodrigues (1912-1980): foi dramaturgo, jornalista e escritor brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁷ Dalton Jérson Trevisan (1925): escritor brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁸ Maria Gabriela Llansol (1931): escritora portuguesa. (Nota da *IHU On-Line*)

a tensão no traçado do conjunto: *Laços de família* (na contracena com *A via crucis do corpo*, mais próximo de um Naturalismo revisitado com rara sabedoria), *Água viva* (na qual a desagregação das categorias convencionais de tempo, espaço, trama e personagem chega a um limite extremo) e *A hora da estrela* (que representa uma espécie de ponto ótimo de enlace das tendências paradigmáticas já referidas).

IHU On-Line - Antonio Candido escreveu que *Perto do coração selvagem* mostra que “a ficção não é um exercício ou uma aventura afetiva, mas um instrumento real do espírito, capaz de nos fazer penetrar em alguns dos labirintos mais retorcidos da mente”. Isso pode ser dito de toda a obra de Clarice?

Lucia Helena - Antonio Candido¹⁹ tem razão. A “aventura do espírito” é fundamental na obra de Lispector, que lança mão de questões como a simplicidade, o não-saber, a carência como passagem-limite para o sublime (lembro-me de Macabéa, em *A hora da estrela*, e de Pequena Flor, em “A menor mulher do mundo”, de *Laços de família*), e demora atenta no que está a contrapelo - no lado melancólico e rejeitado da história humana, da qual ela focaliza o lado trágico, captando a face contorcida da história dos vencidos (e de novo podemos lembrar de Macabéa) - e o ilumina fora da pauta de uma literatura meramente naturalista ou realista. De certa maneira, a afirmativa é válida para toda a obra de Lispector, na qual a investigação do “estranho”, do insólito, se faz pano-de-fundo para o exame por vezes lírico e comovente da dor de viver.

IHU On-Line - Clarice nasceu na Ucrânia, e depois morou em Maceió, em Recife e, finalmente, no Rio de Janeiro, onde passou a maior parte de sua vida. Em

¹⁹ Antonio Candido (1918): escritor, ensaísta, professor universitário e um dos principais críticos literários brasileiros. (Nota da *IHU On-Line*)

determinado momento, ela se casou com um diplomata e morou na Itália, Suíça, Inglaterra e nos Estados Unidos. Alguns afirmam que essa trajetória nômade se refletiu na maneira como Clarice lida com o “estranhamento da língua”. Ao mesmo tempo, paradoxalmente, Clarice muitas vezes foca personagens estáticos. É possível ver isso em seus livros?

Lucia Helena - Lispector trabalha com unidades textuais móveis, que reaparecem em formas narrativas diferentes, migrando da crônica ao conto, do conto ao romance. Essa é uma mobilidade interessante, pois confere ao seu trabalho narrativo um caráter de texto em expansão no qual o vocabulário aparentemente simples se complexifica por estratégias de repetição, oposição e espraiamento. O texto de Clarice Lispector costuma, portanto, apresentar ilusória facilidade. Seu vocabulário é simples, as imagens se voltam para animais e plantas, quando não para objetos domésticos e situações da vida diária, com frequência numa voltagem de intenso lirismo. Mas não se engane o leitor. Em poucas linhas, será posto em contato com um mundo em que o insólito acontece e invade o cotidiano, minando e corroendo a repetição monótona do universo de homens e mulheres, quase sempre de classe média, ou mesmo o de seres considerados marginais. Em outros momentos, um pequeno detalhe do cotidiano, algo que normalmente não despertaria sequer atenção, surge como deflagrador do entrechoque de mundos e de fronteiras que se tornam fluidas. Uma galinha no domingo de uma família com fome, ou umas corriqueiras pêras postas na fruteira, podem vir a ser elementos responsáveis pelo desencadear de um inusitado fluxo e encontro entre os personagens de Clarice Lispector e algo que se poderia definir como confluência das vozes incongruentes de um inconsciente individual e do imaginário cultural, tudo se passando num ambiente falsamente estável, em que vidas aparentemente sólidas se desestabilizam de súbito,

justo quando o cotidiano das personagens parecia estar sendo marcado pela ameaça de nada acontecer.

IHU On-Line - O que caracteriza as mudanças das personagens de Clarice? Como se dá a relação entre o universo íntimo das personagens com o cotidiano e o que faz com que eles sejam colocados em movimento?

Lucia Helena - Creio haver um pendor de machadiana obliquidade na maneira como Clarice escolhe e registra os laços que acolhem e acozzam seus personagens. Com a sutileza que não quer nem simplesmente opinar, nem julgar, mas, principalmente, impedir que se percebam apenas as simetrias entre a arte e a realidade, ou que se tente fazer da arte um espelho reflexo do social colhido mecanicamente, seu texto conduz o leitor a procurar, nas zonas de conflito, os ardis e alertas da narrativa. Perpassa os textos de Lispector uma aura de filosofia, pela constante alusão ao imaginário religioso e metafísico judaico-cristão, no qual ela adensa questões candentes como a culpa original, a náusea, a origem da vida e da criação e a pergunta pelo sentido da existência. No entanto, longe de estabelecerem doutrinas, seus livros inserem essas questões no cotidiano de seres geralmente perdidos nas próprias indagações, para os quais o ludismo de linguagem do narrador funciona não só como forma intensa de penetração no mundo do inconsciente, mas também como forma de refletir sobre a dissociação do ego e a fragmentação do self de muitas de suas personagens. Para nos desvendar o mundo de suas personagens, além desse ludismo com a linguagem e do projeto de reflexão, o programa literário da autora lida com o subterrâneo da linguagem, promovendo o diálogo entre o material reprimido que obscurece o mundo dos personagens e os papéis sociais, em geral restritos, que lhes foram dados a viver. O elemento que dinamiza os personagens é exatamente essa “qualidade” transitiva dos textos da autora: nada é estável, nada se interrompe. Um fluxo

semelhante ao escoar incessante do desejo mobiliza, sutilmente, a paixão, a dor, o abjeto, o sublime, forças incontinentes que habitam o sentimento por vezes muito reprimido que se oculta em personagens aparentemente comuns: empregadas domésticas, mulheres de classe média, seres à margem, como prostitutas e travestis.

IHU On-Line - Como se dá o processo de linguagem em Clarice? Ele exprime um sujeito existencial?

Lucia Helena - Para avaliar as linhas mestras desse modo de narrar que se articula à experiência de desgaste dos limites, parto do pressuposto de que duas perguntas - “por que narrar?” e “como narrar?” - tornaram-se, progressiva e verticalmente, o tema central de textos que pouco a pouco solapam o sistema narrativo de tradição figurativa, ainda vigente em *Laços de família* e *A via crucis do corpo*. Essas obras, que adotam técnicas introspectivas de narrar, como o fluxo-da-consciência, ainda se baseavam no desenvolvimento de um tema e não chegavam a diluir radicalmente as categorias romanescas de personagem, enredo, tempo e espaço, como ocorre em *Água viva*, texto que se despoja dos preceitos consagrados na fórmula horaciana do “ut pictura, poiesis”, na qual se reserva ao literário a função de esboçar, como na pintura, um quase retrato do mundo.

IHU On-Line - Por meio do desenho de um microcosmo, em que se destacam epifanias e viagens interiores, os livros de Clarice desenharam qual universo? É possível perceber neles um olhar alegórico?

Lucia Helena - Considero que, na escrita de Lispector, na qual se manifesta uma alegórica vocação para o abismo, como um mal que estende seus tentáculos de contágio, nenhuma baliza permanece em segurança. A

lógica da composição da autora - que se baseia no cruzamento, na repetição e no abalo das linhas demarcadoras, gerando alterações diferenciais dos núcleos semânticos de que parte - sugere um sistema elástico de orientação circular. Há uma fascinante experiência do limite nas narrativas de Clarice Lispector. Matéria da escrita, o nada abre e fecha a ambição de totalidade que pulsa em seus textos e, a partir de suas investidas, a alma e as vísceras, o escuro e a incandescência, o vazio e o pleno se fundem e confundem.

IHU On-Line - Em seus livros, Clarice Lispector lida apenas com um tempo interior (dos personagens) ou ela também desenha um retrato de transformações características da modernidade, entre as quais se inclui o isolamento do sujeito?

Lucia Helena - No tratamento do tempo, também repercute o curto-circuito dos limites. A tendência é de submeter a temporalidade cada vez mais à dimensão de um agora, de modo que ela se configure como um mergulho em direção à instância interior na qual tudo se apresenta simultâneo e convulso: é a dimensão do “instante-já”, em que se realizam alguns dos principais textos longos da autora. Como se fosse o estilhamento de um presente em rotação perpétua, é na esfera de transformações temporais fascinantes que se conjuga o mundo de avidez e confinamento dos personagens. Uma estratégia astuciosa das narrativas é desequilibrar os dualismos com os quais o senso comum biparte e categoriza a vida. Nada, em nenhuma direção, no tempo ou no espaço, permanece intacto no mundo agônico que seus textos desenharam.

Clarice. Leitora crítica

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Na década de 90, andei revirando os arquivos do extinto Instituto Nacional do Livro, que foram parar na Biblioteca Nacional, e descobri uma série de pareceres de escritores recomendando, ou não, a compra de livros para bibliotecas públicas. Ali está, sigilosamente, o que alguns de escritores realmente pensam sobre obras de seus colegas. Cheguei a copiar alguns deles, pois têm um valor crítico histórico.

De Clarice encontro três julgamentos de obras alheias. Dois são interessantes. Comentando “Roteiro poético”, de Vivaldina Queirós Martins²⁰, diz que o livro “comoverá uma empregada doméstica ou uma jovem ou senhora que vende atrás de um balcão”, mas, embora elas tenham direito de “se sentirem compreendidas e expressas”, Clarice é contra a aquisição do livro porque o INL “não pode descer a um nível tão baixo de literatura”.

Já outro parecer, de 19.11.1969, é mais curioso. Já que esse tipo de documento não quer ser um blá-blá-blá teórico, mas tem que ser claro, direto, a Clarice aborda os limites e o conflito entre a leitora e a crítica, entre a literatura mais sofisticada e a literatura mais popular. Por isto, comenta: “O açude e outras histórias”, de Salm Miranda, e “Giroflê, Giroflá”, de Cosette Alencar²¹, assinalando: “Ao ler ambos os livros procurei manter-me numa situação de crítica, e de leitora, e não de escritora. Como escritora que sou, não gostei dos livros. Mas acontece que os livros não são publicados para escritores lerem, e sim para o público. Como escritora repugna-me o lugar-comum tão usado, por exemplo, em ‘O açude e outras histórias’. No entanto, analisando a expressão ‘lugar comum’, vê-se que este é dirigido ao

homem comum, e mesmo necessário para uma comunicação imediata. E o público é, com excessões(sic), feito de homens comuns.

A trama de ambos os livros tem interesse, sendo melhor o romance ‘Giroflê, Giroflá’ de Cosette Alencar. Em ‘O açude e outras histórias’ há momentos de franco mau gosto, para mim como escritora. Mas de novo me pergunto se para um leitor comum - ávido que está de ler literatura nacional, sobre assuntos nacionais, e não só a traduzida - pergunto-me se isso terá maior importância. É preciso incrementar a produção de literatura brasileira, e não ser demasiado esnobe em relação a ela.

Nos dois livros, de repente o leitor, no caso eu, nota que está comovido. E essa qualidade de provocar emoção não é de se desprezar, pelo contrário. E vem a pergunta minha como leitor apenas: que importa o lugar-comum ou a ausência de originalidade maior, se ambos os livros tocam, como se diz, ‘nas cordas sensíveis do leitor’, estou usando um lugar-comum, eu me comuniquei. E é o que acontece com os dois livros medíocres: eles se comunicam com o leitor.

Sou portanto favorável à compra, pelo Instituto Nacional do Livro, de número de exemplares que acharem por bem determinar, certa que estou de que as livrarias do Brasil estão repletas de livros estrangeiros que não são melhores que os dois citados. - Assinado, Clarice Lispector.”

²⁰ Vivaldina Queirós Martins: poeta brasileira. (Nota da *IHU On-Line*)

²¹ Cosette Alencar (1918-1973): escritora brasileira. (Nota da *IHU On-Line*)

“Clarice Lispector quer desmontar as máscaras e conhecer o que há por trás delas”

ENTREVISTA COM YUDITH ROSENBAUM

Em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line a professora Yudith Rosenbaum declara que “Clarice Lispector é uma escritora que se dedicou a uma busca interminável: a representação do indizível, ou seja, do que não se pode representar em palavras dentro do código convencional da linguagem”. E explica que esse desafio de dizer o que é impossível de dizer “fez de Clarice uma escritora atormentada e simultaneamente fascinada pelas descobertas que o exercício da escrita lhe reservava”. Rosenbaum é graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Além disso, fez o mestrado e o doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é professora de Literatura Brasileira no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo. É autora de, entre outros, Metamorfoses do mal: uma Leitura de Clarice Lispector (São Paulo: Edusp/Fapesp, 1999) e Clarice Lispector (São Paulo: Publifolha - Série Folha Explica, 2002).

IHU On-Line - Passados 30 anos da morte de Clarice Lispector, qual é sua maior herança? O que faz desta escritora ainda tão atual?

Yudith Rosenbaum - Clarice Lispector é uma escritora que se dedicou a uma busca interminável: a representação do indizível, ou seja, do que não se pode representar em palavras dentro do código convencional da linguagem. Esse desafio - dizer o que é impossível de dizer - fez dela uma escritora atormentada e simultaneamente fascinada pelas descobertas que o exercício da escrita lhe reservava. Sua aparição nas Letras, na década de 1940, foi um impacto que até hoje não parece de todo assimilado; não se adequava ao neo-realismo, que vigorava na literatura regionalista dos anos 1930, preferindo penetrar outra realidade, tão intensa quanto a região do Nordeste, onde passara a infância e a

adolescência. Seu mundo era o das entrelinhas, dos sussurros, da introspecção, das epifanias em meio ao cotidiano, das questões metafísicas, além e aquém da realidade prosaica. Sua prosa mirava algo que não se entregava ao olhar realista; seus objetos se situavam no escuro, fora da zona iluminada pela razão instrumental. Em meio aos romances preocupados com a documentação do real para melhor denunciar suas contradições, enfocando as mazelas de um Brasil desigual, Clarice tentou sondar outros sertões, outros desertos que a alma ocultava e que precisavam ser ouvidos, sem deixar de focar o social, mas de modo oblíquo e singular. Penso que sua herança, após 30 anos de sua morte, está no território intimista que sua prosa revelou, dando corpo a um mundo de paixões, desejos,

fantasmas, projeções e identificações presentes nas relações mais cotidianas. Ler Clarice hoje é entrar no universo do estranhamento, das visadas deslocadas do habitual, das coisas vistas ao revés, como essa definição de janela oferecida pela autora: “O que é uma janela se não o ar emoldurado por esquadrias?” Sua escrita é atual porque ainda buscamos decifrar sentidos fugidios, compreender o que se põe fora do campo do conhecido, aventurar-se a se posicionar no mundo sem clichês, sem estereótipos, sem disfarces - tudo isso sendo o foco incessantemente denunciado por Clarice. Como Machado de Assis²² e Mário de Andrade²³, Clarice Lispector quer desmontar as máscaras e conhecer o que há por trás delas.

***IHU On-Line* - Quais são os mistérios que envolvem a vida e a obra de Clarice?**

Yudith Rosenbaum - Clarice abominava a imagem de escritora misteriosa que se havia construído ao seu redor. Ela se dizia uma dona-de-casa que escrevia livros; aliás, ela sentava-se na sala com sua máquina datilográfica no colo, em meio aos filhos, empregada e visitas. Era bastante resguardada do assédio da imprensa, mas recebia com prazer os que queriam conhecê-la sem formalidades. Tendo sido esposa de diplomata, Clarice sofreu na pele as recepções

²² Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como *Memórias póstumas de Brás Cubas* (Rio de Janeiro: Ediouro, 1995), *Dom Casmurro* (Erechim: Edelbra, 1997), *Quincas Borba* (15. ed. São Paulo: Atica, 1998) e vários livros de contos, entre eles a obra-prima *O alienista* (32. ed. São Paulo: Ática, 1999), que discute a loucura. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Foi o fundador da Academia Brasileira de Letras. Confira a entrevista especial realizada pela IHU On-Line com Maílde Trípoli, em 20-04-2007, intitulada O negro na obra de Machado de Assis. (Nota da IHU On-Line)

²³ Mário Raul de Moraes Andrade (1893-1945): poeta, romancista, crítico de arte, folclorista, musicólogo e ensaísta brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

burocráticas e o desenraizamento a que o casal teve de se submeter, o que lhe trouxe muita angústia. Se há algo de misterioso em sua vida - e que ela sempre negou - transpôs-se para sua obra como um modo de ser. Sua escrita aceita o mistério como parte do universo vivido, tomando o cuidado para não decifrá-lo e com isso perdê-lo. Sua obra parece afirmar insistentemente que não sabemos tudo, não podemos e não devemos saber tudo. Essa zona de escuridão é justamente a condição de vermos o que não é visível na luz (como as estrelas no céu escuro). Certas coisas só se revelam no mistério, desafiando o nosso entendimento egóico, sempre tão pretensioso e onipotente. Clarice pessoa e Clarice escritora não se distinguem no que almejam; ambas querem “a coisa” irrevelada. O mistério, portanto, está no objeto da busca e não na autora e seu cotidiano.

***IHU On-Line* - A que fatores podemos atribuir o sucesso de sua obra? O que caracteriza o jeito Clarice de escrever?**

Yudith Rosenbaum - Nos primeiros vinte anos de sua obra, Clarice foi aceita mais pelos críticos e universitários do que pelo público em geral. Seu estilo ainda era visto como hermético e difícil. Não exatamente pela camada semântica (sempre clara e simples), mas pela complexidade do conteúdo que evocava a partir de uma forma aparentemente banal e acessível. Nos anos 1960, a publicação de *Laços de família* (1960), de *A paixão segundo G.H.* (1964) e do livro de contos *A legião estrangeira* (1964) tornaram a autora um sucesso nacional, atingindo leitores que antes se afastavam de seus textos. A época era propícia para o desejo transgressor que sua obra expressava, abrindo canais para a necessidade de libertação e reposicionamento das pessoas no mundo compartimentalizado e alienante. Talvez esteja aí um dos atrativos de sua literatura, pois ela revela o que nos aprisiona nas relações sociais e mostra aberturas fugazes, intensas e fascinantes. O

conto “Amor” é exemplar nesse sentido. Ana, a protagonista, é colocada em uma situação totalmente diária, voltando de bonde para casa com as compras no colo. Súbita e inesperadamente, a visão de um cego no ponto do bonde faz ruir suas defesas tão bem armadas para não deixar explodir a existência em toda a sua força e violência. A partir desse fato disruptor, “o mal estava feito”, conforme diz o narrador. Estamos sempre tentando nos anestésiar para que a vida não nos invada (como Ana e seu cotidiano ordenado), e a escrita de Clarice nos desnuda, toca em nossa ferida. Ao mesmo tempo em que gera o mal-estar no leitor desavisado, promove uma identificação que o ajuda a compreender seus próprios mecanismos sociopsíquicos, sem nenhuma teorização sobre eles. Seu estilo é marcado por reiterações, alusões, frases estranhas cuja sintaxe desobedece algumas regras gramaticais, adjetivações paradoxais (por exemplo: “ardor de burra”, no conto “A imitação da rosa”), pontuação expressiva que também foge às convenções (seis travessões iniciando e fechando o romance *A paixão segundo G.H.*, ou uma vírgula começando *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*), ironia e vocabulário grotesco, entre tantos outros elementos. Para além de tudo isso, sua escrita nos toca de forma intuitiva, não racional ou intelectual, daí o alcance de seu texto e a adesão dos leitores.

***IHU On-Line* - Qual foi o papel de Clarice Lispector durante a ditadura militar?**

Yudith Rosenbaum - Relembro aqui a resposta que a própria Clarice deu à pergunta do jornalista Júlio Lerner²⁴, durante entrevista concedida à TV Cultura em 1977. Lerner havia perguntado qual seria o papel dos escritores e intelectuais da época, ao que Clarice respondeu: “Falar o menos possível”. O engajamento de Clarice Lispector ainda é um tema polêmico, pois sempre foi cobrada pelos críticos a ter um posicionamento social

²⁴ Júlio Lerner: jornalista brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

mais explícito, a interferir de maneira mais contundente. O fato é que Clarice participou da passeata dos artistas em 1968 no Rio de Janeiro contra a repressão, não tendo nenhuma atuação direta na linha de frente da resistência à ditadura. Seu papel como escritora era buscar uma linguagem própria, original, que descortinasse as sutilezas das formas de poder e mostrasse a natureza contraditória e ambígua do ser humano - em qualquer tempo e lugar. Por isso, Clarice manteve-se distante dos apelos ideológicos, preferindo explorar o mundo das relações domésticas e interpessoais, espaço privilegiado para a reprodução das ideologias. No seu trabalho como cronista do *Jornal do Brasil* (de 1967 a 1973), levantou questões relativas à sua época, mas nunca se submeteu a qualquer patrulhamento que lhe tirasse a liberdade radical de dizer a verdade de si mesma. O processo de conscientização que sua literatura produziu nos anos difíceis da ditadura (e que produz até hoje) se deu pelo valor estético de seus textos, seja falando da intimidade de uma dona-de-casa, seja pelos relatos semi-biográficos em que mostra as desigualdades de classes sociais no Recife. Mesmo sem uma atuação militante, Clarice se posicionou com a literatura, qualificando o campo da linguagem como território privilegiado. No entanto, ela sempre deixou claro que a literatura, pelo menos para ela, não muda nada, não transforma nada.

***IHU On-Line* - E o que dizer da relação de Clarice com a magia/bruxaria? Em que medida isso influenciou em seus escritos?**

Yudith Rosenbaum - A pergunta é curiosa, porque Clarice foi convidada para participar de um Congresso de Bruxaria em Bogotá, em 1976, convite que ela considerou pitoresco. Mas aceitou com naturalidade, lendo o conto “O ovo e a galinha”, que ela mesma diz não entender. De certa forma, existe uma “Clarice bruxa”, que expressa na linguagem misturas macabras e feitiços muitas vezes maléficis. Talvez ela tenha influenciado mais os bruxos

do que vice-versa. O mal é uma categoria importante na obra clariciana e talvez por aí haja correspondências com a magia e a bruxaria. Para a escritora, o mal existe como pulsão transgressora, perversa e desorganizadora de tudo o que teima em permanecer o mesmo. As pessoas guardam em seus reservatórios inconscientes uma energia tanática, destinada a subverter a ordem e destruir o *status quo*. Há mais de cem anos, a psicanálise mostrou como reprimimos o que é indesejável socialmente e nos neurotizamos. O preço da civilização é esse mal-estar da cultura, que a obra clariciana põe em evidência. Disso para a bruxaria é um passo, já que o que não posso expressar ganha força quando encoberto, surgindo sob formas disfarçadas e dissimuladas. A magia é um modo de destampar o que já se converteu em mal e precisa ser exorcizado. O conto “A quinta história”, por exemplo, é quase uma receita de bruxaria, forjando uma poção mágica para matar baratas. O álibi da dedetização mal esconde a liberação do desejo sádico de matar. Como num ritual alquímico, a narradora se descobre uma amante excitada e uma assassinada compulsiva, enquanto mistura os ingredientes no seu caldeirão. O leitor acaba sendo a “vítima” seduzida por uma escrita potente e desagregadora dos padrões, fazendo da autora uma bruxa da linguagem.

IHU On-Line - Como é a forma de Clarice falar de amor? Como ela descreve o amor em suas obras?

Yudith Rosenbaum - O amor na obra de Clarice Lispector é, freqüentemente, uma experiência difícil, repleta de tensões, desencontros, excessos. É o “amor com garras”, do conto “Os desastres de Sofia” (*A legião estrangeira*). Amar é muitas vezes uma via-crucis, uma

trajetória de provações, um processo penoso extasiante, que pode se dar no encontro/confronto com os seres mais inusitados: baratas, cachorros, macacos, rosas, livros, professores, primos, galinha, pintinho etc. A vivência do amor nos textos de Clarice pede uma espera nem sempre tranqüila; pede uma disponibilidade para agüentar as diferenças, as alteridades tantas vezes destruidoras. A relação eu X outro é central na obra clariciana, mobilizando afetos misturados, pelos quais amor e ódio se contaminam mutuamente, revelando reversibilidades constantes. Por trás do desejo amoroso, ouve-se a pulsação da fúria; no interior da agressividade, o que se sente é a ternura mais funda. Na dialética dos amores, que podem ser perversos, impossíveis, platônicos, nem sempre a síntese triunfa. As ligações se fazem como laços sufocadores, principalmente quando se trata do amor em família, amor viciado e condenado a se rotinizar. Mas o que lemos como marca constante é a carência humana, uma busca sem fim de um outro que nos complete, nos salve de uma solidão intrínseca. Na verdade, a maior força de Eros nos textos de Clarice está na palavra, essa portadora de sentidos e não-sentidos, flecha errante que esconde mais do que esclarece, mas que se abre, amorosamente, ao fluxo da vida e da morte. Clarice dizia que havia nascido para escrever e amar. Não se trata apenas do amor homem/mulher, mas de toda entrega que traz junto o risco da perda e da desintegração. Mesmo o amor à literatura, face luminosa de uma escritora intensa e insatisfeita, carrega tanto as marcas da negatividade quanto da redenção. “Escrever”, diz Clarice, “é uma maldição. Mas uma maldição que salva”.

Os cabelos de Clarice

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Uma mecha dos cabelos de Clarice Lispector está lá na seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional, esperando que um dia a crítica literária e a genética avancem tanto que se possa ter alguma explicação complementar para a genialidade de sua obra.

Talvez eu esteja brincando, talvez não. Afinal muitas das proféticas e literárias brincadeiras de Júlio Verne se realizaram. E em tempos de promissoras células tronco, o impossível é possível.

O fato é que tais cabelos devem estar lá. E penso muito nisso agora, porque me contam que faleceu há alguns meses, lá no Mosteiro Beneditino da Ressurreição, em Ponta Grossa, o querido e divertidíssimo Antônio Salles²⁵.

Foi ele quem me trouxe os cabelos de Clarice. E esta insólita estória, como insólito era tudo que cercava a escritora, ocorreu quando dirigi a Biblioteca Nacional (1990-1996). Ora se deu que um dia fui surpreendido pelo sr. Valdir, responsável da seção de Obras Raras, com a informação de que ali, numa das pastas havia, nada mais nada menos, que alguns pelos púbicos de D. Pedro I. Sim, senhoras e senhores! O nosso augusto imperador anexou alguns de seus pentelhos numa carta a sua amante, creio que a Marquesa de Santos²⁶, demonstrando assim a sua potente saudade amorosa. Do que se deduzia do texto, o valoroso soldado que proclamou nossa independência estava com aquilo que hoje se chama doença sexualmente transmissível, e, não podendo estar pessoalmente com sua amada, descabelava-se nessa missiva para externar sua paixão. (Por sinal, estive outro

²⁵ Antônio Sales (1868-1940): romancista e poeta brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁶ Domitília de Castro e Canto Melo (1797-1867): viscondessa com honras de Santos em 1825 elevada em 1826 a Marquesa de Santos. Célebre amante de Dom Pedro I, imperador do Brasil. (Nota da *IHU On-Line*)

dia na casa de Jocy de Oliveira, lá em Pedra de Guaratiba e nossa compositora de música contemporânea de fama internacional afirmou que aquela mansão, de onde se avista a restinga de Marambaia, tinha sido o (ninho de amores) de D. Pedro I e da Marquesa.)

Pois bem. Tornou-se pública notícia de que os pelos púbicos do imperador estavam em nossa Biblioteca. Deixou de ser um fato erótico imperial para virar imperiosa notícia nos jornais. Com efeito, não é todo dia que se encontra tal achado tanto no oriente quanto no ocidente, e não creio que exista algo semelhante de Pedro - O Grande, nos arquivos russos ou de John Kennedy, lá em Boston.

Portanto, aquela notícia saiu no Zóximo, apareceu no Jô Soares e, por coincidência, Antônio Salles tomando conhecimento dela, telefonou-me. Eu estava há tempos tentando atraí-lo para trabalhar na Biblioteca Nacional. Como não tinha verba nem quadro suficiente de funcionários conseguia com várias instituições, que seus funcionários fossem cedidos àquela casa. E nada melhor que um monge beneditino para beneditinamente trabalhar sobre antiquíssimos documentos. Eu não sabia que meu amigo estava numa ordem com princípios severos. Como me disse numa carta onde revelava estar traduzindo para o português a obra de João Cassiano²⁷, um religioso do século IV: “infelizmente é impossível aceitar seu honroso convite; nós temos uma coisa chamada voto de estabilidade, isto é, num mosteiro em que se fixa, aí se morre. Até o cadáver é do mosteiro e não da família. A vida aqui começa às 4:15 da manhã e vai até 22:00, podendo porém quem desejar, dormir às 20:30”. E fazia-me essa outra surpreendente e literária

²⁷ João Cassiano (360-435 d. C.): santo e monge romeno. (Nota da *IHU On-Line*)

revelação: “eu tenho aqui comigo uma mecha dos cabelos de Clarice, será que a BN aceitaria essa peça rara?”.

Ora, se tínhamos o cabelo do nosso Imperador, como recusar os da imperatriz de nossa literatura?

Nessas alturas, Salles já havia assumido o hábito dos beneditinos. Mas antes fora professor de filologia, português e latim, dos mais brilhantes, em Belo Horizonte, onde o conheci, na França e nos Estados Unidos, onde de novo o reencontrei na Universidade Winconsin. Era uma pessoal imprevisivelmente adorável. Claro que Clarice sucumbiu às suas graças. Ele traduziu e cantava em latim músicas como “Ó jardineira - por que estais tão triste/ mas o que foi que te aconteceu; ou então a marchinha”, “Sá-ssaricando/ todo mundo/ leva a vida/ no arame” etc. Ex-seminarista, vivia passando telegramas espinafrando Sua Santidade, o Papa, e aprontava inventivas festas em seus apartamentos catando transeuntes na rua, seja em Brasília ou Nova York.

Como conseguiu os cabelos de Clarice?

Passava ele pelo Rio e como havia se tornado amigo de Clarice, telefonou-lhe perguntando se queria sair para jantar. Ela respondeu-lhe que estava ocupada, escrevendo uma carta para Paulo Paulo Mendes Campos²⁸, mas que ele passasse pela casa dela, que depois poderiam ir deixar a carta para o Paulinho, lá na Globo. No apartamento da escritora, Salles ficou brincando com o cão Ulisses, o mesmo que arrancou um naco do rosto da poeta Maria do Carmo Ferreira quando esta visitou também a escritora.

Pois Clarice e Salles saíram, foram à Globo e deixaram lá a carta. Feito isso, Salles pergunta à Clarice se ela não gostaria de acompanhá-lo à casa de seu amigo e

²⁸ Paulo Mendes Campos (1922-1991): escritor e jornalista brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

professor Celso Cunha²⁹. Clarice disse-lhe que ficava “intimidada de ir à casa de tão ilustre figura”, mas Salles adiantou que a família do inesquecível professor era ótima, grande, descontraída, mineiros de Teófilo Otoni etc. Não havia o que temer.

Daqui pra frente, cedo a palavra ao próprio Salles que redigiu um documento-testemunho de quatro páginas que lhe solicitei e que está lá na BN: “Logo ao entrar, Clarice viu a filha de Celso, Clara, que estava muito bonita de cabelos com um corte lindíssimo. Clarice mal cumprimentou as pessoas, foi logo dizendo que queria cortar os cabelos da mesmíssima maneira. Cenira prometeu o endereço do cabeleireiro. Mas ela disse: ‘Não! Tenho que cortar o cabelo AGORA!’. E não houve jeito. Cenira e Clara levaram Clarice ao banheiro, apavoradas e deram uns cortes nos cabelos de nossa amiga, que ficou satisfeitíssima. Não sei explicar, mas uma força interior me fez apanhar uma pequena mecha, que é a que lhe passei como doação à Biblioteca Nacional, que guarda outras mechas famosas.”

²⁹ Celso Ferreira da Cunha (1917-1989): professor, gramático, filólogo e ensaísta brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

Clarice Lispector: uma descoberta avassaladora

ENTREVISTA COM ELIANA YUNES

Eliana Yunes é professora do Departamento de Letras da PUC-Rio.

Orientou teses sobre Clarice Lispector tanto na literatura adulta quanto infantil e coordena um programa de formação de leitores associado à Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio. Nesta entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, Eliana fala sobre a importância da escritora para a Literatura, fazendo um contraponto com a atividade de jornalista também exercida por Clarice: “A mulher romancista, escritora, e a jornalista trocam de posição muitas vezes”. Os temas fundamentais da obra de Clarice, assim como os reflexos de sua vida pessoal na sua escrita também são abordados pela professora, que fala, igualmente, sobre a abordagem da produção literária da escritora em sala de aula.



IHU On-Line - Passados 30 anos da morte de Clarice Lispector, qual é o lugar que ela ocupa hoje na Literatura Brasileira?

Eliana Yunes - Se vamos considerar a crítica institucionalizada - a presença em pesquisas e em espaços de reconhecimento público no sistema literatura -, Clarice ocupa um espaço de proeminência nacional. Apesar de ser considerada uma autora difícil, porque aparentemente ensimesmada, Clarice encontrou, pouco a pouco, uma linguagem de comunicação das coisas mais profundas e densas de sua experiência de vida, isto é, encontrou um meio de colocá-las em comunicação com o público, desde um público de jornal até o público de romance.

Essa voz da Clarice, que tem a sua originalidade no solo da linguagem, acabou sendo uma voz quase que arauto de uma nova escrita capaz de traduzir o feminino não como um gênero de escrita, mas enquanto uma visão diversa que se coloca no discurso. E isso deu a ela uma dimensão internacional extraordinária. Clarice é lida do Canadá à França, da Rússia à Argentina e, por isso, esse

lugar seu de proeminência nacional e internacional no que chamamos de sistema literatura contemporânea.

IHU On-Line - Qual é o tema ou os temas que movem a criação literária de Clarice Lispector?

Eliana Yunes - O tema fundamental de Clarice é a própria linguagem. Ela explora o discurso, explora a palavra, explora suas combinações, suas fluências, suas ausências, para dizer - como ela mesma explicitava - o indizível; ou seja, atravessar a palavra para pescar a não-palavra, aquilo que não pode ser dito. Essa noção de vida que transgride os limites da experiência física, e que atravessa o psíquico e o emocional, Clarice tentou vazar com o discurso, com a palavra. Acho que esse é o grande tema. Dentro desse tema, o tempo todo está colocada a questão do pensar e do pensar-se, do constituir-se, do tornar-se pessoa. Desde *Menino a bico de pena*, ela desenha essa necessidade e, ao mesmo tempo, esse contra-senso que é nos obrigar a nos tornar pessoas, quando isso significa abdicar do silêncio em que você é você mesmo, em que você não está nomeado, porque a única nomeação possível é Deus, aquele que tem nome

verdadeiramente. Clarice acaba, no final do seu discurso, da sua obra, com *Um sopro de vida*, por concluir isso. A obra de Clarice é um crescendo. Ela começa fechada, complexa e muito sintética, amalgamada, e vai se espraiando. E, nos vazios e silêncios, ela vai recolhendo muito mais capacidade de expressão e comunicação do que inicialmente tinha.

IHU On-Line - Muito se fala do hermetismo da obra de Clarice Lispector. Na sua opinião, o que a produção literária de Clarice encarnou de sua época?

Eliana Yunes - A obra de Clarice, que começa nos anos 1940 e que atravessa as décadas seguintes, chegando praticamente ao final do século XX, está no longo de um momento de pós-guerra em que as mulheres haviam sido chamadas ao mundo social para substituir os homens que tinham ido à luta e, assim, ocupado um espaço público. Essas mulheres, então, não querem voltar mais ao espaço doméstico. E esse espaço público inclui a reflexão sobre si mesma: o que eu sou, o que é que eu faço, por que estou aqui, qual é o meu papel, qual é o meu lugar. Não haverá mais, desde *Perto do coração selvagem*, uma figura feminina submissa, calada, reprimida, mas uma mulher que se perscruta, para se achar como criatura humana, como gênero humano, G.H., no meio dos homens. A obra de Clarice transita por um tempo de grandes alterações, tanto da escrita, da comunicação literária, quanto da condição feminina mesmo. E ela, sem fazer uma literatura feminista, soube colocar no romance, nos contos e nas suas crônicas, essa dimensão de um olhar novo da mulher sem abdicar do “ser humano”. Era, ao mesmo tempo, capaz de traduzir uma sensibilidade aguda das coisas; uma sensibilidade dolorida, doída, de todas as coisas. Esse percurso é o que ela acaba fazendo com sua obra, daí começar muito hermética, para ela mesma, pois tem dificuldade de se falar. De *Perto do coração selvagem* a *Um sopro de vida* há uma mudança muito grande, em que ela

permanece no mesmo terreno das indagações, do exercício com a palavra até se encontrar, mas esse exercício vai se tornando mais aberto à inclusão de outros, de outras vozes e de outras escutas: Ela vai ao masculino, à 3ª pessoa, retorna à primeira, em outra dimensão.

IHU On-Line - A obra de Clarice Lispector, uma escritora ucraniana naturalizada brasileira, refletiria uma sensação de sentir-se estrangeira em relação à própria vida?

Eliana Yunes - Pessoalmente, eu não saberia dizer o quanto essa condição de estrangeira de fato afeta ou determina um tipo de escrita em Clarice. Acho que muito menos o fato dela ser ucraniana - porque ela chega ao Brasil praticamente recém-nascida - e muito mais essa condição judia, que é a de exilada permanente, de estar sempre procurando uma terra que não é a sua, fazem talvez, de sua escrita, uma escrita assimilada a essa busca de si mesma, de uma ancoragem que não vem do homem, que não vem do casamento, e que ela tenta colocar na família. Muitos contos dela sobre família mostram esse dilaceramento que as pessoas estão vivendo nessa época. Também o sentir-se estrangeira ao mundo não é uma novidade na literatura. A novidade é que de Clarice vem uma voz feminina que assume o estranhamento sem histeria. Clarice sempre se sentiu uma brasileira - ela reafirma isso. Mas se sente estranha ao mundo político e social que acaba vindo na diplomacia com o casamento. Ela confessa - em cartas e correspondências a Lúcio Cardoso e a outros amigos - que, muitas vezes, gostaria de abandonar esse *grand monde* das embaixadas, da vida social sofisticada, a fim de se recolher. Os livros dela têm uma assimilação profunda da experiência de vida que teve e traduzem isso: o quanto que Clarice gostaria de estar olhando para dentro, conversando consigo mesma e conversando com outras vozes, diferentes daquelas que a circundavam em

tal contexto sociopolítico, econômico e cultural. Clarice vai descobrindo - através da literatura dela isso se percebe - que esse não-lugar no mundo é a condição humana. É como se dissesse: “Esse mundo é mesmo um desconcerto, mas isso é tudo o que a gente tem para alcançar algo que valha a pena”. Então, imagino que essa travessia da Clarice seja, de novo, uma travessia de quem vive densamente o pensamento e não, necessariamente, a travessia de um apátrida ou exilado.

IHU On-Line - Clarice trabalhou como jornalista em várias ocasiões. Quanto há de jornalista na Clarice escritora e quanto há de escritora na Clarice jornalista?

Eliana Yunes - Clarice tem uma escrita complexa, sem dúvida. Uma escrita ora extremamente sofisticada, em que a sofisticação não está na sintaxe, não está na armação da frase, mas nas imagens que ela constrói. E Clarice não abdica dessas imagens sutis e elaboradas quando ela vai ao jornalismo. Do jornalismo, do fato de ter sido cronista, ter escrito inclusive como *ghost writer* de outras colunistas, Clarice vai buscar uma comunicação com o público - o que, de fato, ela alcança, pelo número de cartas que recebe. Esse trato com a correspondência dos leitores no jornal vai tornando a sua capacidade de expressão cada vez mais efetiva. A palavra efetiva talvez seja forte, mas quer significar o fato de ser cada vez mais acessível a um público não habituado às densidades da sua literatura. A mulher romancista, escritora e a jornalista trocam de posição muitas vezes. Uma das coisas que se pode observar, orientando teses sobre ela, é de que muitas frases que aparecem nas crônicas reaparecem nos romances e muitas coisas que estão nos romances publicados anteriormente serão retomadas na escrita para jornal. Às vezes, são literais. A diferença é o contexto em que aparecem: suaviza quando se trata da comunicação no jornal e se adensa quando a questão aparece no romance. Ela soube aproveitar muito bem

esses diferentes registros - amante da palavra, amante da linguagem - que o trato da linguagem lhe proporcionou.

IHU On-Line - Passando para a sala de aula, como é trabalhar Clarice Lispector na escola, na Universidade?

Eliana Yunes - É possível trabalhar Clarice na escola básica porque ela escreveu alguns livros pensando no Pedro e no Paulo, seus filhos, e que são obras aparentemente muito singelas, mas extremamente sofisticadas. A Clarice escrevendo para os filhos - *A mulher que matou os peixes*, *O mistério do coelhinho pensante*, entre outros livros - lida com o imaginário forte da criança e alcança uma alteridade extraordinária de discurso. É possível trabalhar acompanhando essas portas abertas do imaginário que ela deixa para a criança. Penso, também, que seria muito necessário que os professores de escola normal conhecessem essa literatura de Clarice, que não é mais fácil, nem mais inicial ou iniciatória, mas que, pela extensão curta, daria uma boa familiaridade com seu discurso. Na sala de aula da Universidade, Clarice é uma descoberta - uma descoberta avassaladora! Aqui me situando na condição de professor, vivendo essa experiência de trazer Clarice para o leitor, procuro fazer o percurso da escritora dos últimos livros para os primeiros. Em geral, você não consegue fazer o arco completo, mas de *Um sopro de vida*, passando por *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, até *A paixão segundo G.H.*, você consegue fazer com que o aluno adentre o mundo de Clarice. Você começa com o que está aparentemente à superfície, mas quando chega no fundo, em G.H., vai ver que essa superfície está no fundo e que o profundo já estava na superfície de Clarice. Há uma leveza nos últimos livros maior que a dos livros iniciais e que por aí é mais fácil que as pessoas se enamorem de Clarice, porque ela é muito “verdadeira”. Por mais que tenhamos casos a contar sobre Clarice e que são interessantíssimos - uns

desmistificadores, outros mistificadores -, ela busca a verdade, de si mesma, e nesse sentido, repito, ela é muito verdadeira. O que ela está buscando é ela mesma, o que é a alma humana, e Clarice vai alcançando o

Clarice 30 anos depois

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Em 1984 escrevi a crônica “Sete anos sem Clarice”, contando umas estorinhas que vivi com ela. Agora em 2007, 30 anos depois de sua morte, vou me lembrando de outros casos. Esta é uma das vantagens de se viver muito, a gente acaba tendo algo que contar.

Conheci-a em Belo Horizonte, creio que em 1962. Eu era estudante de Letras, havia escrito um ensaio sobre ela. Quando ela foi lançar *A maçã no escuro*, na Livraria Francisco Alves, dirigida pelo prof. Neif Safady, fui convidado para fazer um discursinho introdutório na sua tarde de autógrafos. Encontrei-a antes no Hotel Normandy. Linda mulher. E forte. E misteriosa.

Depois dos autógrafos fomos jantar num restaurante chinês perto da Praça Raul Soares. Ivan Ângelo e Mariângela estavam conosco. E como seguíssemos falando sobre *A maçã no escuro*, o garçom, na hora da sobremesa, ouvindo aquela referência interveio: “Perdão, a maçã está escura, mas não está estragada”.

Quando mudei-me para o Rio passamos a ter mais contato, pois eu dirigia o Departamento de Letras e Artes, e várias vezes a atraí para congressos, conferências, e até para um curso de criação literária. Quando me casei com Marina, que editava crônicas dela no *Jornal do Brasil*, conhecemos uma cartomante incrível, lá no Méier. E de fato a pegamos um dia na portaria de seu prédio, no Leme, e fomos ao encontro daquela que acabaria virando personagem de *A hora da estrela*, e, no cinema, seria representada por Fernanda

mistério nos últimos livros. Se o leitor começa por aí, vai chegar a G.H. sem achar que é uma loucura uma mulher comer uma barata.

Montenegro. Clarice ficou fã de Dona Nadir, voltou lá várias vezes.

Às vezes tínhamos longas, engraçadas e ociosas conversas ao telefone. E ela tinha coisas insólitas. Um dia me ligou dizendo: “Affonso, não consigo mais escrever. Você lê e estuda, podia me recomendar coisas e conversar comigo”... Eu ouvindo aquilo e dizendo: “Quequêsso Clarice! Eu, heim! Te ensinar alguma coisa!...”. Tempos depois soube que ela dava esse telefonema para várias pessoas, até para seu cabeleireiro - o Renault - no Copacabana Palace.

Um dia ela queixou-se de nunca ter sido convidada para jantar em nossa casa. Explicamos que não a convidávamos por pudor. Mas organizamos o jantar só com pessoas que ela gostaria de ver. Marcamos até um horário mais cedo, como ela pediu. Fui buscá-la, ela chegou, estavam todos lá, os seus amigos. Mas daí a uma meia hora ela disse que estava com dor de cabeça, que queria ir embora. Não teve jeito. Levei-a à sua casa. E as pessoas compreenderam que ela era assim mesmo.

Há um livro de entrevistas que ela fez para a revista *Manchete*, que acaba de sair. Naquela ocasião, ela me telefonou e disse que queria me entrevistar, mas queria que eu mesmo me fizesse as perguntas. Fiquei constrangido. Não me entrevistei.

Um ano antes de sua morte, convidou-me a mim e à Marina para entrevistá-la para o Museu da Imagem e do Som. Sabia que não a ameaçávamos, que a protegíamos,

que não íamos fazer algo acadêmico. Ela estava alegre e até contou piadas. Hoje essa entrevista está traduzida para outras línguas e é o melhor depoimento sobre sua vida e obra.

Fui visitá-la no Hospital da Lagoa, em 1977, nos seus últimos dias. Depois soube que fui único homem que ela admitiu que a visitasse. Ali ela diria ao seu médico: “O senhor matou o meu personagem”.

Quando dirigi a Biblioteca Nacional e foi divulgado que entre as obras raras da casa havia os pentelhos que D. Pedro I anexara numa carta à Marquesa de Santos, o

prof. Antonio Salles me contactou, revelando que havia recolhido cabelos de Clarice, quando ela, na casa do prof. Celso Cunha, instou para que lhe cortassem o cabelo igual ao de uma das filhas de Celso. Salles, vendo aquela cena rara, recolheu mexas do cabelo da escritora. E agora os oferecia. Aceitei a oferta. Estão lá na BN. Se um dia a ciência conseguir desvendar o DNA dos gênios, encontrará um bom material nos cabelos de Clarice.

A aproximação vida e obra em Clarice Lispector

ENTREVISTA COM LÍCIA MANZO

Lícia Manzo é roteirista de cinema, teatro e televisão e mestre em Literatura Brasileira pela PUC-Rio. Em sua pesquisa, percorreu a obra de Clarice Lispector, buscando elementos autobiográficos que pudessem explicitar como a personalidade da escritora vinha a público através de seus personagens. Nesta entrevista exclusiva à IHU On-Line, Lícia fala sobre essa característica peculiar de Clarice, conduzindo-nos pelo modo de ser único de uma autora que trabalhou pela liberdade de escrever-se a si mesma, contra toda crítica que pudesse rotulá-la possuidora de um estilo “confessional”.

A pesquisa de Lícia foi publicada com o título Era uma vez: eu - a não-ficção na obra de Clarice Lispector (Rio de Janeiro: UFJF, 2002), indicado para o Prêmio Jabuti na categoria “Melhor Ensaio”. A entrevistada é também organizadora da coletânea Outros Escritos (Rio de Janeiro: Rocco, 2005), que reúne textos inéditos de Clarice Lispector. Foi curadora do evento A paixão segundo Clarice Lispector, no Centro Cultural Banco do Brasil, em 1992.

IHU On-Line - Em Clarice Lispector, é possível aproximar vida e obra?

Lícia Manzo - Em Clarice, o difícil seria não aproximar uma coisa e outra. Apesar de ter publicado mais de vinte livros, Clarice Lispector nunca pareceu interessada em possuir uma “obra”, detestava que a chamassem de

intelectual - ou até mesmo de escritora - e chega a afirmar, numa de suas crônicas, que “literatura é uma palavra detestável”. Para ela, escrever era uma extensão do ato de estar viva, e quando um jornalista (José Castello) lhe perguntou certa vez porque ela escreve, Clarice responde com outra pergunta: “Por que



você bebe água?”. Clarice Lispector não escrevia, ela se escrevia - e ao lutar com a distância que a separava das palavras, embatia-se com a distância que a separava de si mesma. E é nesta medida, então, que sua ficção pode ser lida como projeto autobiográfico - ainda que jamais planejado - ou como esforço de auto-exploração, descoberta, e educação existencial. Sua literatura escapa a classificações: seria romance, ensaio, prosa, poesia, ficção, confissão? O denominador comum de sua obra parece ser apenas ela mesma: a mulher de olhar singular e sensível, repleta de intensidades e matizes, e que poderia se chamar Joana, como em *Perto do coração selvagem* - seu romance de estréia; G.H. - como a protagonista de seu mais célebre trabalho; ou ainda “eu” - como em *Água viva*, prosa poética inteiramente narrada em primeira pessoa.

IHU On-Line- Você pode falar um pouco mais sobre a idéia de uma autobiografia construída através da ficção?

Lícia Manzo - Para Freud, toda literatura é uma regressão a serviço do ego. Harold Bloom³⁰ escreve, a partir desta observação, que pode ser difícil concordar com a sabedoria freudiana neste sentido, mas que é uma idéia sugestiva: a partir de uma narrativa ficcional, imaginar do quê, ou de quem, o autor está fugindo, ou a que estado anterior de sua vida está voltando, e por quê? Penso que esta idéia se aplica, em maior ou menor escala, a autores de diferentes temperamentos. Nelson Rodrigues³¹, por exemplo: sua vida “escoa” para sua ficção o tempo todo: os repórteres inescrupulosos com os quais conviveu quando menino na redação do jornal de seu pai, os adúlteros criminosos, as suburbanas histéricas da rua onde morava são os mesmos que povoam suas

³⁰ Harold Bloom (1930): professor e crítico literário norte-americano. (Nota da *IHU On-Line*)

³¹ Nelson Falcão Rodrigues (1912-1980): importante dramaturgo, jornalista e escritor brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

crônicas e seu teatro, e o espanto com que testemunhou tudo isso em criança permanece intacto na dicção deste autor que se definia como um “menino que vê o mundo através do buraco da fechadura”. Ler Nelson Rodrigues é como “conhecer” Nelson Rodrigues - suas paixões, repulsas e obsessões. E sobre Clarice Lispector podemos dizer o mesmo. Caetano Veloso³² escreve num artigo que “ler Clarice era como conhecer uma pessoa” - o que é uma observação muito feliz, porque Clarice era isso mesmo: ela se dava a conhecer através de sua obra. E penso que jamais optou por escrever diretamente sobre si mesma - sem a máscara das personagens - porque, segundo ela “ser escritor é não ter pudor na alma” - e ela tinha, e muito. Era uma tímida ousada, como costumava dizer - e sua ousadia a fez escrever sobre mulheres “engessadas” em papéis de mãe, esposa, dona-de-casa, enquanto procuravam ocultar a chama selvagem que ardia em seus corações de criadoras. Mulheres que ansiavam por liberdade, por expressão, por um espaço para si, para além dos filhos, maridos e obrigações domésticas, a “Room of your own”: como no célebre texto de Virginia Woolf que Clarice adorava. Como se sua timidez a incompatibilizasse com a grandeza e o alcance do que tinha a comunicar artisticamente, Clarice, me parece, ocultava-se através de tantas e tantas personagens - Ana, Laura, Lóri, G.H.-, valendo-se delas para encenar o drama de sua própria vida.

IHU On-Line - Você pode especificar com algumas passagens de sua literatura?

Lícia Manzo - Seu romance de estréia, *Perto do coração selvagem*, é publicado em 1944 e coincide com seu casamento com Maury Gurgel Valente - um colega que conhecera na faculdade de direito. O descompasso da união dos dois está retratado no romance - através de Otávio e Joana, os protagonistas -, sendo ele um homem

³² Caetano Emanuel Viana Teles Veloso (1942): compositor e cantor brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

prático e sem maiores complicações existenciais, e ela uma jovem voltada para as questões do espírito. Clarice ficaria casada com Maury por 16 anos, acompanhando-o em missão diplomática fora do Brasil por todo este tempo. A angústia e o desconforto da nova “personagem” - Clarice Gurgel Valente -, esposa de diplomata e mãe de dois filhos, encontram-se documentados numa série de cartas enviadas à família e aos amigos neste período, e em alguns dos mais célebres contos de *Laços de família* - publicado logo após sua separação. No livro, as personagens parecem todas consumidas pela mesma questão: atender ao chamado do lado selvagem e liberto da vida - representado por um búfalo, um cego, ou pela desconcertante beleza de um arranjo de flores - ou conformar-se, conter-se e ocultar-se numa identidade de “esposa que procura antes de mais nada atender às necessidades de seu lar”? Em *A maçã no escuro*, do mesmo período, é o protagonista Martim que deixa para trás o casamento e seu papel social de engenheiro bem sucedido, para vagar no meio deserto, para perder-se, e para ficar mudo. Clarice volta ao Brasil em 1960, aos quarenta anos - mesma idade de Martim - para, pouco tempo depois, registrar o que possivelmente experimentara nessa “região desabitada e sem palavras”, em *A paixão segundo G.H.*, um livro estranho, sem precedentes: relato de uma mulher que, mais que buscar a transcendência, é assaltada por ela em meio à sua vida cotidiana e doméstica: uma mulher que encontra a graça e o horror de estar viva, no ato de arrumar seu apartamento e deparar-se no quarto de empregada com uma barata. A partir de G.H., podemos dizer que Clarice prescinde dos personagens, passando a dizer “eu”, na segunda fase de sua obra - construída quase que exclusivamente em primeira pessoa. São crônicas memorialísticas e escritos confessionais - que apareceriam em sua coluna semanal no *Jornal do Brasil*, migrando depois para contos e romances, como *Água viva* e *Felicidade clandestina*. Clarice passa a escrever

então cada vez mais liberta das “personas”, ou então assumindo, de certo modo, estar lançando mão delas: como acontece em *A hora da estrela* e *Um sopro de vida*, seus últimos trabalhos. Em ambos, Clarice lança mão de um personagem chamado “escritor”, assumindo, através dele, sua relação de amor e fastio com a literatura. Há algum tempo, li uma entrevista do escritor norte-americano Paul Auster³³, na qual rebatia a afirmação de que seu livro *Cidade de vidro* seria uma autobiografia disfarçada. Segundo Auster, no livro, o que ele tencionara fazer fora tirar seu nome da capa para inseri-lo dentro da história, abrindo paredes e expondo o encanamento do processo que o consumia como escritor e como homem. Penso que a afirmação se aplica perfeitamente ao que Clarice realizou, especialmente em seus últimos trabalhos.

IHU On-Line - A escrita então pode ser um exercício de invenção de si?

Lícia Manzo - Em uma entrevista, quando perguntada sobre sua identificação com os personagens de *A maçã no escuro*, Clarice, citando Flaubert³⁴, responde: “Madame Bovary c’ est moi, quer dizer: eu sou o Martin”. É bastante claro que, através de sua escrita, ela buscava forjar uma identidade para si. Mesmo no título de meu trabalho sobre Clarice, *Era uma vez: eu* - que extraí de *Quase de verdade*, um de seus livros para crianças -, há a expressão desse paradoxo: lançar mão da ficção para dar conta da realidade, ou, através do que se fabula, esboçar um caminho para a própria existência. Em um artigo de 1975, a escritora Anaïs Nin³⁵ - que manteve um

³³ Paul Benjamin Auster (1947): escritor norte-americano, autor de vários best-sellers, como *Timbuktu*, *O livro das ilusões*, *A noite do oráculo* e *Música do acaso*. (Nota da IHU On-Line)

³⁴ Gustave Flaubert (1821-1880): escritor francês, autor de *Madame Bovary*, escrito em 1844, romance realista no qual critica os valores românticos e burgueses da época. (Nota da IHU On-Line)

³⁵ Anaïs Nin (1903-1977): escritora francesa que se tornou famosa pela publicação de diários pessoais, que medem um período de

diário pessoal ao longo de 40 anos, e que se tornaria sua obra mais importante - afirma que a escrita confessional sofre com o tabu que condena o desenvolvimento pessoal e a exploração interior como manifestações narcísicas ou de um subjetivismo neurótico. Para Anaïs, a idéia equivocada de que a vida voltada para o exterior é mais importante que a descoberta ou a criação de si mesmo já foi desmentida pela desintegração da personalidade que caracteriza nossa cultura extrovertida, pela confusão e pelo caos. Gosto imensamente quando ela escreve que “a viagem interior aos labirintos do ‘eu’ confere a cada vida uma beleza e um conteúdo espiritual que estão ausentes em nossa civilização, justamente por causa dessa desconfiança em relação à subjetividade”. Clarice Lispector foi vítima deste tipo de preconceito ao longo de toda sua carreira: *Perto do coração selvagem*, de 1944, foi taxado por Álvaro Lins³⁶ - um dos mais importantes críticos da época - como “literatura feminina” e, em seu artigo sobre o livro, ele afirma que mulheres não parecem se ajustar muito bem a um tipo de criação literária como o romance, parecendo precisar mais “dos livros pessoais de confissões”. E o interessante é que, mesmo trinta anos depois, já consagrada, Clarice ainda era considerada por grande parte da intelectualidade brasileira como uma escritora “alienada” e desvinculada da realidade social de seu país. Pois em *A hora da Estrela* - seu último trabalho - Clarice produz uma narrativa social a seu modo: factual e abstrata, lírica e realista.

IHU On-Line - Além de *Era uma vez: eu, você* publicou, ao lado de Teresa Montero, a coletânea *Outros Escritos* - reunião de escritos dispersos de Clarice Lispector, tais como artigos de sua época de

quarenta anos, começando quando tinha doze anos. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁶ Álvaro Lins (1912-1975): professor, jornalista, crítico literário, ensaísta e diplomata brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

estudante, anotações de mãe num caderno doméstico, estudos para uma conferência etc. Em que medida esses documentos são importantes?

Lícia Manzo - Clarice Lispector sempre reconheceu o fragmento, a anotação dispersa, o “fundo de gaveta”, como parte indissociável de sua produção literária. Era a partir de apontamentos, num primeiro momento desconexos, que ela costumava extrair posteriormente uma unidade, transformando-os numa obra pronta e acabada. A vida inteira Clarice seguiria assim: escrevendo em pedaços de papel, talões de cheque, guardanapos - num jorro incontrolável. No canto de página de uma revista - em seu acervo pessoal doado à Casa de Rui Barbosa -, reconhecemos sua caligrafia nervosa que anota: “Tudo me toca: vejo demais, ouço demais - tudo exige demais de mim”. Em cada um de seus escritos - seja numa anotação doméstica de conversas com seus filhos, ou num artigo acadêmico para a revista da Faculdade de Direito -, Clarice está presente, misturada a tudo: impossível encontrá-la pela metade. Olga Borelli³⁷, uma de suas melhores amigas, me disse em uma entrevista: “Ela não se violentava - sempre fazia o que tinha vontade, sem pedir licença a ninguém - era um traço de sua personalidade”. Gosto dessa observação porque me parece extensiva tanto à sua obra quanto à sua vida: a mesma autenticidade, o mesmo projeto de liberdade, a mesma singularidade desconcertante. Isso era Clarice Lispector.

³⁷ Olga Borelli: escritora brasileira, amiga de Clarice Lispector. (Nota da *IHU On-Line*)

Por que a pena

MARINA COLASANTI

Para Clarice Lispector

Era noite de Ano-bom e quanta angústia no coração. Sim, estava em casa de amigos. Sim, tinha escapado à humilhação de ficar sozinha no seu apartamento, naquele apartamento capaz de em outros dias abrigá-la, ninho de livros, quadros e pontas de cigarros, mas que no último dia do ano, sabia por experiência anterior, podia tornar-se tão dolorosamente alheio quanto um quarto de hospital ou um hospício. Sim, os amigos lhe queriam bem e uma toalha de renda branca sobre a mesa prenunciava faturas. Mas o bem que ela queria aos amigos não bastava para aquecê-la, e outras eram as iguarias de que tinha fome.

Saiu. Três degraus externos na casa de vila. Sentou-se no primeiro. A noite quente, sem cheiros que usurpassem o do seu próprio corpo. A noite habitada pelos sons de festa vindos das outras casas, as outras casas todas daquela cidade de incontáveis casas. Só algumas apagadas, como a sua.

Queixo nas mãos, nas mãos que sangravam invisíveis acolhendo mais que o queixo sua alma ferida, olhou os pés. Lavados de toda poeira, ninguém diria que vinham de tão longe, que haviam caminhado sobre as pedras cortantes na aridez e no deserto. Eram pés citadinos cobertos pelas tiras das sandálias. Só isso. Unhas cortadas e passado nenhum.

Havia seguido o seu Senhor sem ouvir-lhe a palavra, acreditando traçar seu próprio rumo. E agora, só agora, tão distante das colinas da Galiléia, buscava em si a memória da Sua voz e nada ouvia.

Um rojão estourou em alguma parte.

- Senhor - disse ela, envergonhada de falar sozinha quando todos cantavam. - Senhor - repetiu, paciente no sofrer, para que Ele tivesse o tempo de aceitá-la em sua

atenção - se há algum sentido nesta minha dor, se você existe, dê-me um sinal.

E deixou-se ficar no colo da noite, crucificada de solidão.

Em alguma parte alguém riscou um fósforo. Estrelas de artifício acenderam a noite. Sobressaltou-se, voltada para o céu. Nem ouviu o farfalhar das asas. Virou a cabeça. Um pombo, vindo talvez de um dos telhados, pousou diante dela. Um pombo apenas, não um anjo. Um pombo branco. Que se pôs a ciscar na calçada à procura de migalhas.

E passada uma semana, porque o ar parecia vir de tão longe que ela quase o puxava para a garganta, como a uma corda, porque não encontrava nos dias nenhuma iluminação, decidiu consultar sua cartomante. Marcou hora pelo telefone. Tratou com um táxi, o subúrbio era longe. O carro ficou esperando na porta enquanto ela se consultava.

Demorou. A conversa, antes que partisse o baralho com o mesmo gesto sem retorno com que se abre uma porta, alongava-se rebordando inutilidades. E mesmo depois, as cartas abertas na mesa, fechadas na mão, embaralhadas, partidas, novamente abertas e dispostas na secreta escrita que só a outra sabia ler, comiam o tempo. O cafezinho da garrafa térmica, o copo d'água sobre o pires branco. Nada tinha pressa naquela sala onde o que estava adiante já havia chegado. Elogiou o pote de begônias antes de sair. Sorriu mais uma vez virando a cabeça. E eis que estava na rua, sol quente marcando com sua sombra a hora exata, nem antes. Nem depois.

No carro, perturbada como que a cartomante lhe dissera - palavras tantas que já se atropelavam e empalideciam em sua memória -, desarvorada pela intimidade, tão maior que sua própria, com que a outra

transitava no seu passado e futuro, deixou pender cabeça longamente, sem olhar além do vidro fechado.

Levantou-a num sinal, em rua que seria incapaz de reconhecer. O seu olhar até então cego ao que acontecia lá fora despertou, subitamente atraído. E atravessando a calçada por entre os passantes, varando a vitrina sem tomar conhecimento dos reflexos e escritas, apossou-se de um objeto exposto ao fundo.

- Pare - gritou ela em voz baixa para o motorista, seu corpo protendido em direção à rua.

Saltou, entrou na loja.

Era uma espécie de fruteira de louça, de pé torneado, enfeitado de pequenas flores rosadas, em relevo. E pousados naqueles que seriam o quatro cantos se apenas a fruteira não fosse redonda, quatro pombos brancos debruçavam-se como se bebessem a uma fonte.

Afastados os livros, limpa a mesa que não era de canto, que não era de centro, mas que estava ali entre a poltrona e o sofá, a fruteira encontrou seu novo lugar. E a louça, sobre o escuro tampo, pareceu ainda mais branca e delicada do que havia sido na loja.

Olhando-a, orgulhava-se de ter ouvido o chamado, de ter atendido a silenciosa voz que a convocava do fundo da vitrina. Mas, parados na delicada postura, os pombos não lhe traziam nenhuma resposta. E se a apaziguavam no final da tarde, quando sentada na poltrona evitava acender a luz colhendo apenas aquela que se coagulava no côncavo da louça, não eram suficientes para impedir a lenta rendição de seus poros veias e vasos que, negando-lhe a mínima defesa, pareciam abrir-se, entregando-a inteira ao silêncio.

Até que uma tarde, sentindo-se esvaír como se só casca lhe restasse, como se ela fosse somente o invólucro de uma grande ferida, “preciso ir ao médico”, pensou com a mesma amedrontada esperança com que alcançava o interruptor.

Percebeu que haviam gradeado o jardim público ao saltar da condução, indecisa entre a pura surpresa e a

indignação. Rejeitou ambas. Não havia por que se surpreender, jardins são gradeados no mundo inteiro. Nem com o que se indignar, as grades não estavam ali para tirar liberdade, mas para garantir segurança. E porque podia fazê-lo sem medo de ser assaltada naquele bairro central onde se sentia tão diferente, decidiu atravessar o jardim, no caminho para o consultório.

As aléias eram largas, o saibro entrava pelas sandálias intrometendo-se entre o couro e a delicada sola do pé. O pouco sol que passava através das copas espessas desenhava manchas sobre o chão, que se repetiam sobre sua pele, sua roupa, mimetizando-a, folha entre folhas, sapo entre sapos. E no entanto. Ouviu um pássaro, o ranger dos próprios pés. O barulho da cidade havia ficado lá fora, retido pelas grades. Parou um instante procurando o lenço na bolsa, deveria ter bebido antes de sair, o dia estava tão abafado e ela se cansava à toa ultimamente.

Dois homens sentados num banco riram alto, ela estremeceu. Não sentaria. Havia um velho derreado no banco mais à frente. Afastou-se temendo o cheiro da morte. Faltava pouco para chegar, já podia ver o portão aberto. Mas uma súbita vertigem a fez parar. Os olhos semicerrados, tateou com a mão erguida o tronco de uma árvore. Apoiou-se nele, dedos abertos, testa sobre os dedos, cabeça baixa de náusea, e no coração a pergunta: “Senhor, Senhor, por que o vinagre?”.

Como uma folha que cai, alguma coisa veio volteando do alto, roçou-lhe os cabelos, esgueirou-se entre o braço e a cabeça, pousou no chão. E no chão ela a viu, branca pena de pombo junto ao seu pé cansado.

Que fresca e limpa era a cadeira do consultório depois de toda aquela sufocante poeira. Que tranquilizador o médico com suas mãos rosadas cheirando a sabonete, sua fala acolchoada por aquela risonha segurança dizendo-lhe que não, não havia nada, um pouco de cansaço talvez, o calor antes das chuvas que se renunciavam, repouso seria o suficiente, repouso e distrair-se.

Estava tão grata que a distração lhe pareceu possível. Sairia, compraria uma saia nova, talvez voltasse a usar saltos altos, mulher igual a todas as mulheres boca de batom e seios, salva pela ciência.

O médico atrás da mesa sorriu novamente para ela, cabeça enviesada, mais amplo agora o sorriso. As mãos rosadas pararam de brincar com a caneta, espalmaram-se sobre o tampo de vidro. E empurrando-se levemente

para trás sobre a cadeira de rodízios ele anunciou cúmplice:

- D. Clarice, tenho um presente para a senhora.

Colhida entre dois dedos na gaveta, como se fosse uma flor, estendeu-lhe uma pena. Branca.

“Clarice sempre procurou, de forma radical, compreender os esquemas alienantes do homem”

ENTREVISTA COM VILMA ARÊAS

“Clarice Lispector desenvolveu um estilo bastante original, desfiando uma trama entrelaçada a dúvidas e buscas sobre o próprio processo criativo”, afirma a professora Vilma Arêas, em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line. Graduada em Letras Anglo-Germânicas pela Universidade do Brasil, Arêas é mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ) e doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é professora titular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no Departamento de Teoria Literária. É autora de, entre outros, Clarice Lispector com a ponta dos dedos (São Paulo: Companhia das Letras, 2005).

IHU On-Line - Qual é o processo subjetivo que podemos entender ao longo da obra de Clarice? Ela tem uma faceta feminista, ou sua obra não implica necessariamente um questionamento sobre os gêneros?

Vilma Arêas - Com uma formação livre e nada ortodoxa (trabalho precoce, pouca orientação, curso de direito, leituras misturadas), o que era comum e hoje se torna impensável, Clarice Lispector desenvolveu um estilo bastante original, desfiando uma trama entrelaçada a dúvidas e buscas sobre o próprio processo criativo. O

rótulo “feminista” foi pregado em seu texto de maneira equivocada, se com isso entendermos a moderna discussão de gêneros. Embora fale também de mulher, acho que a literatura dela passa longe dessas questões.

IHU On-Line - Os personagens de Clarice transitam por um universo mais íntimo (como na maior parte de seus livros), mas num romance como *A hora da estrela* parece haver um interesse maior pela situação de indivíduos inadaptados à grande cidade. Como se

apresentam esses elementos em sua obra?

Vilma Arêas - Creio que o “mais íntimo” significa uma intimidade desejada com o tecido do texto e as perplexidades dos vários narradores - homens e mulheres - para entenderem o mundo e a literatura. A situação dos personagens vem sempre discutida, com menor ou maior clareza. Em *A paixão segundo G.H.*, por exemplo, o conflito se desenrola entre uma mulher alienada, batizada pelas iniciais, pois nem nome tem, habitante de uma “superestrutura” (as palavras são dela), e a empregada Janair, pintada com as cores da barata e habitante do “bas-fond” do apartamento. Este é um dos esteios da obra. Em meu livro *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*, examino, em *A hora da estrela*, o aspecto social do imigrante nordestino na cidade grande. Na verdade, ela inicia o livro no ponto em que Graciliano Ramos³⁸ abandona os seus personagens em *Vidas secas*. Eles não são simplesmente “indivíduos inadaptados”, e sim pessoas que pertencem a uma classe explorada e excluída. Como Macabéa é uma personagem composta de cacos colados, podemos perceber também nela a figura do artista - descrito como “clown”, segundo a tradição modernista -, assim como a própria voz autoral. Ela escreveu o livro enquanto morria e nele também percebemos um balanço da própria vida.

IHU On-Line - Como são retratados Macabéa e seu namorado Olímpico de Jesus em *A hora da estrela*?

38 Graciliano Ramos (1892-1953): escritor alagoano, nascido em Quebrângulo. Autor de numerosas obras, várias delas adaptadas para o cinema, como *Vidas secas* e *Memórias do cárcere*, em 1963 e 1983, respectivamente, por Nelson Pereira dos Santos. A obra *Vidas secas* foi o objeto de estudo do Ciclo de Estudos sobre o Brasil, de 17-06-2004. Quem conduziu o debate foi a Prof^a MS Célia Dóris Becker, das Ciências da Comunicação da Unisinos. Confira uma entrevista que a professora concedeu sobre o tema na 105ª edição da *IHU On-Line*, de 14-06-2005, disponível para download no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

Clarice faz uma crítica a personagens que sonham com uma vida melhor, sobretudo ilusória?

Vilma Arêas - Macabéa e Olímpico não são criticados - eles merecem e mereceriam uma vida melhor, pois são trabalhadores. Eles são justamente mostrados como espoliados, massacrados, etc. O livro é claro nisso e expõe com clareza - e dureza - o que cabe aos pobres em nossa sociedade: salário infame, sistema de saúde precário e corrupto, educação inexistente (ela só alcança as informações soltas da *Rádio Relógio*, do Rio de Janeiro, hoje extinta).

IHU On-Line - Como se apresenta o experimentalismo na linguagem de Clarice? É possível percebermos um fundo filosófico na exposição de idéias, nos monólogos interiores, no fluxo da consciência?

Vilma Arêas - Os procedimentos tentam seguir o experimentalismo num corpo a corpo entre inteligência, sensibilidade e informação. Quanto à filosofia, podemos dizer que Clarice sempre procurou, de forma radical, compreender os esquemas alienantes do homem, tentando se aproximar do concreto, da “coisa mesma”, conforme dizia. Evidentemente sabemos que esse é um projeto idealista. Por isso, para realizá-lo, ela se aproxima dos animais (conferir “O búfalo”, conto em que a mulher se aproxima da fera para aprender a odiar profundamente - no caso o homem que a abandonara). O desmaio final da personagem - assim como o desmaio de G.H. - indica que tal aproximação é impossível.

Uma conversa com Clarice Lispector

POR GABRIELA LÍRIO

A procura da palavra no escuro é o título da dissertação de mestrado de Gabriela Lírio, que foi publicada pela Editora 7Letras, em 2001, e que pretendeu percorrer o caminho da (des)construção da linguagem na obra de Clarice Lispector. Para isso, foram analisados cinco livros: *A maçã no escuro*, *A paixão segundo G.H.*, *Água viva*, *A hora da estrela* e *Um sopro de vida*. Ao longo do processo de escritura da dissertação, em 1999, Gabriela fez muitas perguntas à Clarice, num “diálogo” intenso em que uma resposta levava a uma outra pergunta, e assim sucessivamente. Quando recebeu o convite da revista IHU On-Line, para uma “entrevista” com a escritora sobre seu trabalho, resolveu encarar o desafio de lembrar das suas conversas imaginárias com Clarice, que só conheceu através de sua literatura. Por isso, todas as respostas desse “diálogo” não foram inventadas, mas habitam os livros de Clarice.

Gabriela Lírio é doutora em Letras pela PUC-Rio e professora do Curso de Cinema da Universidade Estácio de Sá. É também coordenadora do Núcleo de Dramaturgia e editora das publicações “Digitagrama” e “Folhas de Cinema” na mesma instituição.

Gabriela Lírio - Clarice, em *A maçã no escuro*, Martim é um herói que se aventura na reconstrução do mundo. Ele perde a palavra para encontrá-la no momento seguinte. Qual é a verdade de Martim?

Clarice - A reconstrução de Martim tinha de começar pelas próprias palavras, as palavras são a voz de um homem. Ele não podia admitir as palavras alheias com sendo as suas. Não interessa se a verdade já existe ou se é criada, criada mesmo é que vale como ato de homem. A verdade não importa.

Gabriela Lírio - Quando nasce Martim, nasce o desejo. Em *A maçã no escuro*, o narrador diz que “uma pessoa se mede pela sua fome”. Qual é o desejo do herói?



Clarice - É o de encontrar o mistério da palavra, tocando a vida com a ponta dos dedos. Com horror santo. Horror de herói. Eu sou Martim.

Gabriela Lírio - No caldeirão de uma nova língua, de um novo princípio de sintaxe, da criação de um sonho real, Martim não havia ainda encontrado a palavra. Sentia-se na escuridão de quem cria, na solidão profunda de uma escolha. Que palavra era essa afinal?

Clarice - Martim liberta-se de si mesmo e da palavra final. Sua língua é abstrata. A palavra não tem nome.

Gabriela Lírio - Da falta de um nome dado à palavra surgem duas iniciais: G.H. G.H é uma pessoa inteira?

Clarice - Não estou à altura de imaginar uma pessoa inteira porque não sou uma pessoa inteira. Todos os

retratos de pessoas são um retrato de Mona Lisa.

Gabriela Lírio - O fato é que o retrato nunca pára de ser tirado e revelado, tirado e revelado, tirado e revelado, em uma conjunção dolorosa e mágica. Em *A paixão segundo G.H.*, o sorriso da Mona Lisa é uma gargalhada e parece não ter fim. Ser o sorriso seria o fim?

Clarice - Pensei nisso e cheguei à conclusão de que, no caso da personagem, a redenção deve ser na própria coisa. E a redenção na própria coisa é G.H. botar na boca a massa branca da barata. Então ela avança.

Gabriela Lírio - Ao encontrar a barata, G.H. anuncia uma metalinguagem do olhar. Descascando a barata como uma cebola, percebendo no inseto duas miniaturas de olhos dele mesmo, a personagem amplia sua percepção de mundo, abrindo novas possibilidades de sentidos. G.H. sente muita angústia?

Clarice - Sim. Por isso, ela diz: “Dá-me a tua mão. Porque não sei mais do que estou falando. Acho que inventei tudo, nada disso existiu! Mas se inventei o que ontem me aconteceu - quem me garante que também não inventei toda a minha vida anterior a ontem? Dá-me a tua mão”.

Gabriela Lírio - Da falta de um nome em *A maçã no escuro*, passando pela convulsão de uma linguagem em *A paixão segundo G.H.*, chega-se à construção de um coisa/objeto através da percepção do fracasso de uma ordem de palavras. Em *Água viva*, a personagem afirma que o que a salva é “escrever distraidamente”. Clarice, como você escreve?

Clarice - Não sei sobre o que escrevo. Sou obscura para mim mesma. É uma festa de palavras. Escrevo em signos que são mais um gesto que uma voz. Deixo-me acontecer.

Gabriela Lírio - O retorno a uma suposta origem das coisas, a este lugar anterior a tudo, inclusive anterior ao próprio pensamento é encharcado de it. Material de ligação, síntese protéica que liga uma palavra à outra, uma pergunta a uma possível resposta, um não a um sim, uma molécula à outra, um silêncio a outro silêncio. Clarice, por favor, fale mais do it.

Clarice - Tenho uma coisa importante para te dizer. É que não estou brincando: it é elemento puro. É material do instante do tempo. Não estou coisificando nada: estou tendo o verdadeiro parto do it. Sinto-me tonta como quem vai nascer. Já assisti gata parindo. Esse processo é it. Estou grave. Penso que terei que pedir licença para morrer um pouco. Com licença sim? Não demoro. Obrigada.

Gabriela Lírio - *A hora da estrela* é um romance muito bem estruturado. Macabéa nasce de um olhar de Rodrigo ao ver “... o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina”. A personagem herda a riqueza da despersonalização de G.H. e a falta de preocupação com nomes, tal qual a pintora de *Água viva* que nunca se questionou sobre ter ou não ter um.

Clarice - Só uma vez Macabéa se fez a trágica pergunta: “quem sou eu?” Assustou-se tanto que parou completamente de pensar. Ao criar Macabéa me perguntava: Antes de nascer ela era uma idéia? Antes de nascer ela era morta? E depois de nascer ela ia morrer? É muito simples: a moça não tinha. Não tinha o quê? É apenas isso mesmo: Não tinha. Se der para entender, está bem. Senão, também está bem.

Gabriela Lírio - *Um sopro de vida* encerra, sucumbe, projeta um duplo: dois personagens, duas histórias, duas narrativas, dois livros. Ângela e Autor, este último sem nome próprio, mas com requinte de palavra, é o que nomeia e é o que dá voz à personagem. Para o seu duplo, ela é seu contrário, tão

contrário que chega a ser um igual...

Clarice - Sim. O Autor pergunta “estou falando eu ou está falando Ângela? Meu não-eu é magnífico e me ultrapassa. No entanto, ela me é eu”.

Gabriela Lírio - Clarice, obrigada pela entrevista.
Você gostaria de falar mais alguma coisa?

Clarice - Cheguei finalmente ao nada. E na minha satisfação de ter alcançado em mim o mínimo da existência, apenas a necessária respiração - então estou livre. Só me resta inventar...

Diálogos possíveis com Clarice Lispector

POR TERESA MONTERO

Teresa Montero é doutora em Letras pela PUC-Rio e professora de Literatura Brasileira e dramaturgia na Universidade Estácio de Sá (UNESA). É autora de Eu sou uma pergunta. Uma biografia de Clarice Lispector (Rio de Janeiro: Rocco, 1999). *Sua tese de doutorado é intitulada* Yes, nós temos Clarice. A obra de Clarice Lispector. A primeira parte da tese foi publicada com o título Closer to the wild heart. Essays on Clarice Lispector (Oxford: Legenda, 2002). *É também organizadora das obras mais recentes de Clarice Lispector publicadas pela editora Rocco: Correspondências (2002), Outros escritos (2005) e Aprendendo a viver. Imagens (2005).*

A pesquisadora aceitou o convite da IHU On-Line para produzir uma “entrevista virtual” com a escritora. As respostas de Clarice Lispector para esse texto-montagem foram extraídas das seguintes entrevistas e crônicas: Revista Crisis (nº 39 - Julho 1976); Clarice Lispector (O Papo, 8/4/1972 - Sergio Fonta); Clarice Lispector e a Maçã no escuro (Diário de Notícias, 30/7/61 - Rosa Cass); “Livro de cabeceira da mulher” (1967); Uma mulher chamada Clarice Lispector (Criaturas de papel. Edilberto Coutinho); “Adeus, vou-me embora!” (A descoberta do mundo. Crônicas); e “Humildade e técnica” (A legião estrangeira).

Como é o processo de começar um livro?

Clarice - Eu sempre começo tudo como se fosse pelo meio. Deus me livre de começar a escrever um livro da primeira linha. Eu vou juntando notas. E depois vejo que umas têm conexão com as outras, e aí descubro que o livro já está pelo meio.

Você segue algum ritual para escrever? Quais as condições ideais para se escrever?

Clarice - Se com isso de condições ideais você quer dizer paz de espírito, tranquilidade material, sossego, devo dizer que para mim tudo isso é uma grande mentira. Não há condições ideais para escrever. No meu caso particular, começo um relato qualquer e termino completamente tomada por ele. Aí começa o processo, que para mim é muito penoso. Há um detalhe: esse processo se desenvolve ali, naquele sofá, onde sento com a máquina de escrever sobre os joelhos. Quando meus filhos eram pequenos, escrevia enquanto cuidava deles, ou seja, com os dois

pulando à minha volta. Sempre quis evitar que eles tivessem de mim a imagem de “mãe escritora”. Escrevi, então, perto deles, tratando de não me isolar. É fácil imaginar o que isso significava: interrupções a cada instante, um que vinha pedir uma estória, outro que vinha com perguntas loucas, típicas dos garotos. Assim eu trabalho. As condições ideais estão dentro de cada um.

Certa vez, referindo-se ao seu processo de escrever, você disse que ele é uma procura humilde. O que é a ‘técnica da humildade’?

Clarice - Essa capacidade de atingir, de entender, é que faz com que eu, por instinto de... de quê? Procure um modo de falar que me leve mais depressa ao entendimento. Esse modo, esse “estilo” (!), já foi chamado de várias coisas, mas não do que realmente e apenas é: uma procura humilde. Nunca tive um só problema de expressão, meu problema é muito mais grave: é o de concepção. Quando falo em “humildade”, refiro-me à humildade no sentido cristão (como ideal a poder ser alcançado ou não); refiro-me à humildade que vem da plena consciência de se ser realmente incapaz. E refiro-me à humildade como técnica. Humildade como técnica é o seguinte: só se aproximando com humildade da coisa é que ela não escapa totalmente. O processo de escrever é feito de erros - a maioria essenciais - de coragem e preguiça, desespero e esperança, de vegetativa atenção, de sentimento constante (não pensamento) que não conduz a nada, não conduz a nada, e de repente aquilo que se pensou que era “nada”, era o próprio assustador contato com a tessitura de viver.

O sucesso lhe incomoda?

Clarice - Sinto-me só. É como se as pessoas ao se aproximarem de mim dessa maneira me negassem uma comunicação, impedindo-me de retribuir. Por acaso eu escrevo, e a coisa vem através da literatura. Mas se eu fosse bonita, ou se tivesse dinheiro, por exemplo, também não gostaria que as pessoas me procurassem por essa razão. O bom é ser aceita como um todo, começando até nos defeitos, nas coisas pequenas, para depois então chegar às de maior importância.

Há quem ache sua obra pessimista. O que você pensa sobre isto?

Clarice - Prefiro acreditar que o impacto emocional do que escrevo corre por conta da reinvenção pessoal do leitor. Meus livros são espécies de trilhas, de onde cada um parte para as próprias descobertas.

Se tivesse que escolher entre a maternidade ou a literatura, qual você escolheria?

Clarice - A resposta é simples: eu desistiria da literatura. Não tenho dúvida de que como mãe sou mais importante do que como escritora.

Por que você se nega a assumir a posição da ‘mulher escritora’?

Clarice - Sempre rejeitei e evitei os chamados “meios intelectuais”. Tenho amigos escritores que, em primeiro lugar, são amigos, e depois, escritores. Nunca me aproximei de ninguém pelo fato de que, como eu, escrevesse. Sinto repulsa pelo mundo superficial dos literatos, não me misturo com eles. Sou uma pessoa, amiga de outras pessoas. E há outra coisa que eu quero dizer: escrever, para mim, é uma coisa natural, embora extremamente angustiante e difícil. Sou uma mulher que escreve, porque para mim escrever é como respirar, necessário para sobreviver. Talvez por causa disso não goste de falar sobre meus livros. O que eu tinha de dizer está neles, e foi tão difícil escrevê-los...

Clarice, você leu o que o Henfil escreveu no *Pasquim* ao referir-se à sua literatura como “alienada”?

Clarice - Vi. No começo fiquei muito zangada, porque ele não me conhece o bastante para saber o que eu penso. Fiquei meio aborrecida, mas depois passou. Se eu me encontrar com ele a única coisa que eu direi é: olha, quando você escrever sobre mim, Clarice, não é com dois esses, é com c, viu? Só isso que eu diria a ele. Mais nada.

Como você se sente ao ser premiada pela Fundação Cultural

do Distrito Federal pelo conjunto de sua obra?

Clarice - Desde que recebi a notícia não consigo pensar senão nisto: crianças morrem de fome, crianças mortas de fome. Se eu doasse o prêmio para as crianças carentes os adultos ficariam com o dinheiro.

O que você acha de ser considerada um monstro sagrado?

Clarice - Eu não sei como é que se criaram esses mitos. Não sei, não. Pessoas já me confessaram que até me conhecer eu era um monstro sagrado. Um jornalista veio me entrevistar e disse que estava muito surpreendido de ver que eu falo com calma. Ele imaginava que eu dizia coisas muito depressa e muito exóticas, que minha conversa era feita disso. Ele ficou espantado de eu ter uma conversa razoável, de uma pessoa com outra. Saiu até um artigo, não me lembro quem escreveu, chamado “Quem tem medo de Clarice Lispector”, parafraseando aquela outra: *Quem tem medo de Virginia Woolf*. Ninguém precisa ter medo, não.

Como é a experiência de ter uma coluna semanal no *Jornal do Brasil*? Ela propicia uma maior exposição da sua intimidade? Um dia você revelou o desejo de largá-la. Por quê?

Clarice - Por enquanto, não estou largando a coluna: mas aprendendo um jeito de defender minha intimidade. Quanto a eu me delatar, realmente isso é fatal, não digo nas colunas, mas nos romances. Estes não são autobiográficos nem de longe, mas fico sabendo por quem os lê que eu me delatei. No entanto, paradoxalmente, e lado a lado com o desejo de defender a própria intimidade, há o desejo intenso de me confessar em público, e não a um padre. O desejo de enfim dizer o que nós todos sabemos e, no entanto, mantemos em segredo como se fosse proibido dizer às crianças que Papai Noel não existe, embora sabendo que elas já sabem que não existe. Mas quem sabe um dia saberei escrever um romance ou um conto no qual a intimidade mais recôndita de uma pessoa seja revelada sem que isso a deixe exposta, nua e sem pudor. Se bem que não haja

perigo: a intimidade humana vai tão longe que seus últimos passos já se confundem com os primeiros passos do que chamamos de Deus.

Você recebe muitas cartas dos leitores. Quais as que mais lhe comoveram?

Clarice - As desta última safra são de gente muito pura e cheia de confiança em mim. Não sei selecionar as que mais me comoveram. Todas esquentaram o meu coração, todas quiseram me dar a mão para me ajudar a subir mais e ver de algum modo a grande paisagem do mundo, todas me fizeram muito bem. Sou uma colunista feliz. Escrevi nove livros que fizeram muitas pessoas me amar de longe. Mas ser cronista tem um mistério que não entendo: é que os cronistas, pelo menos os do Rio, são muito amados. E escrever a espécie de crônica aos sábados tem me trazido mais amor ainda. Sinto-me tão perto de quem me lê. O contato com o outro ser através da palavra escrita é uma glória. Se me fosse tirada a palavra pela qual tanto luto, eu teria que dançar ou pintar. Alguma forma de comunicação com o mundo eu daria um jeito de ser. E escrever é um divinizador do ser humano.

Por que você escreveu: “livrai-me do orgulho de ser judia”?

Clarice - Eu sou judia, você sabe. Mas não acredito nessa besteira de judeu ser o povo eleito de Deus. Não é coisa nenhuma. Os alemães é que devem ser, porque fizeram o que fizeram. Que grande eleição foi essa, para os judeus? Eu, enfim, sou brasileira, pronto e ponto.

Clarice, o entrevistado tem a obrigação de falar a verdade?

Clarice - Não. Ele não é obrigado a dizer aquilo que é contra a sua vontade. Mas também não deve falar do assunto de um outro ângulo, para que não haja ambigüidade e muitas interpretações diferentes. Sempre quis ouvir de um entrevistado o fato como se passou, para não contar a história com interpretação própria. Certas interpretações contam o oposto do que foi dito.

Brasil em Foco

“Há dólar demais no sistema econômico brasileiro”

ENTREVISTA COM GUILHERME DELGADO

Trabalhar unicamente com planejamento da política monetária, como faz o Copom, “é uma coisa anacrônica”, que não irá resolver os problemas da política macro econômica. Essa é a opinião do economista Guilherme Delgado, entrevistado do Brasil em Foco desta edição. Para ele, a política monetária precisa ser articulada com projetos que contribuam para o desenvolvimento do País. O economista ressaltou que, atualmente, os papéis entre Governo e Banco Central foram invertidos, e destaca que “a República Federativa do Brasil é que deve dar as linhas para o Banco Central agir”.

Para discutir a elevação das taxas de juros no Brasil, que baixam vagarosamente, a IHU On-Line entrevistou Delgado, que é economista e pesquisador do Instituto de Pesquisas Econômica Aplicada (Ipea). Esta entrevista complementa a que publicamos nas Notícias do Dia 10-07-2007 intitulada A não convergência da política monetário-financeira e a do desenvolvimento, disponível para download no site do IHU, www.unisinos.br/ihu. Delgado é doutor em Economia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Confira a seguir a entrevista, concedida por telefone:

IHU On-Line - Por que o presidente Lula não interfere nas decisões do Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco Central? Baixar a taxa de juros rapidamente traria alguma consequência negativa para o Brasil?

Guilherme Delgado - Nos últimos 12 meses, as taxas de juros estão baixando lentamente, e vão continuar baixando. O Lula não interfere diretamente nas decisões do Copom, porque na concepção de governo que foi montada, desde o primeiro mandato, a direção do Banco Central foi considerada autônoma para gerir a política monetária. Nesse sentido, a gestão monetária ficou reservada a um grupo de interesse que se chama diretoria do Banco Central. Assim, essa diretoria, com suas concepções, não obedece ao poder executivo. Este é que tem obedecido à diretoria. Assim, os diretores do banco têm sido sistematicamente resistentes a uma

articulação com a política de desenvolvimento. Isso é discutível, porque o Banco Central, aqui, não tem o caráter oficial de instituição autônoma e independente como se quer.

Baixar as taxas de juros só traria consequências positivas para o País. As taxas elevadas têm impedido que se tenha uma equação mais saudável no sistema de endividamento público. Hoje, nós estamos com uma taxa de juro real em torno de 10%, extremamente alta em termos internacionais. Ela ainda tem espaço para cair ao nível de 6%, e, ainda assim, seria uma taxa muito alta.

IHU On-Line - A elevação dos juros é decorrente da “independência” do Banco Central com o Governo Federal? Se o Banco Central fosse dependente do Governo, as taxas de juros seriam tão altas?

Guilherme Delgado - Os juros estão altos há mais de

uma década. Desde que se implantou o real, os juros são altíssimos. Os juros aumentam, em geral, quando uma economia apresenta um alto grau de endividamento, como é o caso da brasileira. E eles serão tão maiores quanto mais existir a necessidade da tomada de empréstimo. Na medida em que o Brasil, desde o real, foi elevando a dívida pública, de forma abrupta ocorreu um processo de crescimento dos juros, que, combinado com a contingência externa de baixa capacidade de socorro de poupança financeira externa, tornou esses juros explosivos. Mas essa é uma conjuntura que já foi modificada. Hoje, nós estamos numa situação de liquidez abundante. Nós não temos mais dívida externa líquida praticamente, porque nossas reservas, formadas durante esse processo, já são até maiores que a dívida líquida do setor público. A própria dívida interna tem caído muito. Então, todas as circunstâncias internas e externas, que “justificariam” uma política de juros altos, já passaram. Por isso, já devíamos navegar num outro horizonte, mas ainda há uma resistência forte para manter essa política por mais algum tempo.

Se houvesse uma maior coordenação do Banco Central pelo ministério da fazenda, as taxas de juros poderiam ser mais baixas. No entanto, isso não acontece porque o governo é refém desse processo. Nessa aliança de governabilidades, os setores financeiros têm um papel de fiadores ou de asseguradores da governança. Isso não precisaria ser assim. Se o governo quisesse fazer uma política mais dinâmica e mais incisiva de enquadramento no setor financeiro, poderia fazer. Mas aí seria necessário um outro arranjo de poder, e outras pessoas para o Banco Central.

Inversão de papéis

Toda essa política de juros, monetária, cambial e financeira, precisa ser articulada com projetos de desenvolvimento do País. Se ela não tiver essa articulação e apenas se vincular às estratégias privadas,

de aplicação de capitais, como tem sido no presente, isso representará um grande problema, não só econômico, mas também político para o País. Parece que se tem uma República independente no Banco Central, com poderes absolutos que outorga para nação as suas políticas, e essa as acolhe de forma dependente. Quando deveria ser ao contrário, ou seja, a República Federativa do Brasil é que deveria dar as linhas para o Banco Central agir. Mas, no fundo, tem havido uma inversão de papéis, e esse é o grande problema.

IHU On-Line - Qual é a influência dos capitais estrangeiros na elevação das taxas de juros e na valorização do real? As taxas aumentam para atrair mais investimentos do exterior?

Guilherme Delgado - Como as taxas de juros brasileiras ainda são internacionalmente as mais altas do mundo, isso gera um efeito atrativo desse capital, que ao entrar, pressiona para valorizar ainda mais o câmbio brasileiro. Esse é um efeito duplamente perverso, pois entra muito dólar no Brasil, e, quando isso ocorre, o real se valoriza e a moeda americana baixa. Ocorre que, ao mesmo tempo, o dólar é aplicado em títulos públicos ou em outras aplicações financeiras. No entanto, esse dinheiro sai a qualquer momento do mercado brasileiro, porque não há controle de entrada e saída dos capitais. Então, a política de valorização do real e de juros altos é uma política perversa, do ponto de vista do interesse público da economia brasileira. Trata-se de uma política de interesse privado, estritamente volátil e especulativo. Aparentemente, para os interesses privados, essa política altamente liberal é favorável, porque ela permite que os aplicadores mundiais entrem e saiam a qualquer momento, conferindo à nossa economia a condição de paraíso financeiro. Mas, para uma arquitetura de longo prazo, pensando nos objetivos de um país que quer se desenvolver, isso não é uma combinação boa.

A taxa de juros alta, atualmente, se sustenta por uma

resistência “natural” dos seus beneficiários e por uma política dos setores que são detentores de aplicações em fundos públicos. Na verdade, nós temos uma dívida pública que rola e paga esse interesse aos seus aplicadores. Então, esse sistema reage a quedas mais fortes na taxa de juros básica, e, evidentemente, tem uma conexão com a liberdade internacional de entrada e saída de capitais, fortemente defendida pelo FMI e pelo Tesouro norte-americano. No fundo, é uma aliança meio espúria, e que já teve mais fortaleza para se manter do que a atualmente desfruta.

IHU On-Line - A entrada de capital estrangeiro muito rápido no Brasil traz algum benefício para o País? Por que o governo incentiva outros países a investirem aqui? Quem ganha com isso?

Guilherme Delgado - Nesse momento, só traz malefícios, porque esse é um capital que entra e sai a qualquer momento, sem que isso seja necessário. No momento, há dólar demais no sistema econômico brasileiro. O dólar que entrasse no País teria que, pelo menos, passar por um processo de quarentena. Ou seja, depois de ele entrar, só deveria sair depois de 12, 18 ou 24 meses. Assim, evitaria esse fluxo e refluxo de capital especulativo. Nessa perspectiva, a liberdade de capitais é um contra-senso do ponto de vista do interesse público. Agora, o interesse público, provavelmente, é a última coisa considerada nas reuniões do Banco Central. Eles estão pensando como os capitais têm maior liberdade, além de maior capacidade de ir e vir, segundo estratégias privadas de maior ganho.

Quem ganha com essas altas taxas de juros são apenas os interesses financeiros internos e externos. A política adotada beneficia os setores financeiros, os grandes bancos, os grandes aplicadores internacionais e até mesmo os aplicadores industriais e de serviço que tenham poupança para aplicar na dívida pública. Eles contam no Brasil com uma zona de livre aplicação de idas

e vindas a qualquer momento, sem restrições. Por isso, essas consultoras financeiras ou grandes aplicadoras consideram que o Brasil está fazendo uma política correta. Correta, no entanto, sob a perspectiva delas. Do ponto de vista do desenvolvimento, isso é altamente discutível.

Assim mesmo, não digo que haja uma ação conspiratória do Banco Central para beneficiar alguém. Os profissionais dele fazem parte de uma geração de economistas e financistas que têm um comportamento muito conservador em benefício dos credores do Estado, e uma atitude muito liberal com os devedores. Essa atitude ambígua faz com que eles sejam fortemente reativos a políticas que diminuam as obrigações do Estado para com o setor privado, e operem no sentido inverso em relação às obrigações do setor privado para com o Estado.

IHU On-Line - Que conseqüências a atual política de juros traz para o consumidor final?

Guilherme Delgado - Do ponto de vista do consumidor, há outro lado da questão. Essa política persegue uma única meta, que é a de estabilização monetária, da inflação baixa. Para o consumidor, uma política de valorização do real, e, por conseqüência de juros altos, promove uma certa estabilização monetária. Então, ela é vista como um bem para o consumidor, como foi na época do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (no primeiro governo). Nessa visão, um tanto quanto desfocada de outros objetivos econômicos simultâneos, o consumidor estaria satisfeito. O problema são os desequilíbrios que isso provoca, como provocou na época do Fernando Henrique, com a crise que foi caminhando lentamente até explodir no final de 1998, com a fuga de capitais e todo o processo de recessão, que demorou mais de quatro anos. Então, na verdade, não se pode ter uma política econômica com uma meta e um objetivo únicos. Claro que é preciso ter metas de inflação, sim,

mas são necessárias também metas de emprego formal, de crescimento econômico e metas nas políticas sociais distributivas e redistributivas. Trabalhar só e unicamente com o planejamento da política monetária em cima de metas de inflação, que é o que faz o Copom, é uma coisa anacrônica e que não resolve o conjunto da orquestração da política macroeconômica.

IHU On-Line - Quais são os impactos das atuais taxas de juros para a relação do Brasil com o Mercosul e com outros países da América Latina?

Guilherme Delgado - Quando se pratica uma política de câmbio e juros como a da forma atual, ela tem conseqüências diretas no comércio internacional, porque, ao sobrevalorizar o real, as exportações são menos competitivas e as importações mais atraentes. Se os demais países do Mercosul não seguirem a mesma política que o Brasil segue, eles tendem a inverter a posição de comércio, ou seja, exportar mais e importar menos. No longo prazo, a sobrevalorização cambial possui um efeito de inibir as nossas exportações e estimular as importações, que ficam muito baratas. Isso provoca uma deterioração no saldo comercial e no saldo da conta corrente, que mexe com todas as transações, as quais, em última instância, irão provocar tendências de endividamento futuro.

O grande inimigo de uma política dessas não é a conjuntura imediata, que provoca inflação baixa. É, sim, é a engenharia de longo prazo no sistema econômico, no comércio internacional, no emprego e no crescimento econômico. Aparentemente, estamos tirando vantagem da atual política econômica. O Brasil voltou a crescer moderadamente, e as pessoas acham que não há mais problemas e que está tudo resolvido. Só que não é bem assim, ou seja, essa política tem que ser mudada gradualmente, ou mais intensamente. Caso contrário, o crescimento será comprometido perante a primeira crise econômica externa que o País venha a enfrentar..

Eventualmente, pode se aproveitar de um “boom” externo de crescimento, mas, na medida em que ele for atenuado, os problemas emergem porque eles já estavam, de certa forma, subliminarmente colocados.

IHU On-Line - É correto afirmar que o Brasil não cresce mais por causa das elevadas taxas de juros? E como explicar os índices de crescimento em alguns setores da indústria?

Guilherme Delgado - Isso é verdadeiro, embora não seja só isso. Temos que considerar que a taxa de juros funciona como um preço macroeconômico básico, e os investimentos particulares têm rentabilidades diferenciais em cada ramo. Então, o setor calçadista, por exemplo, possui uma taxa de retorno baixa por causa da competição externa. Assim, para ele, a taxa de juros afeta muito. Um ramo que tem uma taxa interna de retorno alta, como o sucroalcooleiro, cresce, e, mesmo com as taxas de juros altas, consegue se expandir porque a competitividade interna é muito alta. Então, a taxa de juros é uma espécie de parâmetro nivelador para que diferentes projetos de investimentos e de aplicação de capital ocorram. Evidentemente, se a taxa sobe demais, até os setores mais competitivos ficam menos atraídos. Ocorre que para alguns setores da indústria, as taxas internas e de retorno desses setores são muito altas. Assim, se a taxa é muito alta, a tendência é o mercado fugir para as formas líquidas, financeiras e de baixo risco.

IHU On-Line - Atualmente, no País é mais interessante investir em capital produtivo ou financeiro?

Guilherme Delgado - Já foi bem mais interessante investir em capital financeiro. Na tendência atual, é mais indicativo que o setor privado acorra para aqueles setores que estão sendo sinalizados como estratégicos em termos de crescimento. Isso é o que o Programa de

Ação Econômica tende a indicar: setores de infraestrutura, de energia, de insumos básicos, bens de capital para indústria. Agora, isso tudo é um jogo que

depende de muitas circunstâncias, inclusive a manutenção do quadro internacional. Portanto, é um jogo que pode mudar de uma hora para a outra.

Filme da Semana

OS FILMES COMENTADOS NESTA EDIÇÃO FORAM VISTOS POR ALGUM/A COLEGA DO IHU.

Baixio das Bestas, de Cláudio Assis

Ficha Técnica

Nome: Baixio das Bestas

Cor filmagem: Colorida

Origem: Brasil

Ano produção: 2006

Gênero: Drama

Duração: 80 min

Classificação: 18 anos

Direção: Cláudio Assis

Elenco: Dira Paes, Caio Blat, Matheus Nachtergaele, Hermila Guedes, Marcélia Cartaxo, Fernando Teixeira, Mariah Teixeira, Irandhir Santos.

Sinopse: No agreste pernambucano, a exploração e violência contra as mulheres domina. Todas as noites, um avô desnuda a própria neta, de 16 anos, num posto abandonado para que um grupo de voyeurs, que inclui agrobóys e caminhoneiros, lhe pague para admirá-la. Alguns dos mesmos homens freqüentam o bordel, onde não hesitarão em estuprar brutalmente uma das prostitutas.

"Baixio" é sobre impunidade, diz diretor

A seguir reproduzimos crítica publicada pela Folha de S. Paulo em 11-05-2007. O texto é de Silvana Arantes. Para Cláudio Assis, trama de seu longa "Baixio das Bestas" não oferece redenção, por ser "honesto com a nossa aldeia".

Baixio das bestas, segundo longa do pernambucano Cláudio Assis, que estréia hoje em São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, começa com o prenúncio de uma decomposição: "Há quem diga que o tempo vence no fim. Um dia ele engole a usina, como engole a ti e a mim". As imagens sob o texto são de *Menino de engenho* (1965), de Walter Lima Jr., com o qual Assis, 46, faz uma ponte temática: retoma o universo usineiro, para retratá-lo com as tintas dos anos 2000, envolto em decadência e exploração—não só nas relações de trabalho.

Baixio das bestas saiu vencedor do Festival de Brasília, em 2006, sob aplausos e vaias. Também foram da atração à repulsa as reações ao longa anterior de Assis, *Amarelo manga* (2003). O diretor diz não se incomodar com a desaprovação. "Incomodou-se? Vaie mesmo", afirma, repisando uma tese de seu filme: "No cinema pode tudo!". E provoca, na entrevista: "Pode fazer esses filmes idiotas que as pessoas fazem".

Folha - *Baixio das bestas* é um filme sobre as mulheres ou um filme sobre como os homens as tratam?

Cláudio Assis - É um filme que trata da violência da sociedade contra as mulheres. No fundo, é sobre a impunidade. Não apresenta redenção, porque estamos sendo honestos com nossa aldeia. O Brasil é um país de impunidade, no Legislativo, no Judiciário, nas relações humanas.

Folha - Você aparece numa cena do filme tratando a garota prostituída como um eventual cliente. Não acha

que isso pode ser interpretado como reforço ao comportamento repulsivo dos personagens?

Cláudio Assis - Por que só o ator pode dar a cara a bater, sendo um filho da puta? Eu não? O fato é que, quando uma pessoa quer massacrar outra, tudo é pretexto. [O cineasta inglês Alfred] Hitchcock fez isso a vida toda e ninguém disse que ele estava reforçando nada. Não há nada mais violento que os filmes de Tarantino, e aqui ele é "cult". Se eu demonstro uma realidade, sou tachado de ultraviolento.

Folha - *Baixio das bestas* transcorre durante um ciclo de cultivo de cana. A usina deixa o lugar malcheiroso, e um personagem teme que ela elimine o maracatu. Essa é a forma de o filme se inserir na discussão sobre o Brasil e os biocombustíveis?

Cláudio Assis - Claro que sim. O [presidente dos EUA [George W.] Bush veio ao Brasil, mandar plantar cana. Não para amanhã, mas para daqui a 50 anos, porque vai faltar petróleo para eles. O cara está se preparando para resolver o problema deles. E todo mundo vai plantar. A história da cana-de-açúcar se confunde com a do Brasil.

Foi nossa primeira cultura para exportação. Ela é um câncer da terra e das relações humanas. Bush manda fazer e vamos fazer? Perpetuar mais séculos de miséria para o povo? É isso? É uma pergunta que faço. Ele está sendo garoto-propaganda do meu filme, porque é a própria encarnação da besta-fera.

Folha - O personagem de Matheus Nachtergaele afirma que o bom do cinema é "poder tudo". Mas a

frase é dita num cinema desativado. Como deve ser interpretada?

Cláudio Assis - É uma metáfora. No cinema você pode fazer esses filmes idiotas que as pessoas fazem, que são um lixo, que viciam o olhar, que fazem as pessoas não pensar. Você pode. É ficção e pode ser documentário. Cada um faz o seu cinema.

Folha - Você diz que não há redenção em *Baixio das bestas*. A cena em que o maracatu derruba um

personagem sugere que a arte, em vez de redimir, pode matar?

Cláudio Assis - Ali é uma alegoria. Você não sabe se ele morreu, se ele encantou. A cultura popular pode ter esse papel. É o que tem de bom dentro daquele inferno - o maracatu, que vem dos escravos. Foram os negros que fizeram o maracatu. Criaram a nação deles, com um rei, uma rainha e os caboclos de lança, que defendem o seu universo.

Diretor mergulha na brutalidade e, com grande marca pessoal, ilumina o humano

Confira, abaixo, o texto de Pedro Butcher, publicado pela Folha de S. Paulo em 11-05-2007.

O universo dos filmes de Cláudio Assis é sórdido -mas nem por isso é desumano. Ao contrário: Assis tem coragem de iluminar áreas sombrias do homem, negligenciadas pelo cinema, com uma marca extremamente pessoal.

Amarelo manga pintava um anticartão-postal de Recife, oscilando entre a autenticidade e a caricatura. *Baixio das bestas*, ainda que seduzido pela estetização, vai mais longe.

No cenário da Zona da Mata de Pernambuco, em meio às plantações de cana que geram riqueza e exploração extremas, *Baixio...* desfila seu painel humano. São relações predatórias, quando não sádicas. Um tipo de exercício de poder que se espalha no cotidiano e termina em brutalidade.

A brutalidade pode vir do discurso: as palavras, ácidas, saem para machucar, não raro com humor. Aí, o filme flerta com a graça fácil, mas que logo acaba.

A exploração sexual é a consequência primeira desse tipo de relação humana que subjuga o corpo; as mulheres, as maiores vítimas. Essa exploração está no trabalho, mas se infiltra entre todos os tipos de relação.

O sexo, como efeito do poder sobre o corpo, é o foco: há o velho que explora a nudez da neta menor de idade, os frequentadores do puteiro que se acham no direito de fazer o que quiserem com as prostitutas. O dinheiro é o personagem invisível: é o elemento de corrupção e desumanização.

Para tornar esse universo crível, Assis conta com um elenco de primeira -com destaque para Fernando Teixeira, como o velho explorador, e Caio Blat, estudante que passa os fins de semana com a família. Blat vive um bom ano após atuações marcantes em *Batismo de sangue* e *Proibido proibir*.

Em *Baixio...*, Assis caminha por um terreno pelo qual outros cineastas brasileiros já se aventuraram, como Roberto Moreira, em *Contra todos*, e Sérgio Bianchi, em

Cronicamente inviável. Mas Assis parece ser o que mais fielmente enfrenta a sordidez como um universo a ser

encarado, e não criticado de fora. É pessimista pelo que vê e não pelo que, simplesmente, despreza.

Universo em que mais fortes devoram mais fracos é olhado de fora por Assis

Confira, a seguir, o texto de Sérgio Rizzo, publicado pela Folha de S. Paulo em 11-05-2007.

Baixio das bestas confirma o que *Amarelo manga* (2002) já havia demonstrado: no cenário de pasmaceira dominante do atual cinema brasileiro de ficção, é natural que se acompanhe de perto, e com interesse, a parceria de inconfundível personalidade entre o diretor Cláudio Assis e o roteirista Hilton Lacerda - que também colaborou em *Baile perfumado* (1997), de Paulo Caldas e Lírio Ferreira, e *Árido movie* (2004), de Ferreira. Em *Amarelo manga*, ao menos duas vigas sustentavam a busca por uma abordagem de risco: o feixe de personagens atípicos, comprimidos em panela de pressão que parece o tempo todo prestes a explodir, com uma série de dramas interligados pelo fio um tanto esgarçado do acaso; e o rigoroso tratamento estético - com ênfase na fotografia de Walter Carvalho e na direção de arte de Renata Pinheiro - que procurava integrar o conjunto. *Baixio...* reúne o mesmo núcleo de colaboradores (reforçado pelo operador de câmera Lula Carvalho e anabolizado pela filmagem em esplendoroso super 35

mm) e radicaliza as duas coordenadas: a beleza da textura e dos enquadramentos serve ao horror da sociedade de consumo em estado bruto, sem perspectivas - certa miséria existencial que leva a um desenho do mundo como uma gaiola em que os mais fortes devoram os mais fracos, mas continuam presos ali. Cria-se, no entanto, um ruído: esse universo de barbárie não é exposto de dentro, pelas suas próprias entranhas, mas de fora, por um olhar que se apresenta como estrangeiro e, nas cenas de violência sexual contra mulheres, um tanto voyeurístico, abdicando do poder de sugestão das imagens em nome da crueza descritiva. A opção distancia *Baixio das bestas* de um filme admirável com o qual mantém parentesco formal e de visão de mundo: *A humanidade* (1999), do francês Bruno Dumont - que, ao mergulhar em uma cidade no meio do nada onde vive um infanticida, potencializa o horror por abordá-lo via eclipse e, longe do escândalo fácil, obtém resultado devastador.

Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias do Dia do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

ENTREVISTAS ESPECIAIS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU) DE 09-07-2007 A 15-07-2007

Ombudsman e as mediações jornalísticas

Euclides Santos Mendes

Confira nas *Notícias do Dia* 09-07-2007

Qual é o papel do ombudsman hoje no Brasil e no mundo? Esta questão foi estudada por Euclides Santos Mendes na dissertação “*Mediações Jornalísticas na Era da Comunicação de Massa: o ombudsman na imprensa do Brasil e de Portugal*”, discutida na entrevista concedida à *IHU On-Line*.

A não convergência da política monetário-financeira e a do desenvolvimento

Guilherme Delgado

Confira nas *Notícias do Dia* 10-07-2007

A política econômica atual, a distribuição de renda, as reservas internacionais e as dívidas interna e externa são alguns temas abordados na entrevista com o economista Guilherme Delgado.

Uma visão idealista e uma afirmação muito identitária

Entrevista com Luís Carlos Susin

Confira nas *Notícias do Dia* 10-07-2007

“A *Dominus Iesus* é o texto básico que explica todo o processo do atual pontificado, pelo qual também já houve uma porção de crises de interpretação”, afirma o teólogo Luís Carlos Susin. Na entrevista concedida à *IHU On-Line*, ele comenta o documento da Congregação para a Doutrina da Fé.

Movimento das Fábricas Ocupadas: a luta continua

Serge Goulart

Confira nas *Notícias do Dia* 11-07-2007

Serge Goulart, coordenador do Movimento das Fábricas Ocupadas, surgido em Santa Catarina, fala da história do Movimento, das lutas atuais e dos apoios que tem recebido. Para Goulart, mesmo com essa intervenção, “a luta continua; nós estamos lutando para derrubar judicialmente a intervenção à fábrica, pois ela é ilegal, abusiva e evidentemente de cunho político”.

A eclesialidade das igrejas cristãs. Teólogos debatem documento do Vaticano

José Comblin, Walter Altmann e Faustino Teixeira

Confira nas *Notícias do Dia* 12-07-2007

Os teólogos José Comblin, Walter Altmann e Faustino Teixeira analisam o impacto do documento *Motu proprio Summorum Pontificum* em 09-07-2007, que afirma que a Igreja Católica é a única igreja de Cristo.

A UNE aos 70 anos.

Lúcia Stumpf

Confira nas *Notícias do Dia* 13-07-2007

A gaúcha Lúcia Stumpf, nova presidente da UNE, repercute algumas propostas e manifestações apresentadas durante a candidatura, fala das novas e antigas mobilizações e atuações da UNE, do perfil do universitário brasileiro e do desafio que a UNE tem: conseguir dialogar com todas as realidades e interesses

que permeiam a juventude universitária.

Amazônia: grandes estudos nas mãos de cientistas estrangeiros

Wilson de Figueiredo Jardim

Confira nas *Notícias do Dia* 14-07-2007

“A Amazônia e o equilíbrio ambiental: o presente e o futuro” foi o tema da mesa-redonda apresentado pelo professor da Unicamp Wilson de Figueiredo Jardim, o

qual a *IHU On-Line* entrevistou. A palestra foi apresentada na “59ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência”, que aconteceu em Belém, no Pará. Na entrevista, Wilson fala sobre os pontos abordados no evento, tais como o valor econômico da floresta e as mudanças locais, os ciclos do enxofre, o nitrogênio e o mercúrio na região, entre outros.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM PUBLICADOS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

A obsessão pela ditadura do relativismo

Entrevista com Claude Geffré

Confira nas *Notícias do Dia* 09-07-2007

Em entrevista dada à agência italiana *Adista*, o teólogo Claude Geffré analisa a oposição de Roma à concessão de um doutorado *honoris causa*, de parte da Faculdade de teologia católica de Kinshasa, no Congo, feita ao conjunto de sua obra.

O papa libera a missa em latim de antes do Vaticano II

Artigo de Henri Tincq

Confira nas *Notícias Do dia* 10-07-2007

O *Motu proprio* de Bento XVI, que libera a missa em latim, foi uma “bênção” para os católicos conservadores e um “presente envenenado”, para os defensores do Concílio Vaticano II, afirma o vaticanista francês Henri Tincq. O artigo é do *Le Monde*, 07-07-2007.

Quando o missal se torna uma bandeira

Artigo de Enzo Bianchi

Confira nas *Notícias do Dia* 10-07-2007

O monge beneditino Enzo Bianchi publicou artigo no jornal *La Repubblica*, em 08-07-2007. Nele, analisa a repercussão do *Motu proprio Summorum Pontificum* de Bento XVI, questionando: “O missal de Pio V não corre o

risco de ser o porta-voz de reivindicações de uma situação eclesial e social que hoje não mais existe? A missa de Pio V não é para muitos uma missa identitária, preferencial e, por conseguinte, preferida com respeito àquela celebrada pelos outros irmãos, como se a liturgia de Paulo VI fosse carente de elementos essenciais à fé?”.

'Nenhum projeto isolado livra o Brasil de uma crise'

Entrevista com David Zylbersztajn

Confira nas *Notícias do Dia* 10-07-2007

David Zylbersztajn, ex-diretor geral da Agência Nacional de Petróleo (ANP), foi um dos formuladores do programa emergencial de racionamento que impediu uma crise ainda mais grave no fornecimento de energia elétrica em 2001, no Governo FHC. Ele tem visão bastante crítica dos grandes projetos apontados como a saída para a crise de energia. A entrevista foi publicada em *O Estado de S. Paulo*, 10-07-2007.

Por um sistema financeiro social

Artigo de Paul Singer

Confira nas *Notícias do Dia* 10-07-2007

“Apesar de várias medidas de democratização do crédito adotadas pelo atual governo, entre as quais se destaca a sextuplicação do Pronaf, a grande maioria desses necessitados ainda não está sendo atendida”,

escreve Paul Singer, economista, professor titular da Faculdade de Economia e Administração da USP, e secretário nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego, em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, 10-07-2007.

Prioridade do Celam: meio universitário, o mundo da juventude e a questão do meio ambiente

Entrevista com Raymundo Damasceno Assis

Confira nas *Notícias do Dia* 10-07-2007

D. Raymundo Damasceno Assis, novo presidente do Conselho do Episcopado Latino-Americano - Celam - concedeu uma entrevista ao jornalista José Maria Mayrink, enviado especial do jornal *O Estado de S. Paulo*, 12-07-2007. Segundo ele, a prioridade do Celam é o meio universitário, o mundo da juventude e o meio ambiente.

'A universidade periférica não serve nem à classe dominante, nem à classe dominada'.

Renato Dagnino

Confira nas *Notícias do Dia* 13-07-2007

Para o mestre em economia, Renato Dagnino, em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, 13-07-2007, “a universidade periférica não serve nem à elite econômica e política, que a ocupa e controla, nem ao que se vem chamando de movimentos sociais, que nela não podem entrar. Radicalizando ainda mais, para que não caiba dúvida: nem à classe dominante (o que se alude como ‘capital’), nem à classe dominada (o que se denomina ‘trabalho’)”.

A Igreja católica está voltada para si mesma.

Roberto Zwetsch

Confira nas *Notícias do Dia* 13-07-2007

A pedido da *IHU On-Line*, o teólogo luterano Roberto Zwetsch, comenta o documento da Congregação para a Doutrina da Fé divulgado na semana passada e intitulado *Motu proprio Summorum Pontificum*.

Frases da Semana

SÍNTESE DAS FRASES PUBLICADAS DIARIAMENTE NAS *NOTÍCIAS DO DIA* NO SÍTIO DO IHU.

Velhos demônios

“Este texto é capaz de acordar velhos demônios e alguns católicos se perguntarão se ele não constitui um abandono do Concílio Vaticano II” - **Claude Dagens**, bispo de Angoulême, na França, comentando o *Motu proprio* de Bento XVI sobre o missal de Pio V - *Le Monde*, 8-07-2007.

“Sem dúvida, ele (o *Motu proprio* de Bento XVI) vai agravar as divisões. Eu compreendo as exigências de unidade, mas é preciso que alcancemos a unidade sem instrumentalizar a liturgia” - **Claude Dagens**, bispo de Angoulême, na França, comentando o *Motu proprio* de Bento XVI sobre o missal de Pio V - *Le Monde*, 8-07-2007.

“O risco entre os fiéis é real. Para alguns, requerer a missa em latim será como uma bandeira destinada a testar a fidelidade do sacerdote para com o papa” - **Jean-Pierre Ricard**, arcebispo de Bordeaux - *Le Monde*, 8-07-2007.

Renan

“Vão ter que botar a forca lá fora ou a fogueira e pegar o presidente do Senado lá dentro para queimar” - **Renan Calheiros**, presidente do Senado - *Folha de S. Paulo*, 11-07-2007.

“Sabe por que o rebanho do Renan cresce tão rápido? É que ele cruza vaca com coelho!” - **José Simão**, humorista - *Folha de S. Paulo*, 11-07-2007.

“E diz que a vaca do Renan bebe. A Schincariol tá envolvida. Por isso que o rebanho dele cresce: a vaca fica bêbada, dá pra qualquer um! Dá pra todo mundo. E o rebanho cresce!” - **José Simão**, humorista - *Folha de S. Paulo*, 12-07-2007.

“Renan descobriu que não é mais presidente do Congresso. Falta agora perceber que também não é mais presidente do Senado” - **Fernando Gabeira**, deputado federal - PV-RJ - sobre a ausência de Renan na sessão conjunta de deputados e senadores que aprovou a LDO - *Folha de S. Paulo*, 13-07-2007.

“O cara vem de um estado pequeno, mas não tem medo não! O alagoano é, sobretudo, macho. Não vão atropelá-lo! Já justificaram um presidente nosso. Outro, não!” - **Rosinha Jatobá**, prefeita de Jequiá da Praia, Alagoas, sobre Renan Calheiros - blog de **Ricardo Noblat**, 13-07-2007.

“Não é mais um senador de Alagoas que interessa tirar. É a cadeira da presidência do Senado que querem” - **Renan Calheiros**, presidente do Senado - *O Estado de S. Paulo*, 13-07-2007.

“Muita gente no Senado sabe que sou inocente, mas querem me amedrontar para eu me afastar e não terem que sujar as mãos ao cometer o crime de cassar um inocente” - **Renan Calheiros**, presidente do Senado - *O Estado de S. Paulo*, 13-07-2007.

“Bota cera no ouvido” - um **ministro de Lula** a Renan Calheiros quando disse ser muito difícil agüentar calado o bombardeio da oposição - *O Estado de S. Paulo*, 13-07-2007.

“Tire férias com a família e descanse” - Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República a Renan Calheiros - *O Estado de S. Paulo*, 13-07-2007.

“Renan já se comparou a Joana D'Arc, Tiradentes e São Sebastião. Mas a história registra uma diferença fundamental:

nenhum teve o poder, o prestígio, o dinheiro e a capacidade de protelar a própria condenação como o senador” - **Chico Alencar**, deputado federal - PSOL-RJ - sobre as manobras do presidente do Senado para barrar o andamento de seu processo - *Folha de S. Paulo*, 14-07-2007.

Terreiro

“Com todo o respeito ao espiritismo, nem 10 chefes de terreiro, sendo três da Bahia, seriam capazes de fazer um descarrego nesta Casa” - **Romeu Tuma**, senador DEM-SP - *O Estado de S. Paulo*, 14-07-2007.

Brasil imperialista

“Se os Congressos do Brasil e do Paraguai não ratificarem o protocolo até setembro, o presidente Chávez vai retirar adesão ao Mercosul. O Congresso brasileiro atacou a Venezuela, ao criticar ações soberanas do Estado venezuelano. Atuou como um papagaio dos EUA, como disse o presidente Chávez. Por que teve de se meter? Isso foi um insulto e uma ingerência que apenas um império é capaz de fazer” - **Alberto Müller Rojas**, ex-professor de Geopolítica de Chávez na Academia Militar, coordenador da campanha para a primeira eleição de Chávez, em 1998, e coordenador da criação do Partido Socialista Unificado da Venezuela (PSUV), que recentemente discordou do plano de Chávez de profissionalizar as Forças Armadas - *O Estado de S. Paulo*, 9-07-2007.

“Nós estamos dispostos a negociar todas as liberações possíveis. O comércio Brasil-Venezuela é assombroso e bem irregular. O comércio entre os países foi de mais de US\$ 2 bilhões, com déficit de US\$ 900 milhões para nós. O Brasil nem sequer compra petróleo da Venezuela. Isso se deve às tradições imperialistas do Brasil, que existem desde que a Coroa Portuguesa o descobriu” - **Alberto Müller Rojas**, ex-professor de Geopolítica de Chávez na Academia Militar - *O Estado de S. Paulo*, 9-07-2007.

Tro-lo-ló

"Esse câmbio não é resultado das forças do mercado. Isso é tro-lo-ló de economista" - **José Serra**, governador do Estado de São Paulo, pelo PSDB - *Valor*, 11-07-2007.

Irrisórias

"Além de demorar, a agência aplica multas irrisórias que não inibem as companhias aéreas, que continuam cada vez piores" - **Marcos Pó**, assessor técnico do Idec (Instituto Nacional de Defesa do Consumidor) e consultor sobre agências reguladoras, ao comentar a multa ridícula de apenas R\$ 89,8 mil aplicada pela Anac (Agência Nacional de Aviação Civil) às companhias aéreas - *Folha de S. Paulo*, 11-07-2007.

"Essa quantia mínima deixa evidente que as empresas aéreas fazem o que querem e estão trabalhando totalmente desreguladas, já que a Anac (Agência Nacional de Aviação Civil) não está cumprindo seu papel" - **Lucia Helena Salgado**, economista, pesquisadora do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) - *Folha de S. Paulo*, 11-07-2007.

EUA-Brasil

"Os laços diplomáticos dos EUA com Brasil e Chile são extradionariamente bons. As relações com a Argentina são diferentes, mas também boas" - **Condoleezza Rice**, secretária de Estado dos EUA - *Clarín*, 10-07-2007.

Britto

"Talvez eu tenha sido ingênuo ao indicá-lo. Errei e não faria de novo. Os críticos não entenderam que Britto se desligou da política" - **Paulo Odone**, presidente do Grêmio reconhecendo que errou ao convidar Antônio Britto para completar seu mandato no clube e anunciando que ficará no cargo até o fim do ano - *Zero Hora*, 12-07-2007.

Pan

"Espero que dê tudo certo, que os atletas voltem para casa maravilhados com o samba, a caipirinha, a mulher brasileira e a simpatia contagiante do carioca, mas não consigo me empolgar

com um evento que deveria ter custado R\$ 375 milhões e extrapolou o orçamento até chegar em obscenos R\$ 3,7 bilhões" - **Bárbara Gancia**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 13-07-2007.

"Se o Rio passar pelo teste do Pan, podemos competir com Chicago. Se não, apoiamos Chicago, e vocês [jornalistas] estão convidados para o meu esquiteamento" - **César Maia**, prefeito do Rio, conversando com Richard Daley, prefeito de Chicago, cidade que a exemplo do Rio almeja receber a Olimpíada de 2016 - *Folha de S. Paulo*, 13-07-2007.

"Temos o direito de crescer. Nós, nordestinos, não somos apenas exportadores de pobres para os Estados mais ricos, não queremos ser só pedreiros, queremos ser engenheiros, médicos" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *O Estado de S. Paulo*, 13-07-2007.

ACM

"Eu não vou ter mais condições de sair daqui, não é mesmo?" - **Antonio Carlos Magalhães**, senador - DEM-BA, abatido, para uma das enfermeiras que o atendem na UTI do Instituto do Coração (INCOR), em São Paulo - blog de **Ricardo Noblat**, 13-07-2007.

PSOL

"Entre o Banco Mundial e o PSOL há um vínculo importante: ambos denunciam a corrupção. E não deixa de ser bizarro o país onde o único partido que contribui, nesse ponto, para um capitalismo mais sério é um pequeno partido socialista" - **Fernando Gabeira**, deputado federal - PV-RJ - *Folha de S. Paulo*, 14-07-2007.

Centro

"Eu não sou de esquerda, nem de direita. Estou no centro, como candidato apoiados por muitas pessoas" - **Fernando Lugo**, candidato à presidência do Paraguai - *Periodista Digital*, 13-07-2007.

Perfil Popular

Bernadeti Martins

Nascida em Guaíba e criada em Sombrio, Santa Catarina, Bernadeti Martins tem em sua família o maior incentivo para viver e lutar. Depois de uma vida de muitas mudanças de endereço e cinco gravidezes, Bernadeti e o marido Cláudio continuam buscando uma condição financeira mais estável. No momento, Bernadeti está ligada ao projeto da Economia Solidária, coordenado pelo programa Tecnologias Sociais do Instituto Humanitas Unisinos (IHU). Na entrevista a seguir, ela conta sobre sua trajetória pessoal, sobre as dificuldades no trabalho e sobre seus sonhos. Uma das coisas que deixou bem clara é que ajudar o próximo é a sua vocação, e nesse aspecto se realizou na Economia Solidária. Confira a seguir:



Origens - Sou de origem espanhola misturada com índios guaranis, algo que me dá muito orgulho. Tenho 50 anos, nasci em Guaíba, mas passei a infância em Sombrio, Santa Catarina. É a terra que eu amo de paixão: aquela cidade é tudo para mim. Sinto muita saudade de lá, do Morro do Cipó. Sonho até hoje com aquele lugar, tem um significado especial para mim.

Morei com meus pais até os 23 anos. Desde os 16, eu trabalhava fora, em fábricas de calçado, e em Sombrio comecei minha carreira profissional, que é a de costureira de calçados. Eu “pulava” de fábrica em fábrica. Naquele tempo dava para fazer isso; hoje não dá mais. Nas férias, eu aproveitava para ir à praia, arranjava uns namoradinhos. Não dava certo, e eu voltava outra vez. Trabalhava um tempo e pedia demissão do emprego. Dali a 30 dias, eu voltava a trabalhar na mesma empresa de antes. A empresa aceitava porque eu era uma boa funcionária, e eu era readmitida.

Casamento e família - Conheci o Cláudio Rogério, meu marido, num Carnaval, no bolão, no Rio dos Sinos. Eu

estava fantasiada de havaiana, e ele estava sem fantasia. Por isso, até hoje, ele me chama de “havaiana de meia tigela”. Depois de andar por tantos lugares, fui conhecer meu marido assim. Ele morava na mesma rua que eu; nos conhecíamos desde pequenos. Começamos a namorar, noivamos e casamos. Isso sempre sob o controle do pai e da mãe, “dando em cima” do nosso namoro. Eu já tinha 22 anos e ele era um pouco mais novo do que eu. Continuamos o namoro. Papai e mamãe “deixaram”. Depois de quatro anos de noivado, casamos. Um ano e pouco depois do casamento já quisemos ter filhos. Cinco anos depois, veio o segundo filho, e logo em seguida o terceiro. Eu estava amamentando um bebê e esperando outro. Depois tivemos mais outro filho. Tivemos 5 filhos. Eles são uma alegria, mas a situação financeira ficou difícil.

Recém-casados - Quando casamos, fomos morar com meus pais. Nosso noivado foi muito demorado, e meus pais achavam que estávamos juntos há tempo demais, e tinham medo que eu engravidasse. Naquele tempo, isso seria muito complicado. Antes de eu noivar, lembro do

pai dizendo: “Essa guria não arranja namorado. O que será que está acontecendo?”. Eu tinha 23 anos, tinha vontade de sair, me divertir. Foi aí que escutei o pai falar que me levariam para um colégio de freiras. Uma semana depois eu arranjei um namorado, meu atual marido. A gente já se paquerava antes, porque eu já o conhecia, como disse, desde menina. Mas nunca imaginei que seria ele o meu marido. Temos o mesmo sobrenome: Martins.

Mudança para São Leopoldo - Viemos para São Leopoldo. Não há mais tantos empregos hoje como antes. Meu marido tinha dificuldades de arranjar trabalho, um pouco em função da idade. Vamos tocando a vida, com dificuldade, sempre procurando emprego. Às vezes, conseguíamos trabalho longe. Cheguei a trabalhar em Dois Irmãos por dois anos. Depois, trabalhei em Santa Maria do Herval, sempre em fábrica de calçados. É complicado ter que deixar a família para trabalhar. Depois desse tempo todo, perdi o emprego outra vez. A família ficou dividida. Dois filhos foram para Santa Maria do Herval comigo, e os outros ficaram. Na época em que trabalhei em Dois Irmãos, também foi difícil, porque tinha que acordar cedo e chegar tarde em casa. Mas fiz isso por dois anos. Essa foi a minha trajetória. Até que um dia os empregos nas fábricas de calçados acabaram totalmente. E, agora, fazer o quê? Então, comecei a fazer cursinhos de artesanato para ter outra renda. Foi assim que chegamos à economia solidária. Meu marido continuou trabalhando na recepção de um motel em São Leopoldo, onde está até hoje. Foi o único emprego que ele conseguiu. Isso já faz cinco anos, e o trabalho é à noite com folga de um dia por semana. Só sobram algumas horas para nos vermos, porque meu trabalho é de dia. Quando estou em casa, ele está dormindo, e quando ele levanta sobra pouco tempo para conversarmos. Eu também levanto cedo. Não é fácil para a gente, que é casado há 25 anos. Ficamos meio

distantes um do outro em função dos horários. Nos dias de folga é que podemos comentar algo sobre os filhos, que já estão grandes. Alguns estão trabalhando, outros não conseguiram arranjar trabalho ainda.

Economia solidária - Participo dessa caminhada com um grupo de pessoas há dois anos, desde que perdi meu emprego. Para não ficar depressiva em casa, fazia crochê, muito mesmo. Foi quando surgiu a oportunidade de participar do projeto da Economia Solidária. Trabalhamos artesanato, alimentação, fazemos feiras, expomos em praças. Dentro dessa caminhada, sinto-me uma militante da economia solidária. Vesti a camiseta para ajudar a reunir o pessoal e para ter trabalho. Procuo espaço para as pessoas colocarem seu trabalho. Estou fazendo curso de desenvolvimento para a economia solidária. Pena que descobri isso tão tarde. Era algo que já “morava” em mim há mais de 30 anos.

Mudanças constantes - Como meu pai era militar, mudávamos muito de cidade. Quando ele era transferido, a família toda ia junto. Chegou o ponto de eu ter uma “sacolinha” arrumada para, quando o pai voltasse, estar pronta para mais uma mudança. Acredito que isso explica esse meu jeito meio “cigana”. Essas mudanças constantes na infância atrapalharam meus estudos. Não tive boas oportunidades nem alguém que me ajudasse nas tarefas. Minha mãe era analfabeta. Meu pai, com a vida militar, nunca estava em casa. Aprendi a ler sozinha. A vontade era tanta que dei um jeito. Eu não tinha bem seis anos. Um dia descobri que eu já conseguia entender alguma coisa. Fiquei tão feliz! Não cheguei a terminar o Ensino Fundamental. Meu sonho era ser psicóloga, ajudar as pessoas. Aliás, sempre quis ajudar os outros. Não ter completado os estudos é uma mágoa que tenho. Ainda hoje tenho vontade de estudar, mas é tudo muito diferente da minha época, e também é caro.

Infância - Lembro de ir na casa dos meus avós, em Santa Catarina. A minha paixão era ajudar eles a colher fumo, amarrar as folhas, ir para o bananal colher bananas, lavar batatas no açude. Gostava de atizar as galinhas, queria ver o que tinha embaixo delas quando estavam chocando seus ovos. Adorava subir em árvore e um dia me escondi dentro de um depósito de bananas, na casa da vó. Foram me encontrar muito tempo depois, “barriguda” de tanto comer as frutas. Outra coisa que eu gostava muito era de levar o balaio com o café para os meus tios, que estavam no meio da roça, colhendo e cantando. Hoje, quando vejo um agricultor trabalhando, sinto muita saudade da minha infância. Nessa época, eu era filha única. Depois, vieram dois irmãos.

Aliás, sobre meus irmãos, tem algo estranho que eu fiz quando era pequena. Quando o Celito tinha apenas um ano, eu tentei afogá-lo numa valeta. Eu tinha uns 5 anos. Minha mãe pediu para cuidar do mano, e ela foi tomar banho. Ele estava com uma roupinha branca, e atirei-o dentro de uma vala. Fui na mãe correndo dizer que ele tinha caído numa vala. A mãe foi correndo acudir, enrolada numa toalha. Numa outra vez, a mãe pediu para preparar a mamadeira do mano, e eu coloquei sal no leite. Ele começou a vomitar. A mãe me perguntou até que eu contei o que tinha feito. Então, ela pegou pimenta e esfregou no meu rosto, na boca. Dali para frente, todas as vezes que eu aprontava ela passava pimenta em mim. Hoje, quando meu irmão e eu conversamos sobre isso, damos muitas risadas. Era coisa de criança...

Significado da família - Se eu fosse uma árvore, a família seria a minha raiz. Se eu não tiver ela por perto, vou secar, morrer. Essas pessoas são a coisa mais importante que existem; penso nelas o tempo todo. São a minha segurança.

Alegrias e tristezas da vida - Alegrias da vida? O nascimento de cada bebê. Para mim, ficar grávida era um prazer; eu me sentia linda. Se um pudesse, teria ainda mais filhos. Mas agora não posso mais. Na última gravidez, perdi o bebê. Ele estava pronto para nascer. Tinha nove meses e seria nosso quinto filho. Pensei em adotar um bebê quando isso aconteceu. Eu tinha muito leite, e havia uma menina que foi abandonada no hospital quando aconteceu aquilo tudo comigo. Até hoje é algo que me faz sofrer, e, quando estou sozinha, essas coisas voltam na minha cabeça. Outro fato muito triste foi a perda de um netinho. Minha filha mais velha engravidou, e perdeu o bebê de sete meses. O bebê não tinha a uretra. Foi feito um aborto com ordem judicial, já que o problema era gravíssimo.

Religião - Sou batizada na Igreja Católica, mas, depois de uma certa idade, escolhi ser evangélica. Mas posso dizer que sou mística. Acredito em tudo. Tenho curiosidade em conhecer as diferentes religiões. Mas penso que Deus é um só. Quando preciso dele, Ele é tão poderoso que está sempre por perto para me socorrer.

Política - Nunca dei bola para política, não me interessa. Mas agora, ao entrar na Economia Solidária, é que estou conhecendo mais sobre política e entendendo melhor tudo isso.

Planos para o futuro - Fazer uma cooperativa, na qual várias pessoas trabalhem juntas e se apoiem. Esse é um trabalho para mim e para o próximo. Penso, ainda, em ter uma creche junto dessa cooperativa, para que as crianças tenham algum lugar para ficar enquanto as mães trabalham. Sou muito preocupada com os jovens, com o futuro que terão. É triste ver um jovem se drogar e andar por aí, sem destino.

IHU REPÓRTER

Liu Chiu Chih

Liu Chiu Chih, no Brasil mais conhecida como Jéssica, é natural de Taiwan, e há quatro anos é professora de Mandarim, no Unilínguas. Com 41 anos, Jéssica conta que uma das coisas que mais lhe dá prazer na vida é estudar e aprender sempre. No IHU Repórter desta edição, nossa convidada conta quais são as dificuldades encontradas ao mudar-se para o Brasil, e fala sobre trabalho, família e seus sonhos. Confira:



Origens - Eu nasci em Taiwan, na cidade de Zhanghuà, que está localizada no interior de Taiwan. Morei nessa região enquanto cursava o primeiro, o segundo e o terceiro grau.¹ Quando comecei a estudar no terceiro grau, mudei para a cidade maior. Em Taiwan, nas cidades maiores, as escolas sempre são melhores.

Ensinos da família - Minha família é bem legal e simples. Somos cinco filhos, e eu sou a segunda. Atualmente, apenas uma das minhas irmãs mora no Brasil. Meu pai é professor e já tem 68 anos. Ele é um bom pai. Antigamente, na China, os pais eram mais sérios. O meu é assim. Ele não fala muito. Mas, se há um momento importante, para dar um conselho, ele sempre aconselha. Eu lembro que, quando eu estava no primeiro grau, ele me deu dinheiro para comprar lanche durante quatro dias, mas eu gastei tudo num dia só. Quando cheguei em casa, ele perguntou se eu tinha guardado o troco. Eu menti, e ele percebeu nos meus olhos que não

era verdade. Ele sempre foi muito sábio. Olhou nos meus olhos e perguntou com calma: “É verdade?”. Eu não conseguia olhar nos olhos dele, e repeti que tinha guardado o dinheiro. Ele pediu para mostrar o troco. Naquele momento, eu falei: “Pai, desculpe, eu gastei tudo”. Meu pai não me xingou. Mas ele, com calma, falou: “Pai deu dinheiro para você usar. Quando você usar, pode falar, e não precisa mentir”. Até hoje, eu lembro desse momento, e fui muito influenciada por isso. Desde então, essa atitude faz parte da minha personalidade. O que é certo é certo, o que é errado é errado. Aprendi com meu pai a não ter vergonha de confessar quando estou errada.

Lições - Quando meu irmão estudava no segundo grau, ele sempre comprava biscoito para nós, que éramos irmãos mais novos. Eu, mesmo pequena, ficava me perguntando, como ele conseguia ter dinheiro para comprar biscoitos todos os dias, já que a família era pobre. Meu pai, certa vez, comprou um cofre de porco para guardarmos dinheiro. Com o tempo, ele percebeu

¹ Na China, primeiro grau corresponde a seis anos de estudo. Segundo e terceiro grau compreendem mais três anos. (Nota da *IHU On-Line*)

que o porco estava cada vez mais leve. E, então, imaginou que tinha algum problema. Mas, sempre que ele via que algo estava errado, não ficava brabo: nos ensinava e nos corrigia. Nesse dia, à meia noite, ele acordou todos os filhos e perguntou quem tinha pegado as moedas do cofrinho. Todas as crianças ficaram nervosas. Ele continuava sério e perguntava quem tinha pegado o dinheiro. Meu irmão confessou. Então, meu pai pediu para ele procurar um pedaço de madeira e bateu bem forte na mão dele. Esse era um castigo para ele aprender a não pegar as coisas dos outros e não mentir. Hoje, meu irmão é secretário de educação em Taipe, cidade de Taiwan.

Estudos - Na universidade, estudei Direito. Eu não escolhi fazer esse curso. Mas em Taiwan, a faculdade é diferente da do Brasil. Em cada ano, os estudantes, de todas as escolas particulares e públicas prestam vestibular. Nós preenchemos uma ficha, citando quais cursos gostaríamos de cursar, e, de acordo com as notas das provas, somos selecionados. Eu queria estudar Comércio Exterior e Administração, porque na minha família ninguém estudava Direito. Mas fui selecionada para fazer este curso. Em Taiwan, tem pessoas muito sábias, que sabem do destino das outras pessoas. E uma delas acreditou na minha vida e disse que eu conseguiria passar num concurso, depois que terminasse a faculdade. Então, minha mãe falou: “Estuda”. E eu estudei Direito. Depois que me formei, fiz um concurso para trabalhar como advogada num tabelionato. Em Taiwan, diferente do Brasil, o tabelionato é público, é um setor que pertence ao Tribunal. Trabalhei lá durante seis anos. Eu gosto do Direito, mas acho que o ambiente de trabalho é complicado. Não é puro e nem tão verdadeiro.

Despedida - Quando meu marido Juliano e eu resolvemos vir para o Brasil, a nossa família chorou bastante, porque todos dela acham o País muito longe.

Eu não tive medo de mudar, só pensava em como começar uma vida aqui. Meu sogro e minha sogra vieram nos visitar no ano passado. Eles gostaram muito daqui, acharam o ar muito puro, o ambiente claro e grande. Talvez eles venham morar no Brasil. Nesses 10 anos que moramos aqui, fomos três vezes para Taiwan, visitar a família que vive lá.

Português - Quando eu cheguei no Brasil, falava inglês. Mas há tempo não pratico, então já esqueci bastante coisa. Começamos a estudar os livros de português, conversamos com amigos e também pagamos um professor para nos ensinar. Português para nós é muito difícil. Mais difícil do que inglês. A conjugação é bastante complicada. Na língua chinesa, a gramática é muito simples, não tem conjugação. Verbo não tem passado, futuro ou presente. Plural e singular é tudo a mesma coisa. Por isso, a gente acha difícil essa língua. Perguntamo-nos: “Por que o português é tão complicado?”.

Brasil - Um amigo meu viajou muito pelo Sul da América Latina, e disse que o Brasil era um lugar puro e que a energia aqui era boa. Em seguida, eu também vim para cá, no ano de 1997. Morei em Foz do Iguaçu, e trabalhei numa escola de chineses, no Paraguai, onde faltavam professores. Essa escola tinha uma parceria com o Governo de Taiwan, e era composta por 200 alunos, filhos de chineses. No início, viver no Brasil foi bastante difícil. Eu não sabia falar português. Meu marido e eu conhecemos, em Foz do Iguaçu, muitos gaúchos e tínhamos curiosidade em saber onde ficava o Rio Grande do Sul. Os gaúchos que moravam lá contavam que esse era um estado muito bom. Curiosos, viemos conhecê-lo. Achamos que esse é um lugar puro do Brasil. Eu senti que esse estado era bem conhecido e as pessoas eram simpáticas. Então, nós compramos uma casa, e nos mudamos para São Leopoldo, em 2001.

Aulas de mandarim no Brasil - Quando viemos para o Rio Grande do Sul, foi difícil arrumar emprego. Ninguém queria aprender mandarim, naquela época. Como nós somos formados em Direito, ficava mais difícil, porque aqui o curso não é reconhecido, pois a lei é outra. Nós achamos a língua brasileira bastante interessante e começamos a visitar todas as universidades da região, apresentando a proposta para dar aula de mandarim. Começamos a dar aula na PUCRS, mas foi só por um semestre, pois não tinham muitos alunos. Mas nós continuamos a dar aula particular para descendentes de chineses. Naquele momento, os pais gostariam que os filhos conhecessem a cultura chinesa e insistiam para que eles fizessem aula. Entretanto, os adolescentes não queriam aprender. Eles sabem falar, mas não querem escrever. Então, eu e meu marido pensamos que era melhor dar aula para brasileiros. Depois que o ex-governador do Rio Grande do Sul, Germano Rigotto, visitou a China, aumentou o número de alunos, em Porto Alegre. Em seguida, a Unisinos ligou para meu marido, nos convidando para trabalhar aqui. Eu disse para ele que a Unisinos era bem organizada, então viemos trabalhar aqui na universidade. Há quatro anos estamos nela, e trabalhamos na nossa escola, em Porto Alegre, que se chama Kô tai tai.¹

Família - O mais importante na vida é a responsabilidade. Temos que aprender a construir uma família feliz, com serenidade. Antigamente, apenas os homens trabalhavam. Hoje, mulheres também trabalham e têm a mesma capacidade que os homens. Mas é cada vez mais difícil homem e mulher viverem juntos, por isso os dois têm que pensar em como viver juntos, e como construir uma família feliz. É importante ter amor ao construir uma família. Os filhos gostam quando pai e mãe

¹ Kô tai tai significa “senhora” e Kô é o sobrenome do marido de Liu.
(Nota da *IHU On-Line*)

ficam bem, e não brigam. É importante aprender a tolerar. Uma vez vi minhas filhas conversando. Elas diziam que quando pai e mãe não brigam é ótimo. Um amiguinho delas perguntou qual é o momento mais alegre delas e elas responderam “Quando pai e mãe estão felizes”.

Filhos - Eu tenho duas filhas, que são brasileiras. A mais velha tem 10 anos e a mais nova, seis. Antes de entrar na escola, elas só aprenderam mandarim. Os filhos de nossos amigos brasileiros ensinaram algumas palavras para elas. Mas foi na pré-escola que elas começaram a aprender o português. Agora as duas falam português e mandarim. A mais velha não tem mais sotaque.

Futuro para filhas - Eu sempre falei para minhas filhas: “Na sua vida, você tem capacidade para viver, e, para viver feliz, o espírito tem que crescer, e não só o corpo físico”. Quero que elas tenham uma família feliz. Eu vou ensinar, mas elas têm que saber como construir uma família feliz.

Ser mãe - Para uma mulher, ser mãe é muito importante, pois ela tem muita responsabilidade. A mãe é um anjo ao lado de Deus, que está presente para cuidar de mais um ser humano.

Diferenças entre Brasil e Taiwan - A escola em Taiwan é mais séria e o trabalho na escola é mais pesado. Os professores são diferentes. Lá, eles são mais sérios. Não cuidam só do conhecimento, mas também de regras e disciplinas. Aqui no Brasil, os professores são mais amigos dos alunos. Isso é uma questão cultural. As pessoas orientais, em geral, são mais fechadas. Os brasileiros são mais simpáticos e têm facilidade em aceitar outras culturas. Por exemplo, quando um estrangeiro vai a Taiwan, é mais difícil se relacionar. Parece que os brasileiros não acham que os outros são estrangeiros. Um

amigo meu diz que todos no Brasil são estrangeiros, imigrantes. Ele brinca que os brasileiros chegaram mais cedo e nós, chineses, mais tarde. Desde que cheguei aqui, percebi que os brasileiros têm o coração bem grande. Eles não são arrogantes. O Brasil é muito interessante.

Filme - Um filme que marcou no meu coração foi *Huo Zhe*. Esse filme conta a história da conquista da China. Gosto muito de outro filme que conta a história dos negros no Estados Unidos, *Homens de honra*. O ator principal é um soldado negro. As pessoas não gostavam dele. E, com vontade e persistência, ele ganhou respeito da população.

Livro - Eu gosto do livro *The servant*, que conta a história da América e fala da reforma de pensamento.

Lazer - Eu gosto de estudar e ajudar minhas filhas nos estudos. Minha família gosta muito de se reunir com amigos brasileiros para conversar e aprender junto com eles.

Esporte - Eu gosto muito de correr na rua. Eu corro perto da minha casa. Ali, tem um espaço bom para correr.

Animais de estimação - Não tenho, porque tenho medo. Em Taiwan, poucas pessoas têm animais de estimação. Quando cheguei ao Brasil, fiquei impressionada, pois as pessoas gostam muito de cachorros. Aqui as pessoas têm muito mais amor pelos animais.

Política - Acho que a política brasileira ainda tem espaço e tempo para melhorar. O Brasil só tem 500 anos. Acho importante ter um governo bom, e eu tenho esperança de que os políticos possam fazer alguma coisa

boa para o povo. Penso que a situação do povo brasileiro vai melhorar. É preciso que as pessoas tenham mais amor no coração. Aí, mais cedo o País ficará organizado.

Fé - Eu acredito em Deus. É importante acreditar nele. A nossa força vem de Deus.

Religião - Em Taiwan, a maioria das pessoas são budistas, taoístas ou confucionistas. No Brasil, independente da religião, as pessoas acreditam muito em Jesus, e eu acho isso muito bom.

Unisinos - Enquanto faculdade, eu não sei, pois não conheço. Mas o Unilínguas, onde trabalho, acho que é muito organizado e verdadeiro. O campus da universidade é muito bom, e tem uma boa energia. No entanto, eu acho que as universidades em geral, aqui no Brasil, são muito caras. A educação aqui é cara. Eu também tenho esperança de que um dia o Brasil vai cuidar mais da educação da população. Se quiserem ter uma educação boa, primeiro tem que ter professores bons. Mas, para isso, o governo precisa pagar salários bons. Se o salário é muito baixo, como ter professores bons?

Sonhos - Meu sonho é conseguir, com o tempo, sabedoria. Quero ter cada vez mais amor, e coração puro. Eu penso, sempre, em ser uma professora boa, uma mãe boa, uma esposa boa. Eu quero sempre aprender.

Mensagem - Em Taiwan, se diz muito que é necessário 10 anos para cultivar um hábito e 100 anos para cultivar os povos. E a base é a educação. Por isso, a educação é muito importante para um país se criar forte. As pessoas precisam ter sabedoria.